



RIO DE JANEIRO
JULHO DE 1921

Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

Propriedade da Sociedade Anonyma O MALHO

Rua do Ouvidor, 104 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

Para o Brazil

Um anno 30\$000
Seis mezes. 16\$000

Para o Estrangeiro

Um anno 36\$000

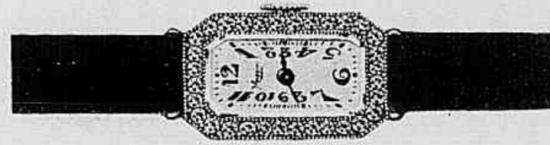
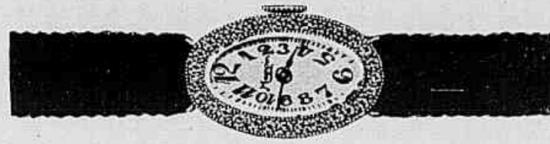
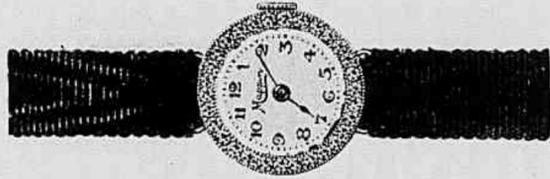
Não ha assignatura de semestre.

Os exemplares para os Srs. assignantes são enviados pelo correio, sob registo.

NUMEROS AVULSOS

No Rio. 2\$000
Nos Estados 2\$500
Atrazados 3\$000

A correspondencia sobre assignaturas e remessa de numeros deve ser dirigida ao director-gerente A. SERGIO DA SILVA JUNIOR. Collaboração litteraria, artistica ou photographica, ao director-secretario ALVARO MOREYRA.



100 OUVRIER

RIO DE JANEIRO

JOALHEIROS

MAPPIN & WEBB
(Brazil) Ltd

Ilustração Brasileira

Texto e gravuras deste numero :

DIALOGO SEM CONSEQUENCIAS (Alvaro Moreyra).
ESTADO DE S. PAULO : VELHO COLONO.
O PRINCIPE DOS POETAS FRANCEZES.
TEMPORADA LYRICA : TURNO A (Desenho de Di Cavalca^{tti}).
BARBARA HELIODORA (Jorge Jobim).
FAMILIA DE INDIOS CELEBRANDO A FESTA DO FOGO.
CAMISA DE SANGUE (Gustavo Barroso).
O HOMEM E A FERA (Esculptura de Després).
O REGRESSO DE ULYSSES (Elysio de Carvalho).
O RIO PITTORESCO.
O GALANTEADOR DO IMPERIO (Oswaldo Orico).
LUCTA (Leopoldo Brigido).
ESTADO DO RIO — IGREJA MATRIZ DE S. FIDELIS.
SENHORA ANTHERO PINTO DE ALMEIDA.
NO MINISTERIO DA VIAÇÃO.
O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO PERU.
COLHEITA DO CAFE' EM S. PAULO.
MUNDO DIPLOMATICO.
MOSTRAS DE ARTE (Adalberto Mattos).
EM TORNO DA CONVENÇÃO DE 1921 (Mozart Lago).
CARTAS DE FERNANDO E LAURA.
SOCIEDADE.
ANNIE BESANT E A SUA VIDA.
A PRIMEIRA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA DA AMERICA DO SUL (Annibal Fernandes).
ESTADO DE MINAS GERAES : DANSA DOS VELHOS.
FOLK-LORE ONOMATOPAIICO (João do Norte).
PETROPOLIS.
MUSICA (Julio Reis).
14 DE JULHO DE 1789 (Desenho de Argemiro Cunha).
A RENUNCIA (Claudio de Souza).

CASA AMERICA E JAPÃO

CHAVES & HUE

Grande exposição de:

Mobílias de junco para varandas.

Guarda-sol para praias.

Balanços duplos para jardins.

Vasos americanos para jardins.

ENORME SORTIMENTO DE ARTIGOS DE JOGO

Objectos de luxo, para adornos e presentes

74, Rua do Ouvidor, 74

RIO DE JANEIRO

INSTALLAÇÕES ELECTRICAS

As mais perfeitas e mais economicas, fazem-se com toda rapidez.



Orçamentos gratis

Material electrico de toda qualidade.

Temos sempre as ultimas novidades

Não façam instalações nem comprem material electrico sem visitar nossa casa.

Teixeira, Pinto & C.

Rua Rodrigo Silva n. 16
RIO

Telephone Central 1019

VEJAM OS PREÇOS

Joalheria Mascotte!

Praça Tiradentes, 44

A. N. Silva & Cia.

Sortimento completo em joias finas e relógios.

Chapéos de sol, bengalas, artigos para presentes, prata, metal e bronze.

TELEPHONE C. 3056

RIO DE JANEIRO

Studebaker

Esqueçamos o Cambio

A nova tabella de preços dos automoveis STUDEBAKER, que entra a vigorar hoje, está calculada segundo uma taxa de cambio normal.

BIG-SIX	SPECIAL-SIX	LIGHT-SIX
15:750\$000	12:600\$000,	11:000\$000

ESTES preços são por carro com rodas de madeira e incluem magneto de alta tensão, e cinco pneus de Cord.

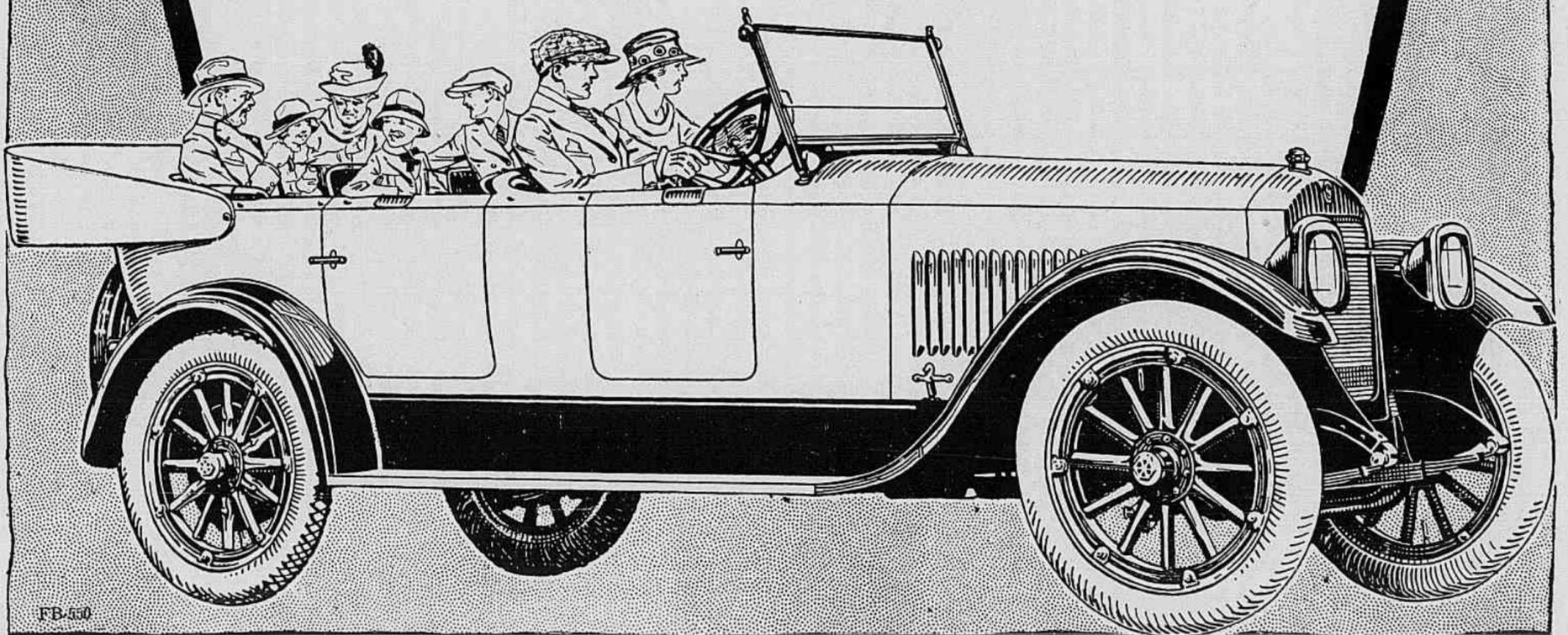
QUEM pretender adquirir um carro não deve adiar a vantagem que offerecemos, pois a nova tabella está sujeita a alterações sem aviso previo.

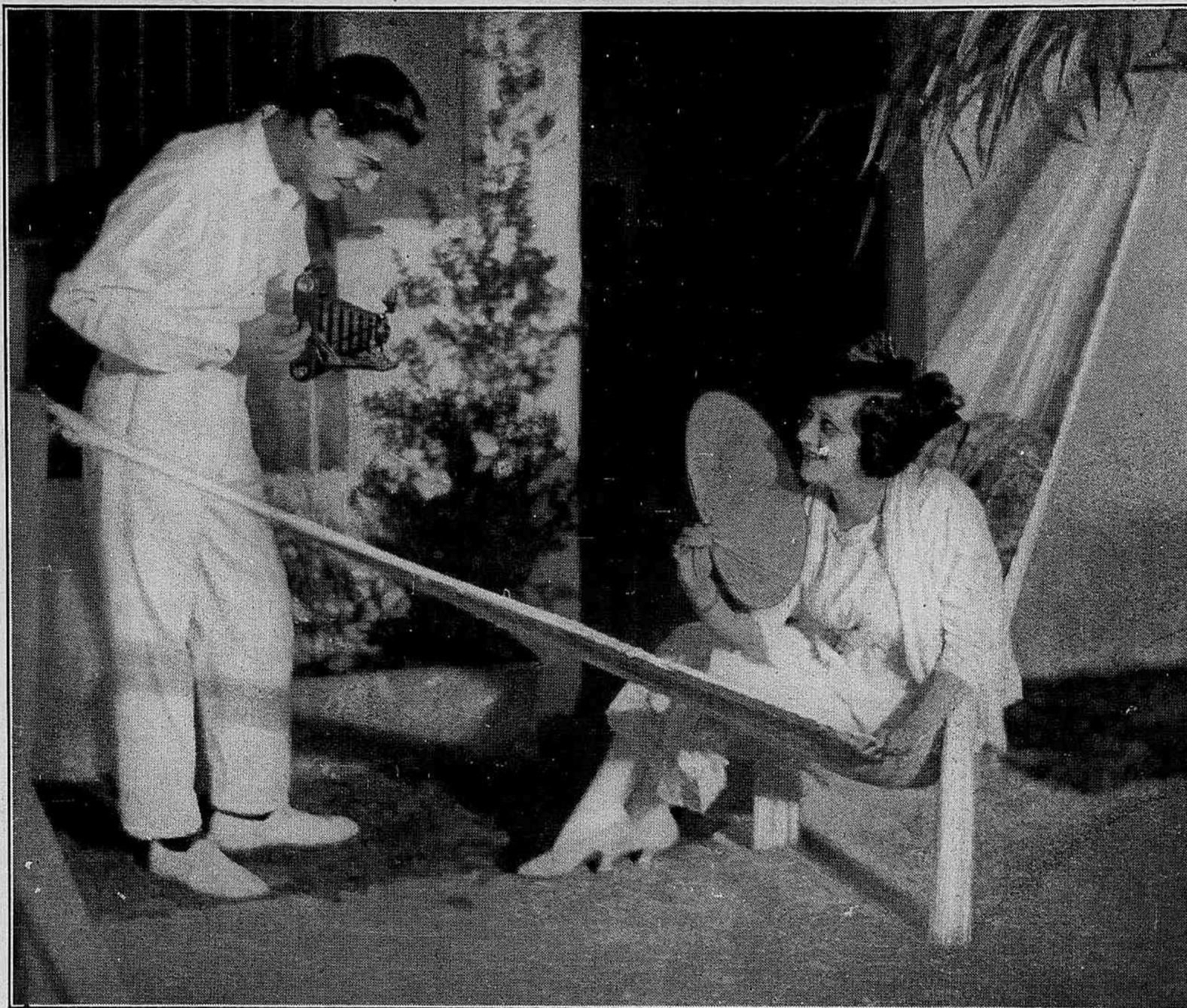
Com muito gosto demonstraremos aos interessados as esplendidas qualidades do carro STUDEBAKER.

Studebaker do Brazil (S. A.)

Av. Rio Branco 180
Tel.: Central 5497

Est. de serviço
Cães do Porto 833
Tel.: Norte 3769





Uma moça formosa balançando-se placidamente n'uma rede, e uma

KODAK

prompta a apanhar a fugacidade de seu sorriso, eis tudo quanto se exige para fazer um sympathico retrato.

Duplo é o prazer que se obtem com a Kodak: o divertimento em tirar a photographia e o em possuil-a.

A machina Kodak é de facil manejo, e além disso é «auto-graphica». Depois de disparado o obturador, escreve-se na pellicula o titulo e a data.

Rua Camerino 95

KODAK BRASILEIRA LTD.
Rio de Janeiro

Caixa postal 849

Instrução Brasileira

REVISTA MENSAL
Anno 8 — Numero 11

Propriedade da
Sociedade Anonyma O MALHO

RIO DE JANEIRO
Julho de MCMXXI

Dialogo sem consequencias...

— O Sr. está triste...

— Estou a pensar que não ha, de certo, em todo o planeta, uma terra que seja menos patria do que o Brazil. As populações incultas, que enchem as cidades, as villas, os logarejos, os pontos esquecidos deste paiz, vivem inconscientes, dentro de um egoismo fantastico, do qual despertam, vagamente, ás vezes, e logo adormecem, de novo, sob o peso de um somno quasi irracional.

— Oh ! irracional ?...

— Em livros, em jornaes, em discursos, tem-se affirmado que os brasileiros, na maioria, são assim, pela differença das raças que os constituiram, pelas doenças que os perseguem na variedade dos aspectos naturaes, onde nasceram, e por vastos outros motivos... Todos juntos, esses motivos não fazem a verdade deste : uma penosa, angustiante ignorancia domina e esmaga a população nacional. Dahi a ausencia de uma alma, formada de todas as almas individuaes e estendida, una, dos centros mais importantes aos mais obscuros recantos. Dahi a miseria dos simples, a exploração dos espartos, o jogo dos interesses infimos, a ausencia de solidariedade.

— Como o Sr. se excita, meu amigo !...

— Não ha muito, por occasião do sorteio militar, na guarnição de São Gabriel, cidade do Rio Grande do Sul, os officiaes, quando receberam as primeiras turmas de sorteados, estabeleceram um inquerito, que deu resultados acabrunhadores. Dos inscriptos, brasileiros natos e filhos de brasileiros, 60 por cento não tinham a mais ligeira noção da nossa grandeza territorial; 47 por cento desconheciam a nossa fórma de governo; 74 por cento eram analfabetos e não sabiam a residencia official do presidente da Republica, e 87 por cento nunca ouviram o nome do Barão do Rio Branco. Isso no Rio Grande do Sul, um dos poucos Estados que se preocupam com a instrucção. Nem se precisa imaginar o que surgiria de um inquerito semelhante tentado em guarnições de outros Estados.

— A ignorancia não será um bem ?

— A ignorancia afasta o homem do seu destino, torna-o num ser tão lastimavel quanto ridiculo. A instrucção traz a educação, e traz a bondade e o amor e esta alegria de bem comprehender, de bem sentir, de bem pensar, que é a nossa parte de divindade no exilio do mundo. Mas, a peor ignorancia do Brazil não é, talvez, a dos analfabetos. Muito mais nefasta, creio a dos que só aprenderam a ler para ler tolices. Parece-me muito mais desastrosa, a ignorancia dos que têm e espalham noções erroneas sobre tudo e sobre todos.

— O professor Georges Dumas, que passou entre nós alguns mezes de 1918, disse que, "o brasileiro é um typo de escól, cultissimo, de maneiras as mais agradaveis..."

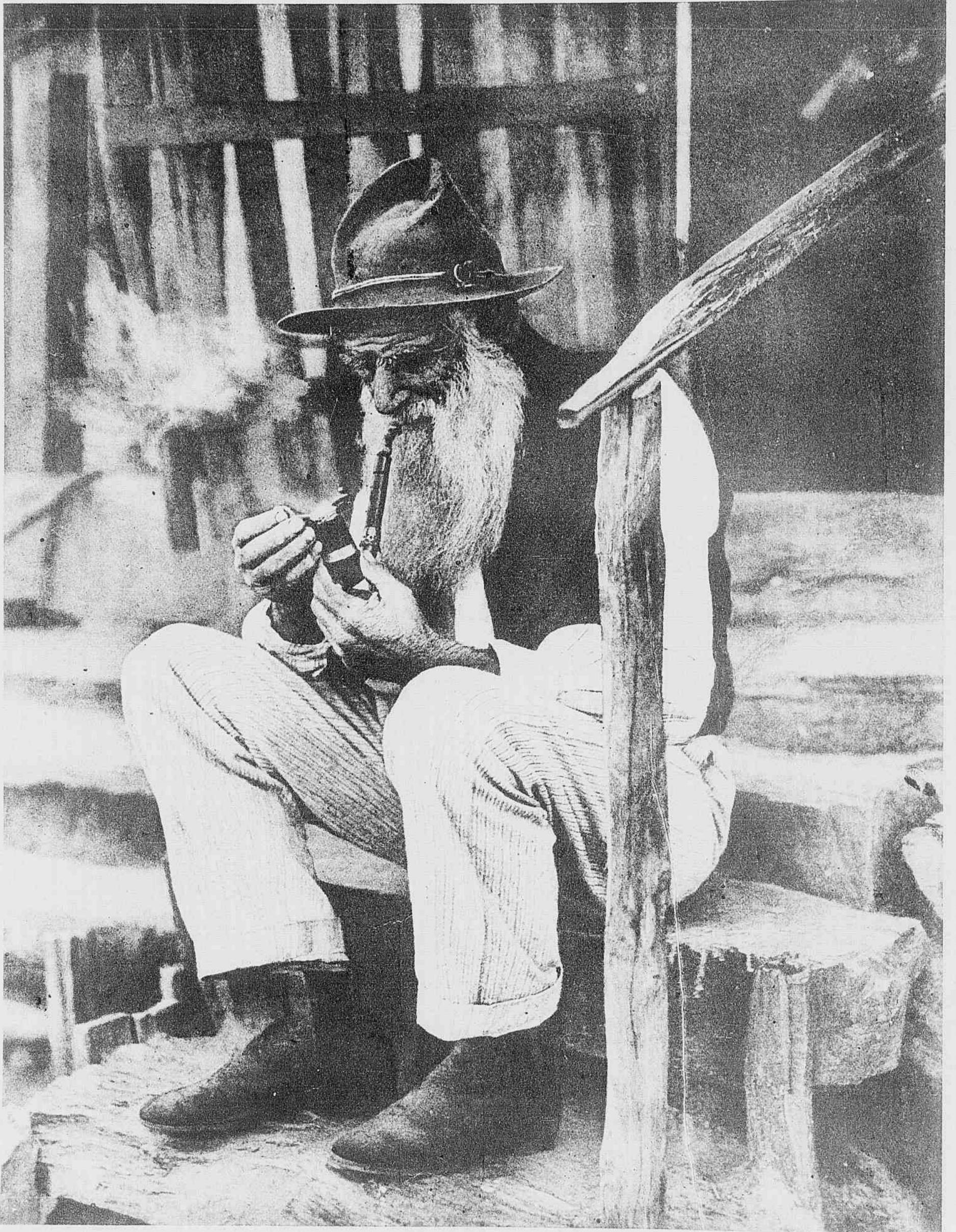
— O Sr. Georges Dumas conheceu o alto mundo intellectual, a nossa elite, a minoria... os doutores... Se conhecesse os outros, havia de concordar com o solitario das Pedras Altas, a quem a ironia não impede de ser um dos raros homens uteis que possuímos : "O Brazil tem uma aristocracia que, como todas, é uma praga: a aristocracia dos doutores. Qual o modo de acabar com ella ? Enforcar os doutores ? Não. E' fazer todo mundo doutor, ou melhor, simplificar o problema pela suppressão desse impertinente, que obriga a *dobrar a lingua* no fim da palavra, e fazer com que todo mundo seja apenas douto".

— Apenas...

— Devemos esclarecer a pobre humanidade do Brazil !

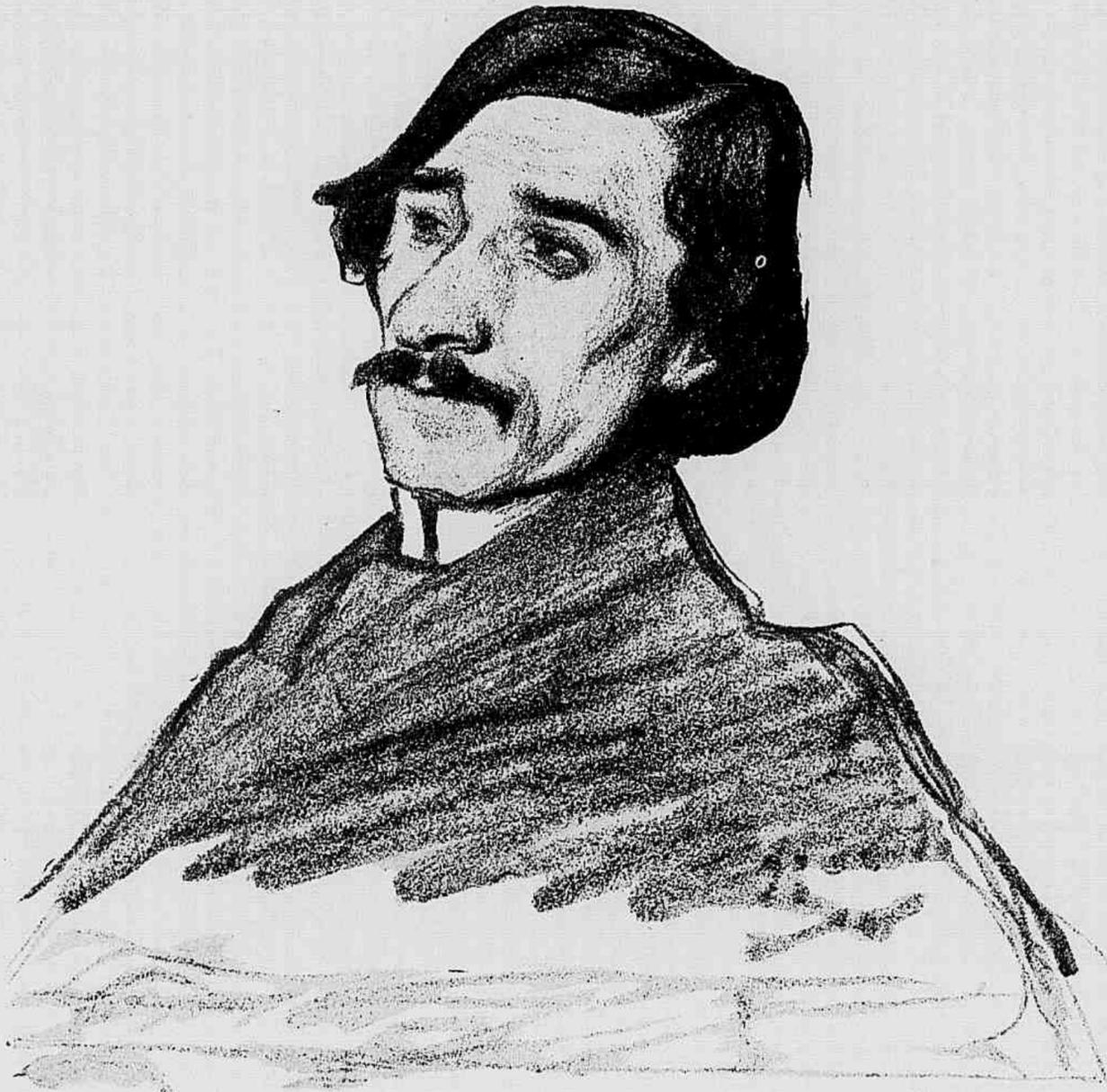
— Meu amigo, como o velho Fontenelle, eu sou educado de mais para servir de apostolo. Peço-lhe desculpa. Não o acompanharei nesse esclarecimento...

ALVARO MOREYRA.



ESTABO DI SMO TALLO VILLO CAGNO

○ PRINCIPE DOS POETAS FRANCEZES



PAUL FORT — DESENHO DE HENRI BATAILLE, EM "TÊTES ET PENSÉES"

Está no Rio, onde tem realizado conferencias, Paul Fort, o Principe dos Poetas Francezes, e, certamente, com Henri de Régnier e Viellé-Griffin, uma das mais bellas vozes que cantam na grande terra latina. Elle nasceu em Reims, em 1872. Aos dezoito annos, fundou o "Théâtre d'Art", chamado, hoje, o theatro de "L'Oeuvre", no qual foram postas em scena, para um publico de pouco numero, mas muita intelligencia, obras de Marlowe, Shelley, Maeterlinck, Verlaine, Van Lerberghe, Pierre Quillard, Remy de Gourmont. Fundou, tambem, e dirigiu varias revistas de literatura e poesia, que são, agora, preciosidades para os bibliophilos. A sua obra é grande, toda publicada sob o titulo geral de "Ballades Françaises", numa fórma nova de um rythmo inconfundivel. Do autor das "Ballades Françaises" escreveu Octave Béliard: "Paul Fort est un masque et je sais bien ce qu'il y a dessous: il y a le demon familier de la terre de France".

C'EST L'HEURE...

C'est l'heure où Pan, rêveur, siffle dans la forêt. Le rossignol caché lui répond; et leurs trilles montent, se poursuivant dans les arbres qui brillent, tant pour les écouter, la lune est venue près.

Le satyre s'est tu, et l'oiseau se lamente... Plus un bruit... Hors des sources, les naïades, ont sauté, d'un saut si doux qu'un fauve ne fut pas éveillé. Elles courent! Dans la plaine est-ce un berger qui chante?

Pan hume, autour de lui, l'agréable vapeur qui se répand sous bois, de tant d'épaules nues, et suit, jusqu'à l'orée, le sillage d'odeur de Galatée furtive, et qu'il a reconnue.

Toutes, sur la lisière, sont couchées attentives à de grands bruits secrets, dans l'horizon perdus, et le satyre, inquiet, se penche pour ravir un chant que n'entend pas son oreille poilue.

Il s'est précipité, grim pant au plus haut chêne qui tord ses noirs rameaux sur le ciel étoilé. Vif, il atteint la cime par les vents dépouillée, et ses regards phosphorescents fouillent la plaine.

Toute la terre est nue jusqu'à l'horizon courbe, où la plaine se fond aux regards; et nul arbre, nul foyer, nul troupeau, nulles formes ne bougent: au clair de la lune la plaine herbeuse luit comme un marbre.

Sur sa branche craquante, et sifflant, Pan trépigne, et la forêt profonde, feuille à feuille, frémit. Haussant leurs cornes d'or, qui trouent l'argent des cimes, mille têtes crépues émergent autour de lui.

Le dos de la forêt grouille de toisons fauves; le grand chêne panique en est comme échevelé. Les feuilles sont des mains; chaque branche est un fauve auquel des mains s'agrippent, qui veulent se hisser!...

(Ballades Françaises, IV série.)

LE PRINTEMPS DANS LA PLAINE

Printemps enveloppé des mélodies des brises, je vois de ma fenêtre se bercer tes rameaux,

les peupliers, les hêtres se saluer au ciel, tandis qu'au bord de l'eau se saluent les ormeaux.

Que ce fleuve est léger qu'emportent les zéphyr, avec tous ses reflets, ses roseaux, ses courlis!

Tout là-bas des vergers, blancs sous de noirs nuages, vont au bout de la plaine glisser sous l'arc-en-ciel.

Et tout là-bas, je vois — où miroite une église, où brillent des tourelles couleur de tourterelle —

les premiers cerfs-volants voler sur une ville, si légère, qu'ils semblent la bercer au soleil.

Oh! je vois sous ses murs, j'aperçois, dans la plaine, la Fontaine-au-cheval qui se myosotise!

L'air est si frais, si pur et si virginisé: on dirait que des palmes frémissent dans mon ame.

Ma vie est plus légère que ce petit nuage posé sur l'arc-en-ciel. Il est en équilibre.

O premières étoiles, bercez ma vie légère! Vos rayons invisibles la soulèvent dans l'air,

où ce sont les zéphyr?... Ah! je veux que mon ame, en sa félicité, se répande en rosée,

afin que dans la plaine ce couple d'amoureux, qui puise en la fontaine un plein seau de fleurs bleres,

me puise en la fontaine — où la ville se mire, où tremblent des tourelles couleur de tourterelle.

(Ballades Françaises, XIII série.)

MUSES, JE CHANTE...

Muses, je chante et me proclame à voix hautaine, contre tous prétendants, roi de Pissefontaine, — Seigneur, si vous voulez, mais roi ce n'est pas trop. Je fonce la lance au poing sur les godé-lureaux qui viendraient tout armés, le fussent-ils de litres, à travers champs et vignes me disputer ce titre.

Qui mieux que moi se plaît à chanter ce village amant des clairs matins et le plus haut juché, dont vingt coqs sur les toits, à défaut de clocher, lui font dire le premier bonjour au paysage? Qui passe des journées heureuses dans l'air libre à le voir sur son roc tenir en équilibre, à compter ses maisons, sautant les arbrisseaux, comme un troupeau léger de gais petits chevreaux?

C'est moi. N'est-ce pas moi — vous faut-il d'autres preuves? Allons boire et souffrez qu'en buvant je les treuve — qui descends à l'aurore, et magnifique et digne, le mollet caressé par la vrille des vignes, les grains de la rosée roulant sur le mantel, vers l'Estaminet bleu dont j'ai fait mon castel, et, verre en main, dehors, sans craindre les coups de cornes, chipe au mari dormant sa jolie maritorne (eh! oui, pour un instant fleuri de baisers sages, car de l'œil seulement j'use du droit de jambage), puis dans un rocking-chair plongé royalement — ce trône qu'un Anglais nous laissa pour paiement — regarde, sur la place, avec béatitude, les tilleuls frissonner comme à leur habitude, et, dans les chemins creux mes sujets, les marmots, roder jusqu'à Triel des futs de picolo, — appliquant mes esprits, bien que sages encore, à rythmer ma chanson sur leur galop sonore?

(Ballades Françaises, XI série.)

Di Cavalcanti



TEMPORADA LYRICA... TURNO A...

(Desenho de Di Cavalcanti)

Barbara Heliodora

por Jorge Jobim

A ELYSIO DE CARVALHO



A um desenho de um celebre pintor oriental, e a que allude André Beaumier em uma de suas obras, que figura um homem com os cotovellos apoiados sobre uma pequena mesa de charão, a barba sobre os dedos entrelaçados, olhando com melancolia para algumas borboletas exanimas. Esse homem é um philosopho e se compraz, como adverte o artista, "na contemplação das vidas ephemeras".

E que outra cousa pôdem ser as borboletas do desenho de Hokusai senão os symbolos alados da felicidade, da gloria e dos amores terrenos, igualmente fugazes e pereciveis?

A existencia de Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira illustra comovedoramente o poema dessas vidas que, desabrochadas na alegria e na opulencia, e como que tocadas de divina graça, se extinguem silenciosas na humilhação e no martyrio. Dir-se-ia que as mãos sollicitas da propria ventura, que balançaram, como aias, o berço de Heliodora, e poliram, como ancillas, os feitiços de sua mocidade, se cançaram por fim de animal-a e servil-a.

Conta-se que assistindo Goethe, numa das ilhas do Rheno, á cerimonia official da entrada de Maria Antonieta em terras de França, por occasião do seu casamento com o Delphim, predisse um lugubre desfecho a esse principesco hymeneu, por ver nas tapeçarias que ornavam as paredes do pavilhão construído para aquelle fim a representação das nupcias de Jasão e Meléa, com suas scenas atrozes de extermínio e Fúrias desencadeadas. Na recepção deslumbrante como um fogo de artifício só a imaginação vidente do poeta poude distinguir entre as pompas daquelle dia os longinquos clarões da tragedia.

Quando, porém, a modesta descendente de uma familia de paulistas desposava, em S. João d'El-Rey o homem que, graças á influencia do Marquez de Pombal, do qual se tornára amigo na Europa, ao tempo em que estudava leis em Coimbra, viera despachado como ouvidor para o Rio das Mortes, quem poderia ter presagiado, attentando no sinistro nome da comarca onde seu marido exercia as funções de magistrado, o funesto epilogo dos amores da pobre Barbara?

Placidos e felizes lhe correram os primeiros tempos de suas nupcias. Sentiu, elevada, os alvoroços da maternidade e o nascimento de uma filha, Maria Iphigenia de nome, fel-a delirar de jubilo. Ignacio Alvarenga, com o estro exaltado, entoava-lhe dithyrambos e hoave a convocação de todas as fadas mdrinhas para virem sobre Iphigenia derramar as suas graças, prophetisar-lhe os triumphos e fazer della uma princeza. Outros filhos encantaram-lhes o lar, mas a primogenita continuou a ter dos paes um culto mais apaixonado e ardente. Heliodora, finamente educada, com a fronte cingida dos tres incomparaveis diademas da juventude, da intelligencia e da belleza, via-se reflectida nos encantos nascentes da filha e exultava. Havendo o marido adquirido terras de mineração no arraial de S. Gonçalo da Campanha, resolve elle para lá se transportar, abrindo mão de sua ouvidoria em S. João d'El-Rey. O magistrado desaparece para que apenas o abastado chefe de familia se consagre inteiramente á felicidade domestica. Na casa de sua fazenda de Pinheiros, confortavelmente trastejada, o que dentro em breve vae ser o mais desditoso dos poetas pratica as musas, distribue carinhos e fiscalisa o trabalho de duzentos escravos.

Maria Iphigenia desabrocha, aformosea-se, irradia na plastica ductil e ainda incerta da primeira adolescencia. Veste as cambraias mais finas, atavia-se com as rendas de mais preço e quando acha, na sua innocente vaidade, que lhe não basta o aroma de doze annos em flor, perfuma-se com peregrinas essencias. Para ella são chamados os melhores professores, a fim de que as prendas do espirito possam correr parellhas com as louçanias do corpo. Iniciam-na, desveladamente, no desenho, no bordado, na musica, em tudo emfim quanto serve para enfeitar as horas deste mundo e fazer crêr nas eternidades da esperanza com que nos illudimos um momento. A ridentissima e venturosa Maria Iphigenia sacode, como um passaro, as azas trefegas.

Não tarda, porém, a emmudecer a voz da Scheherazada que ella escutou tanto tempo a narrar-lhe os seus contos maravilhosos. A lampada de Aladin vae apagar-se para sempre.

Figura de destaque da conjuração mineira, a que fôra arrastado pelo amor da patria, a quem dedicava as suas odes, alvitador de uma divisa para a proxima bandeira da liberdade, Alvarenga viu-se de repente colhido nas malhas apertadas da Inconfidencia. Um amigo avisa-o de que Barbacena está sciente de tudo e já tem por todos os logares olheiros e escutas. Sabeedor desses successos, em viagem pelo caminho de S. João d'El-Rey, Alvarenga monta a cavallo e corre, espora fita, para a sua casa. Entra-lhe as portas, livido, com a physionomia transtornada e o passo mal seguro. Indaga-lhe a esposa do motivo daquelle turvação, daquelle desespero, e, instado por ella, tartamudeando, de tudo a informa: da parte que tomára na conjuração, do desastre que o ameaça e da unica esperanza de salvamento. O governador da Capitania já se acha, graças a Silverio dos Reis, inteirado do conluio, e começa a deitar inculcas por toda a parte. Não tarda que as prisões se effectuem e os patibulos se levantem. Nesta conjunctura só lhe resta antecipar-se á catastrophe, buscar, pressuroso, o visconde de Barbacena, revelar-lhe o conciliabulo, assegurando-lhe que nelle não tivera a minima implicancia e attribuir a inteira responsabilidade do conchavo aos outros conjurados.

Varada de espanto e de angustia, ouve-lhe Barbara a confissão formidavel e o alvitre ignominioso. E' então que, num rasgo esplendido de abnegação e de coragem, sahindo de repente da vulgaridade da vida domestica para entrar nas sublimidades da epopéa, concita-o, compelle-o, intima-o a que se não deshonre, a si e aos de sua casa, com a tacha infamante de delator. Que

tudo se perea, que tudo se soffra, que tudo se acabe, comtanto que se não resvale no vilipendio, tal é a divisa da mulher inquebrantavel. Alvarenga sente-se humilhado diante daquelle elevação e, escutando como um reprobos a voz da propria consciencia a bradar pela bocca da heroína, termina cedendo aos seus reclamos.

Naquelle hora a grandeza de Barbara lhe propiciava a posteridade e o salvava de um julgamento opprobrioso da Historia.

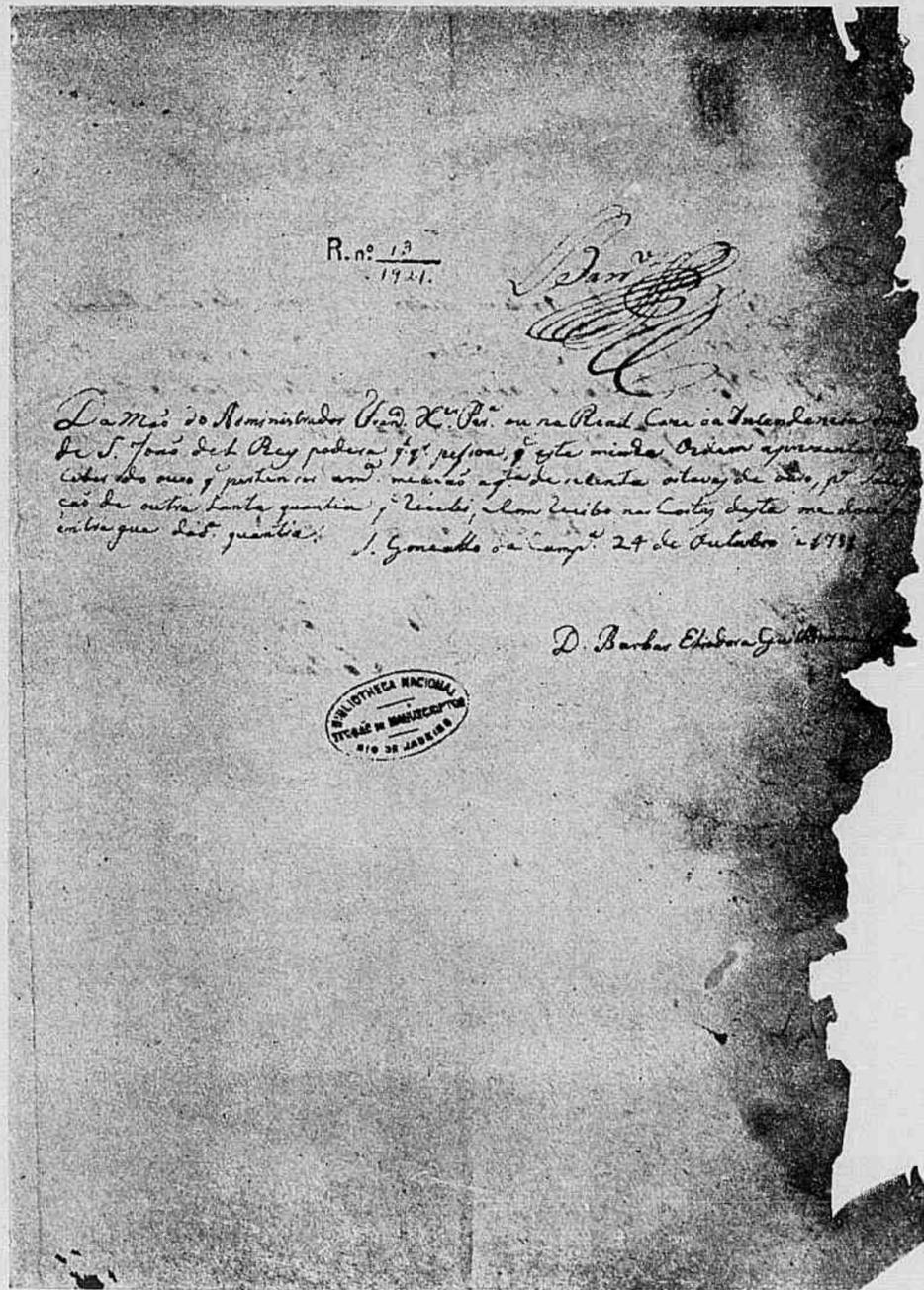
Alvarenga, arguido de crime de lesa-magestade, é conduzido algemado ao Rio de Janeiro, entre soldados de uma escolta, com os pulsos a bolhar sangue e ao chouto exhaustivo de um cavallo. Com o queixo fincado no peito e os olhos esgazeados de um inscristato, lá o arrastam para a terra que lhe fôra berço e onde folgára descuidoso nos jogos da puericia. Os céos escampos e macios de Villa Rica vão se irrocar pelo tecto exiguo e empedrado de um calabouço. Ahi só o acompanha a musa deplorativa, que lhe ageita na lyra quebrada uma ultima corda, que a saudade não se cançará de tanger.

Na sua vivenda do arraial de S. Gonçalo, a desventurosa Barbara Heliodora se carpia com seus filhos, quando ali comparece o ouvidor geral e corregedor da comarca do Rio das Mortes, Luiz Ferreira de Araujo, assistido do respectivo escrivão e meirinho mór, para proceder ao arrolamento de todos os seus haveres, que a sentença da alçada decidira confiscar.

Tudo lhe arrebatava as mãos famintas da Nemesis portugueza: — as terras auríferas e os escravos prestadios; os adereços que lhe alindaram as graças juvenis; os aneis e as manilhas; as arrecadas e os trancelins de ouro; as alfaias; as arcas, onde guardára as vestes com que se ataviára, e as pesadas commodas, cujas gavetas encerraram um mundo de lembranças e onde conservava o innocente epistolario de seus amores; os lavrados consolos e os altos tremos em cujos espelhos compuzera o toucado e ensaiára o sorriso.

Um dos appensos da devassa procedida em Minas Geraes, e que se refere ao estado das familias dos réos sequestrados, diz assim: "Esta dona Barbara não espera haver nada de seus paes ainda vivos, porque estes não têm que lhe deixar".

Quem não se enterneceirá um momento, pensando no sentido amargo que



AUTOGRAPHO, GUARDADO NA BIBLIOTHECA NACIONAL, DE DONA BARBARA DE ALVARENGA.

encerram essas duas linhas, dignas de figurar entre os versículos do Livro de Job?

E como se ainda não fosse bastante para esmagar-a toda essa barbaridade, ella e seus filhos são declarados infames pelo atroz *verdictum!*

Com o rigor de suas sentenças a Metropole feria de morte a tranquillidade de varios lares e vestia de luto a familia mineira; mas que lhe importava a dôr de alguns corações despedaçados, a ella que, na cupidez ardente do ouro, havia um seculo dilacerava as entranhas da terra brasileira e, na lascivia de um amor infernal, cobria com as cicatrizes das minerações os valles tristonhos de Villa Rica!

Durante tres annos Barbara, num sobresalto, aguarda do Rio de Janeiro a noticia da execução de seu marido.

Cortam-lhe os sonhos pesadelos pavorosos, nos quaes Alvarenga lhe apparece abrido as veias para escrever com o proprio sangue nas paredes de uma enxovia versos de saudade. Não raro a assalta a visão sinistra de um corpo de enforcado rodopiando numa corda, como um parafuso, com os olhos desorbitados, a lingua intumescida, e desperta num grito.

Commutada a pena de morte na de perpetuo degredo, lá embarcam Alvarenga, sem o consolo de um extremo adeus á familia em lagrimas.

Barbara passa a viver da recordação e da saudade.

A voz de um sino se derrama na tarde triste; crescem as sombras sobre as ruas declivosas de Villa Rica; Heliadora pensa nos sertões queimados de Ambaca e acompanha com olhos maguados algumas andorinhas que no céu mineiro se convocam, chirriando, para desferir o vôo até ás remotas paragens de Africa... Uma antiga escrava, pela satisfazer, tenta ás vezes descrever-lhe essas terras onde agonisa Alvarenga.

Assim transcorre a existencia de Barbara até a morte do seu exule poeta.

Mas o cyclo dos martyrios ainda se não fechára.

Maria Iphigenia, como camelia machucada, vae amarellecendo e fanando-se.

Da raça superfina dos delicados, trazendo entrelaçados na sua trama nervosa, pelas leis quasi sempre inflexiveis da hereditariedade psychica, as esthesias de um pae poeta e os melindres de uma mãe sentimental, o pensamento de que uma nodoa cahiu sobre ella e o desaire de uma condemnação lhe deslustra o nome, se transforma aos poucos numa idéa fixa que a vae minando lentamente. Por fim, de envergonhada, perece, com o pudor de um cysne que para morrer occulta a cabeça sob a aza impolluta.

Estava assim consummado o sacrificio desta nova Iphigenia que, mais infeliz do que a filha de Agamemnon, não teve a piedade dos deuses para livral-a da sentença inexoravel. Sobre seu tumulo sómente frisaria um desses epitaphios com que, na brevidade graciosa e singela de um distico, os poetas da Anthologia perpetuavam a lembrança das que foram formosas e cuja vida foi curta.

Que restava á misera Barbara Heliadora? Longe della — a cova de Alvarenga, rasgada numa terra inhospita; junto a ella — a sepultura de Iphigenia, aberta numa patria escrava. Na garganta do Tiradentes fôra estrangulada a voz da liberdade e a esperança estava proscripta como na legenda que viu no alto da porta formidavel o poeta guibelino.

A martyr da Inconfidencia tocára finalmente o ultimo circulo do seu

inferno. E como aquella outra Barbara, cuja historia Desdemona conta á camareira na sua ultima noite, Barbara Heliadora, na evocação pungente da saudade, recorda a sua canção do salgueiro: — os versos que da prisão lhe enviára Alvarenga, entoando as exequias do seu amor:

Barbara bella,
Do norte estrella...

Desfolhemos as derradeiras rosas deste louvor sobre a corôa de espinhos de Heliadora.

Barbara é, sem contestação, a maior figura feminina da Inconfidencia. Ao lado desse perfil severo de medalha dorica deprimem-se e offuscam-se as linhas suaves da apaixonada de Dirceu. A historia de uma não foi mais do que um idyllio mallogrado; a da outra a acção ininterrupta de um drama sublime. Em Marilia se desvanecem apenas os sonhos fagueiros de um noivado; em Barbara estalam as fibras profundas da maternidade ferida. Aquella não perde senão o seu menestral enamorado; esta tudo perde e vê polluida a candidez da filha adolescente pelo labéo execravel da infamia. A dôr fulminante de Barbara a incompatibilisa com a vida, que só é possivel á custa de tolerancias; a saudade de Marilia desgasta-se e oxyda-se com o tempo, e sua existencia se despoetisa, dilatando-se até á extrema velhice, que é inimiga da gloria e do amor. A mocidade não é uma cousa vã, como affirmou a philosophia desesperada do Ecclesiastes!

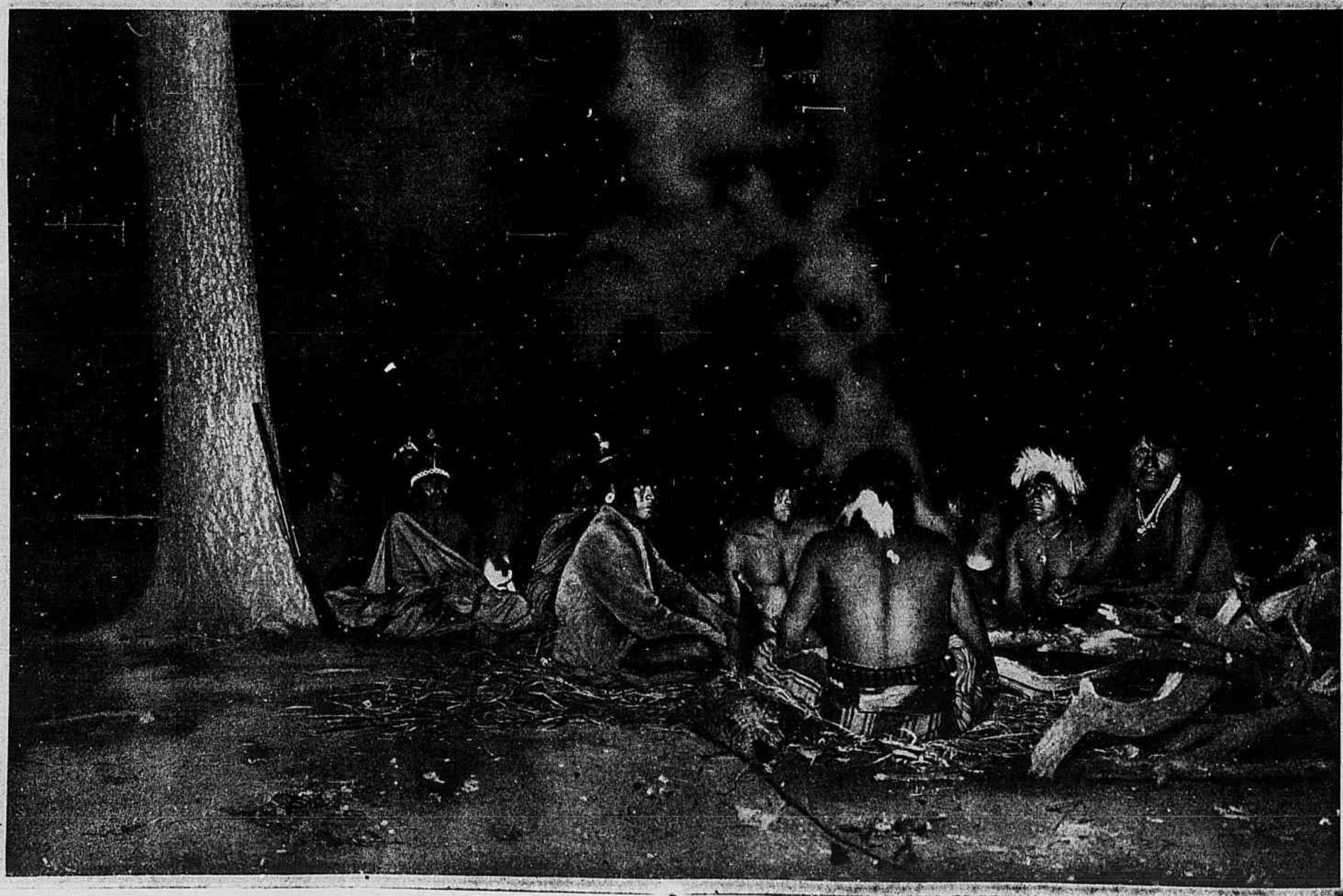
Ha nos archivos da Bibliotheca Nacional quatro linhas sem importancia do punho de Barbara Heliadora e por ella assignadas. Tocando, com respeito, nesse papel desbotado e de margens dilaceradas, pensei um instante com melancolia que a mão que traçara aquellas letras fôra a mesma que afagara os cabellos de Maria Iphigenia, e que é hoje apenas uma "poeira illustre".

Seria commovedor e justo que, ao erigir-se na praça publica o monumento da Independencia, num de seus baixo-relevos figurasse ao menos um medalhão com a effigie, que a fantasia do artista não se enganaria em recompôr, de Barbara Heliadora, a mulher-symbolo na qual tão bem se encarnaram as qualidades excelsas da nossa raça.

A sua memoria não pôde permanecer fossilizada nas referencias esquivas dos narradores; ella espera o poeta que ha de celebral-a, porque a grandeza dolorosa do destino de Heliadora como que refoge das paginas frias da Historia para entrar nas estrophes inflammadas do Poema. Só o poeta, que é o animador por excellencia, será capaz de reaccender num punhado de argila esquecida, com o fiat miraculoso dos seus cantos, a scentelha divina que a fez vibrar...

Rio, Maio de 1921.

NOTA — Contrariamente ao que informam alguns historiadores, Norberto da Silva entre outros, parece estar apurado que Barbara Heliadora não ficou louca ou demente, pois a 9 de Outubro de 1814 foi madrinha de uma creança de nome Maria, exposta em casa de Simão de Araujo. Ora, é obvio que em se tratando de uma louca o vigario da parochia não a teria aceito para desempenhar tal encargo. A certidão de obito dá-lhe como "causa-mortis": — a *éthyca*.



UMA FAMILIA DE INDIOS CELEBRANDO, NA INTIMIDADE, A FESTA DO FOGO...

Comissa de Sangue

Por Justino Barrozo

REINAVA em Bysancio o isaurio Constantino V, vencedor dos arabes e inimigo de Deus, que por ter maculado, na occasião do seu baptismo, a pia da basilica de Santa Sophia o povo appellidara Koprônimo.

Mas aquelles que, nos dias de espectaculos frequentavam o Circo ou espalhavam más novas contra o poder imperial pelas barbearias e locandas de Pera ou de Galata preferiam chamal-o Cavallino.

Era nesse tempo que as duas facções do Hippodromo, os Verdes e os Azues, mais se mettiã nas questões politicas e religiosas, agitando-as formidavelmente. E os odios, então, se tinham tornado mais fortes e mais cruezs devido ao decreto imperial que abolia do culto todas as imagens pintadas ou esculpidas.

Desde muito tempo os doutores canonicos e ecclesiasticos do Imperio Bysantino vinham discutindo se a adoração dos icones estava verdadeiramente de accordo com as palavras da Escriptura ou não. A maioria acabára por dicidir que todas as figuras de madeira, de mosaico, de pedra ou de metal precioso deveriam ser banidas da religião, porque eram em verdade contrarias ás palavras de Deus.

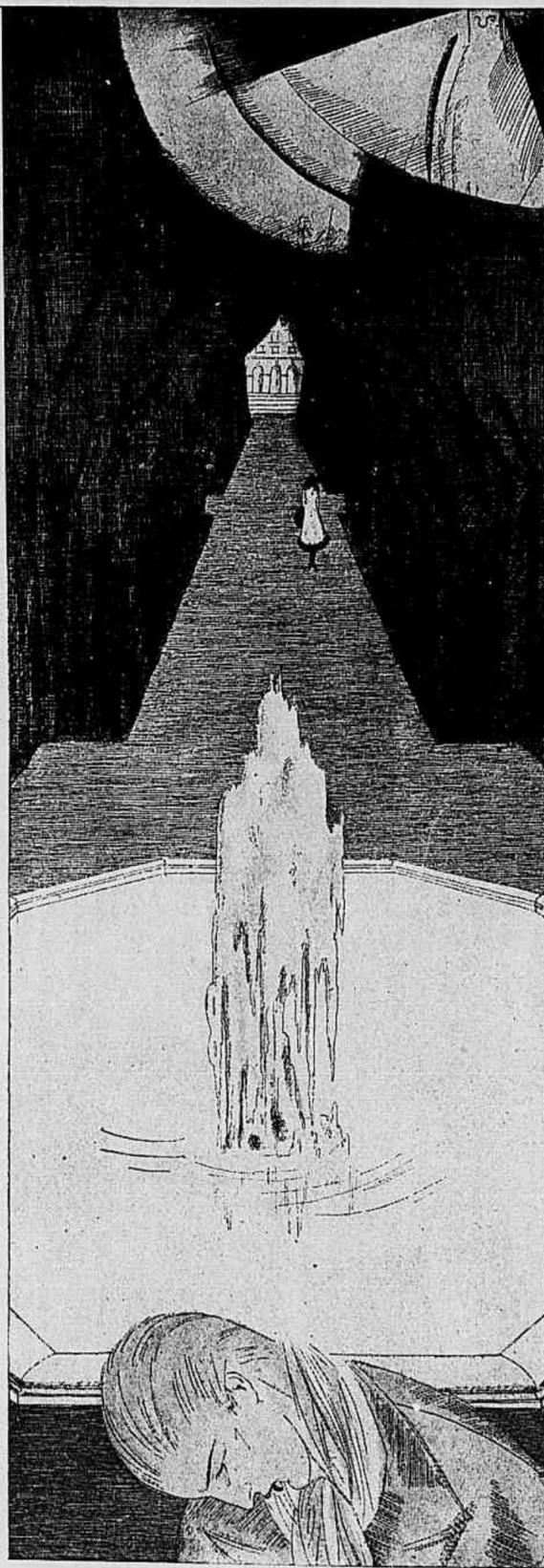
Constantino V apoiara essa decisão e resolvera acabar nas terras do Imperio, da Syria ao monte Hesus e do Adriatico ao Ponto Euxino, o culto das imagens. Publicado o decreto imperial, todos os iconoclastas invadiram nas provincias as basilicas, os conventos e as capellas, destruindo barbaramente preciosidades e obras de arte. Raros os mosteiros que lograram escapar pela sua posição inexpugnável, como a grande Laura do Monte Athos, á furia desses fanaticos.

Em Bysancio, soldados hirsutos de Varangio ou bucellarios galatas de largas espadas batendo na côxa percorreram todas as egrejas, escoltando caidores, pedreiros e carpinteiros, que destruíam as imagens de santos esculpidas nas grades de madeira dos côros; que deitavam abaixo os vultos de Jesus de marmore claro, bellos como estatuas gregas; que revolviam o rebôco dos muros, arrancando os lindos mosaicos em que, em fundo de ouro liso, meigamente sorriam as Panaghias hieraticamente cobertas por uma pesada capa cheia de pedraria; que borravam com as brochas grosseiras molhadas em cal ou em ocre as pinturas dos forros e das abobadas, onde os santos e as santas mostravam os attributos da sua beatitude ou os signaes do seu martyrio. E, assim, a arte bysantina se cobria de luto.

Mas a reacção não se fez esperar. Os higumenes idolatras chamaram em seu soccorro os fieis vizinhos das egrejas. Carniceiros armados de machados e cutelos, ferreiros brandindo malhos, marceneiros empunhando compassos de ferro abertos ameaçadoramente, mesmo mulheres armadas de vassouras e de caçarolas atacaram os agentes e soldados imperiaes. O sangue correu pelas ruas. Basilicas rodeadas de barricadas e defendidas por gente de toda a sorte resistira dias inteiros ao mais completo assedio, em que figuraram mesmo machinas de guerra-onagros, balistas, arietes e catapultas. Contra ellas fôram lançadas bolas de fogo grego e as chammas loucas dos incendios clarearam o céu. Até um dia, quando o basileus assistia no circo ás corridas tumultuosas de bigas, trigas e quadrigas, a um assobio partido dos mais altos bancos do amphitheatro desencadeou-se a sedição do partido Verde. Os spatharios e os chrysarpidas da guarda fôram repellidos. A chusma revoltada precipitou-se contra o Kathisma ou tribuna imperial. E o Ko-

pronymo fugio, correu ao paço de Blachernes, tomou as joias do seu thesouro e, embarcando num alto drómon de guerra, fugiu para Chólú, do outro lado do Bosphoro.

Vencida a rebeldia e afogado em sangue pela espada das tropas do Grande Domestico, o Imperador tornou á sua capital mais taciturno, mais feroz



CREPUSCULO

Desenho de Martin

e mais iconoclasta do que nunca. E começou a fazer castigar publicamente no Hippodromo todos aquelles que desobedeciam ao seu mandato despotico contra os icones santos.

Ora, nesse tempo vivia perto de Constantinopla, ao pé dum morro agreste e deserto, uma religiosa solitaria, que jejuava quasi diariamente e a si mesma se impunha as maiores penitencias. Um frade mendicante, iconoclasta fanatico, passando um dia pela gruta onde a monja habitava vio-a em oração, de

joelhos deante duma pequena imagem de madeira da Virgem Maria. Logo, ao chegar na cidade, narrou o facto, exaggerando-o, a um dos centuriões dos Cubicularios do palacio, o qual o contou mais tarde ao Grande Papias. Sem demora, essa autoridade mandou buscar a audaciosa mulher que ousava ainda adorar idolos, quando já elles haviam desaparecido da face do Imperio por obra e graça do Cavallino.

Ella veio amarrada pelas mãos, entre as lanças duma cohorte. Era alta e magra; os cabellos lhe cahiam sobre os hombros, desalinhadamente; cobria-a uma longa e pesada tunica de esparto rude; os pés pequenos, empoeirados e nervosos pisavam sobre as grossas solas de corda das alpercatas; faces fundas e olhos amortecidos na profundez escura das orbitas.

Não negou a accusação que lhe imputavam, antes defendeu com palavras calmas e firmes o culto perseguido, tanto deante do mordomo palaciano como na presença do proprio Basileus, quando o Grande Papias a fez conduzir até ao pé dos leões de ouro entre os quaes, no throno ornamentado como uma custodia rica, o Autokrator magestosamente se sentava. E ouviu serenamente a sentença que a condemnava a ser chicoteada nua no Hippodromo, á vista da populaça bysantina.

Chegou o dia das corridas. O sol faiscava num céu nú, azul e alto. Toda Constantinopla refulgia. A multidão comprimia-se nas fileiras dos bancos do grande amphitheatro sob o velario carmezim. O Imperador, rodeado de dignatarios e de Silenciarios com achas de armas ao hombro, olhava a arena e o povo do alto do Kathisma. Sobre o bordo da Spina, entre as tripodes, as estatuas e os obeliscos, sentavam-se os fiscaes dos jogos, os henioques e os empregados do Circo. Um borbórinho immenso enchia o ar. E os verdugos trouxeram até ao pé da tribuna imperial o vulto fraco de Arethusa, a monja solitaria accusada de idolatria. Debruçando-se do parapeito do Kathisma, a um gesto do Despota, o Grande Papias gritou-lhe:

— Ainda é tempo de te salvares. Apostasias ou não o culto dos icones?

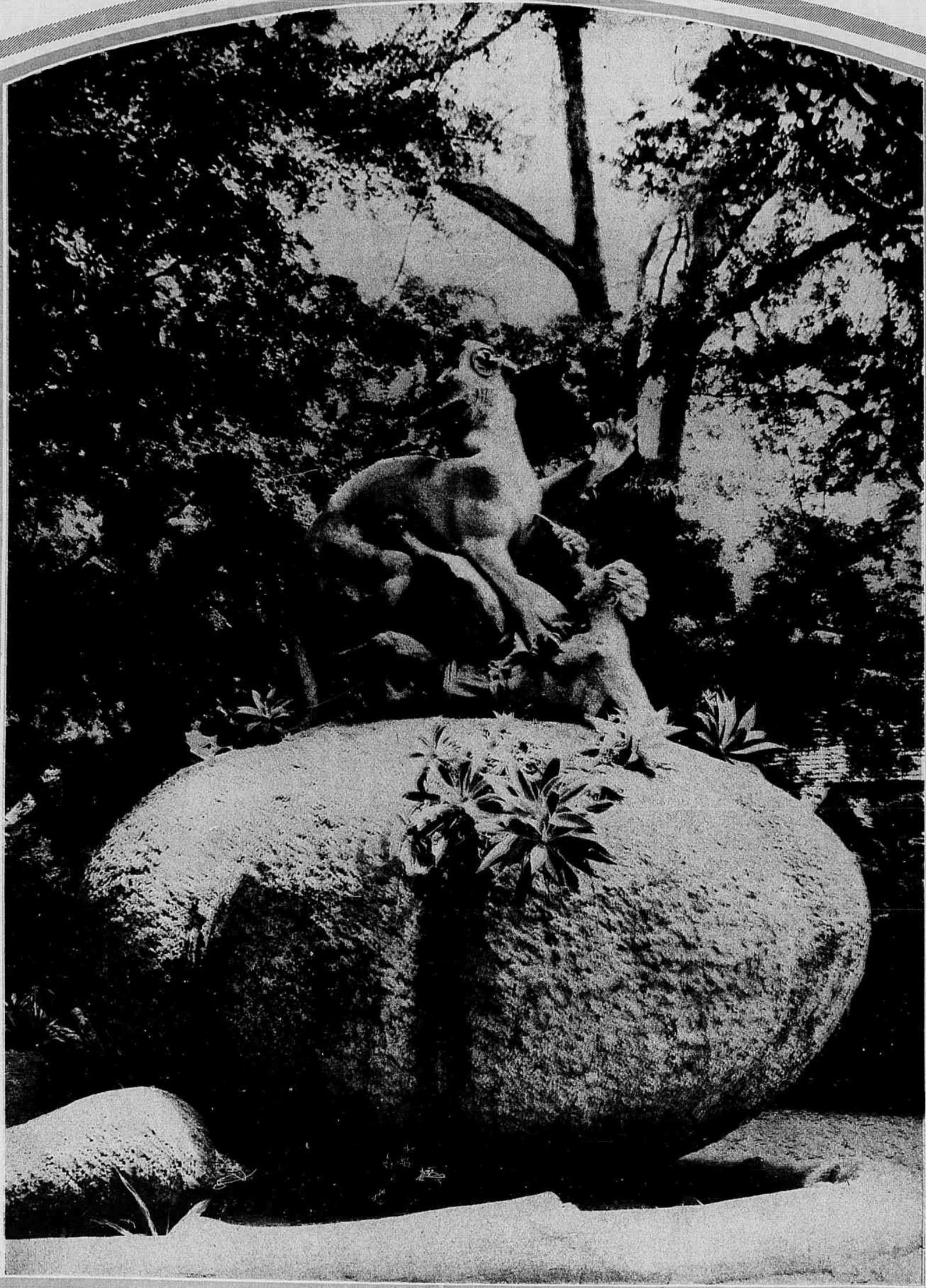
Ella respondeu serenamente:

— Nunca.

Então, a um gesto do chefe, dois carrascos tiraram-lhe a pobre tunica de esparto. Apareceu nua aos olhos da plebe insuflada pelos agentes iconoclastas. Uma vaia estrugiu, deante da sua magresa, dos seus flacidos seios pendidos, vinda das bancadas dos Azues, enquanto os Verdes, idolatras vencidos, voltavam lentamente os rostos para outro lado.

As correias dos chicotes estalaram no ar, brandidas pelos braços musculosos de dois verdugos, e cahiram sobre as pobres carnes nuas da martyr ajoelhada. O sangue aflorou á borda dos talhos. E as vergastadas continuaram. Mas o sangue que ia sahindo vestia a prisioneira com uma tunica vermelha, que a cobria do collo aos pés, de maneira que a populaça abjecta dentro de minutos nada mais via do seu pobre corpo. O sangue como que magicamente se tecia com a luz do sol — porque o tecido que vestia a santa era côr de purpura com laivos de oiro. Ella ia a tombar desfallecida, quando os carrascos pararam o supplicio, tremulos de espanto, ajoelhando-se. O Imperador, de olhos desmesuradamente abertos, recuára para o fundo do Kathisma. E, enquanto os Azues ficavam em profundo silencio, os Verdes gritavam em côro:

— Milagre! Milagre!

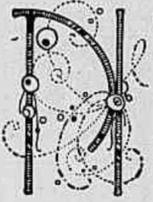


O HOMEM E A FERA

ESCUPTURA DE J. DESPRÉS (1879). ESTÁ NA PRAÇA DA REPUBLICA.

Negro do Ulysses

por Elycio de Carvalho



OS fastos da America Brasileira, a epopéa nacional é sem duvida a guerra hollandeza, da qual dizia na sua *Epanaphora Triunfante* D. Francisco Manuel de Melló, soldado e escriptor eximio, que não sabia nos archivos da lembrança humana houvesse outra travada em analogas condições e com semelhante felicidade conseguida (1). A luta contra o batávio ferocissimo, pugna sombria e cruenta de vinte e quatro annos, que se accendeu terrível e se desencandeou numa finalidade irresistível, e só por si nobilitaria a chronica de um povo, creou em Pernambuco, a terra brazilica sobre todas martyr na conquista da independencia, uma cohorte de heróes que em nada desmereceu dos mais gloriosos guerreiros das velhas idades da historia classica. Muitos desses pelejadores, que tão altos prodigios de valor praticaram, não ficaram apenas avultando nas relações historicas, mas excederam á medida e ao fulgor das grandes paginas dos annaes, estreitas para os conter, e passaram á lenda como os cavalleiros medievales ou os guerreiros da *Illíada*. O assombro dos contemporaneos, perpetuando-lhes a fama, antecipava a admiração definitiva dos posterios por tanto heroísmo, feito de resistencia, grandeza e serenidade, infinitamente humano e soberanamente formoso, sem rival no mundo, e em que pela primeira vez, um seculo depois da conquista, se affirmava, numa estranha e tragica manifestação de energia, o espirito da nacionalidade nascente, lavrando com o sangue velemente protesto contra o desprezo ou o olvido a que fôra relegada, e impondo-nos ao respeito das nações estrangeiras. Naturalmente, outras historias poderão avultar da nossa em varões e feitos insignes, que o narrador de façanhas militares se cansaria enumerando-as: nenhuma é mais rica de prodigio e de fatalidade. Na memoria dos brasileiros não se apagará, por mais que rolem os seculos, e nas lruinas do tempo se desvançam episodios, vultos, impressões, a dolorosissima lembrança daquelles annos vestidos de treva e carregados de presentimentos, que evocam o cyclo barbaro e heroico dos Niebelungen. A guerra contra os hollandezes, que devia ser melhor estudada no seu desenvolvimto e no seu epilogo, como phenomeno social importantissimo para a investigação psychologica do caracter brasileiro, tem, como effeito, alguma cousa de sobre-humano, e entre os protagonistas daquelle drama destacam-se alguns que são verdadeiras figuras homericas, a encher a época mais luminosa do regimen colonial. Vão por ella Mathias de Albuquerque, Duarte Coelho de Albuquerque, Luiz de Barbalho Bezerra, Antonio de Lima, Jorge de Albuquerque, Jeronymo de Albuquerque Maranhão, Pedro de Albuquerque, Martin Soares Moreno, Francisco Rebello, André Vidal de Negreiros, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Antonio Ribeiro de Lacerda, João do Rego Barros, Henrique Dias, Antonio Felipe Camarão, Felipe Bandeira de Mello, Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque, Christovam do Rego, Estevam de Tavora, Affonso de Albuquerque, D. João de Souza, Amador Araujo, Alexandre de Moura, André de Albuquerque, outros e mais outros, que seria mesmo difficil extremar dentre elles os insignissimos. Quasi que ao acaso poderíamos tomar qualquer desses nobres typos que tiveram papel na tragedia e mostrar como a lealdade, a fé, o sacrificio, o sentimento da justiça, em cada um delles corresponde ao esforço varonil, ao valor militar, á coragem e á temeridade com que combateram a evasão e repulsaram os intrusos.

(1) Lançou elle o pregão do glorioso successo, dizendo: "E' aquella que porventura não achará imitação entre os estranhos, moderna, nem antiga, porque, se considerarmos uma guerra distante, desajudada dos respeitos, estornada dos tempos, executada por desfavorecidos, armas tumultuarias, em mãos de homens vinte e quatro annos sujeitos ao jugo do aspero dominio, contra nação famosa, capitães destros, ministros prudentes e effectos ricos; não sei eu que nos archivos da lembrança humana haja outra, com semelhante felicidade conseguida..." (*Epanaphoras de Varia Historia Portuguesa*, Lisboa, 1660, 480).

Apartemos da legião Luiz de Barbalho Bezerra, e tracemos-lhe o perfil epico. Não só por um capricho de sympathia destacamos este nome, mais amargor que sortiso, sombrio de terrores, mais capaz de meiguice, onde ha sangue e aço, rijo e flamejante como uma lamina toledana, porque elle possui alguma cousa de particular, que o distingue dos demais (2). Lidador incansavel, batalhou toda sua vida e em todos os feitos o escriptor pôde derramar admiração, que nunca será excessiva. Numa era rude, pelejou por amor da patria, tal como o coraçao comprehendia, dando provas de coragem serena e de resolução firme. Na reacção contra a conquista flamenga, a sua figura austera representava, como muitos outros brasileiros, que resistiram á investida e a violencia até a victoria final, a alma da terra erguida deante do perfido estrangeiro que a salteára e submettera; mas o destino fel-o o maior de todos. Alfim, mostrou-se o mais extraordinario pelo seu genio militar, o mais tragico pelas suas sangrentas represalias, o mais famoso pelo seu esforço persistente e o mais heroico pela força obstinada dos seus designios, que crearam situações e incidentes que se revestiam de imprevisito maravilhoso. A espada do invicto capitão jámais conheceu bainha: só teve um momento de descanso, quando o revez o fez cahir em poder do inimigo, e, assim que se viu livre outra vez, recomeçou a campacha gloriosa da libertação e levantou sobre as areias do Porto dos Touros edificio de gloria immorredoura, que todo e em tudo é unico.

A biographia de Luiz Barbalho, com seus grandes lances dramaticos e seus episodios dantescos, é quasi toda a historia da primeira phase da luta contra os hollandezes. Nasceu em Olinda em 1601 e pertencia a uma das primeiras familias que povoaram Pernambuco, pois os avós, antigos fidalgos (3) foram companheiros do primeiro donatario, em

(2) "Foi insigne em todo o genero de virtudes dignas de um cavalleiro, liberal para todos, affavel para os domesticos e estranhos, terrível para os inimigos da fé e da patria" (Loreto do Couto: *Desagravos do Brazil*, II, 77).

(3) O nosso heróe descende, com effeito, de fidalgos de prol, taes como os Bezerras Felpas de Barbuda e os Barbalhos, que já eram mencionados no *Nobiliario* do conde D. Pedro. Está ligado ás illustres familias Albuquerque, Cavalcanti, Hollanda, Monteiro, Moura e outras de Pernambuco. O neto materno de Braz Barbalho, que casou com a filha primogenita de João Paes Barreto, instituidor do Morgado do Cabo, de que foi herdeiro o Marquez de Recife. De seu matrimonio com D. Maria Furtado de Mendonça (Borges da Fonseca: *Nob. Pern.*, I, cap. I e VI), nasceram entre outros filhos varões: Fernão Barbalho, fidalgo da casa real, que serviu ao infante D. Pedro, foi capitão da fortaleza de Nossa Senhora do Populo e veedor da India, onde morreu; Francisco Monteiro Barbalho Bezerra, soldado desde a idade de 8 annos, fidalgo da casa real e capitão da fortaleza de N. S. do Populo; Guilherme Barbalho, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, alcaide-mór de S. Christovam de Sergipe, coronel de um terço de auxiliares na Bahia, etc.; e Agostinho Bezerra Barbalho, fidalgo da casa real, senhor da Ilha de Santa Catharina, administrador geral das minas, governador do Rio de Janeiro, etc. Agostinho Bezerra Barbalho, era com seu pae militar distincto, destemido, emprehendedor e cidadão muito util á patria. Teve vida muito accidentada. Ainda muito moço, batalhou no Brazil contra os hollandezes, tendo tomado parte na heroica defesa do Arraial, na expedição do Porto dos Touros e em outros feitos, e em Portugal fez a guerra da restauração, acompanhado de criados e cavalleiros mantidos á sua custa, achando-se em todos os combates dirigidos pelo marquez de Torrecuza, contra a praça de Elvas. Achando-se no Rio de Janeiro, em 1660, por motivo da morte de seu pae, o povo amotinado, á frente do qual se achava Jeronymo Barbalho Bezerra, e apoiado pela camara, acclamado, no dia 8 de Novembro, governador da capitania, em logar de Thomé Corrêa de Alvarenga, substituto legal interino de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, ausente em S. Paulo. Tendo sido autorizado pelo general Salvador de Sá a continuar no governo como seu delegado, o povo revoltou-se novamente, e é por sua vez deposto, assumindo a camara, no dia 8 de Fevereiro do anno seguinte, o governo da cidade até 10 de Abril de 1661, quando se restabeleceu a legalidade, graças ás tropas de João Corrêa de Sá, filho do governador, e das forças navaes do general Manoel Freire de Andrade. A agitação revestiu-se de gravidade, pretendendo alguns historiadores ver neste facto uma das primeiras manifestações do espirito nacionalista que se formára na colonia, em luta contra a oligarchia dos Sás (Ro-

1535. Tendo assentado praça em 1614, já em 1630, com quatorze annos apenas, era militar de alta distincção, sobretudo pelo grande amor á terra, sentindo-se orgulhoso de haver nascido no antigo condado de Duarte Coelho. Dir-se-ia que o proprio destino lhe preparou ensejo de illustrar-se no papel para que viera ao mundo. Conta-se que, ao annunciar-se a investida dos flamengos contra Pernambuco, tivera uma alegria quasi feroz, estimando que a sorte lhe deparasse tão prompto aquelle instante de sacrificio, que acceptaria como um premio da fortuna. O certo é que se ergueu deante do inimigo desde o primeiro dia. Fôra do numero dos capitães que, enquanto Antonio de Lima, apenas com 37 homens da guarnição, resistia com prodigios de valor no Forte de S. Jorge (4) ás hordas invasoras, acompanhavam Mathias de Albuquerque para a Varzea, a reunir gente para volver contra o inimigo. Encontrando, ao contramarchar sobre Recife, já capitulada a fortaleza, que só se rendeu depois de desmornadas as muralhas, descavalgadas as peças e mortos e feridos os defensores, voltou o general Mathias de Albuquerque para o campo, onde levantou, á margem esquerda da Capeberibe, á igual distancia de Olinda e do Recife, o *Arraial de Bom Jesus*, que era o mais forte baluarte ou cabeça da linha de fortificações improvisadas com o intento de conter a investida victoriosa dos exercitos flamengos, senhores já, com a occupação dos fortes do Picão e S. Jorge, do Recife e do porto, e impedir a communicação entre aquella cidade e Olinda. Deste posto fortificado sahiam continuamente a hostilizar os hollandezes em ataques fulminantes os mais valentes daquella tremenda resistencia, entre os quaes era Barbalho sempre dos primeiros e dos que procuravam as posições mais

cha Pombo: *Historia do Brazil*, V, 298). Foi o capitão Jeronymo Barbalho Bezerra condemnado pela junta de guerra a morrer no pelourinho, sendo a sentença executada na tarde do mesmo dia 10 de Abril e Agostinho Bezerra Barbalho é remetido preso para Lisboa e, reconhecida a sua innocencia, é distinguido com a doação da capitania de Santa Catharina. Depois de militar na campanha do Alemtejo, regressa ao Brazil, em 1664, trazendo, com a mercê do cargo de administrador das minas de Paranaçu e da Serra das Esmeraldas, em virtude da provisão real de 7 de Dezembro de 1663, a incumbencia de descobrir e explorar o encantado paiz das turmalinas, seguindo para isso o roteiro de Marcos de Azevedo Coutinho, indicado ao soberano. Neste sentido, o desventurado Affonso VI, obsecado pela lenda escaldante da "serra resplandescente" dirigiu cartas autographas aos officiaes da camara e a varios potentados de S. Paulo, datadas igualmente de 27 de Setembro de 1664, em que ao mesmo tempo que lhes annunciava desejar para o seu reinado a gloria desse grande emprehendimento, pedia-lhes concorressem para o bom exito da patriótica tentativa com homens, armas e mantimentos. O apello do rei e o nome de Barbalho despertaram grande entusiasmo entre os paulistas, que, em pouco tempo, haviam formado uma numerosa comitiva. Metteu-se Barbalho terra a dentro, depois de haver mandado primeiro uma tropa explorar os caminhos, e antes de colher os resultados da penosissima empreza, morre em 1667, no Espirito Santo, deixando todos consternados e apprehensivos. (Basilio de Magalhães: *Epanaphora Geographica do Brazil até fins do seculo XVII*, nos *Annaes do Primeiro Congresso da Historia Nacional*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915, 37). Foi elle, pois, o primeiro officialmente autorizado a organizar bandeira. Agostinho Barbalho morreu deixando a familia na pobreza e a sua viuva, D. Cecilia Barbalho e duas filhas, tendo tomado o habito de Santa Clara, fundaram o Convento da Ajuda, destinado exclusivamente ás senhoras e donzellas nobres, o qual durante muito tempo conservou esse cunho aristocratico. Do illustre pernambucano escreveu Srva Lisboa (*Annaes do Rio de Janeiro*, Typ. Seignot-Plancher, 1834, II, 85) que o pai havia deixado a sua imagem e semelhança no filho". Luiz Barbalho, como se vê, deixou geração numerosa e illustre, que veiu até os nossos dias sem degenerar em virtudes.

(4) Lêa-se no *Valeroso Lucideno*, de Fr. Raphael de Jesus, a pagina 36 e segs., a narração pormenorizada desta resistencia. O velho Forte de S. Jorge "fabricado mais para defender-se dos indios que das nações fortes do Norte", como diz o autor das *Memorias Diarias*, ficava fóra da povoação do Recife. A sua guarnição compunha-se apenas de 37 homens, inclusive o capitão Affonso Albuquerque e dois alferes, sob o commando do capitão Antonio de Lima. Foram dirigidos contra o mesmo varios ataques, e, depois de assedio e bombardeio, que duraram quatro dias, commandados pelo almirante Lonçô e pelo general Waerdenburch, rende-se a guarnição a 2 de Março de 1630.

arriscadas (5). Quando os holandeses, em 14 de Março de 1630, commandados pelo tenente-coronel Van der Elst, tentaram contra ella um ataque com 800 homens da guarnição de Olinda, foi Barbalho um dos dois capitães (o outro era Lourenço Cavalcanti de Albuquerque) que sahio ao seu encontro em Agua Feia e fez pagar caro ao inimigo a retirada, deixando-lhe 80 mortos e muitos feridos, quando a nossa perda foi apenas de 16, entre mortos e feridos, victoria esta que alentou e encheu de brios os brasileiros. Foi tambem o commandante, auxiliado por Antonio Ribeiro de Lacerda (6), das tropas que, protegidas pela escuridão da noite e por dois pontos differentes, atacaram o forte Ernestus, que o inimigo levantára na Ilha de Santo Antonio, com o proposito deliberado de não só arrazar as trincheiras, mas ainda conduzir a artilharia grossa que a guarnecia para o *Arraial*. "Commetteram a empreza, escreve Varnhagen (7), a Luiz Barbalho e Antonio Ribeiro de Lacerda, que, com as tropas das suas estancias, foram atacar a um tempo as trincheiras, por dois pontos differentes. Teve logar este ataque simultaneo na madrugada de 24 de Maio de 1630. Acommetteram os nossos com tal impeto que, em menos de um quarto de hora, haviam entrado, na primeira e segunda trincheira, mais trezentos. Ahi se travou a peleja corpo a corpo. Os nossos conseguiram a principio maior vantagem; descalvaram as peças e feriram quasi todos os officiaes inimigos, incluindo o tenente-coronel Van der Elst, e o principal engenheiro Commersteyen. Sendo porém mortalmente ferido, de uma bala de artilharia, o chefe Ribeiro de Lacerda, começaram todos a retirar-se, deixando dentro das trincheiras 10 mortos". Refere ainda Varnhagen que o chefe inimigo Waerdenburgh se viu obrigado a declarar em officio que combatia com um "povo valoroso e agil". Não foram, porém, os unicos assaltos empreendidos pelo intemerato Luiz Barbalho, realizados, aliás, com mais audacia que fortuna, visto possuirem os inimigos todas as vantagens e elementos poderosos de resistencia ou defesa. Além destes realizou elle, na madrugada de 15 de Junho ainda de 1630 (8), á frente de 200 homens, a investida contra a fortaleza do Bruyn, que os holandeses começavam a construir, conseguindo assenhorear-se della e, depois de bastante danhifical-a, retirar-se á sua trincheira, tendo por tal modo executado a ordem de Mathias de Albuquerque que o juizo do chefe batávio acerca dos pernambucanos foi ainda mais favoravel (9). No dia 10 de Agosto, ainda em 1630, os holandeses, com grande força, atacam a trincheira do Buraco de Santiago, que Barbalho construiu á margem direita do Beberibe, e, com reforço enviado por Mathias de Albuquerque, expulsa-os da posição. Da sua estancia, que "era a mais arriscada e fiou-se ao capitão mais destemido" (10), não deixa a guarnição do Recife um instante de socego, e como, no intuito de prevenir os danos que lhe causava Barbalho, atalayado numa situação magnifica, os holandeses haviam decidido acabar de construir o forte de Bruyn, levantado á margem opposta do Beberibe, no Perrexil, Barbalho no dia 25 de Junho de 1631 investiu novamente o reducto, desmantelando-o e matando os 30 soldados que o guarneciam, e só não guardando a posição conquistada, primeiro por se achar situada na linha de defesa dos contrarios, que era garantida ainda pelos fortes do Recife, e depois porque no contra-ataque os neerlandezes empregaram grandes forças.

Durante tres annos passou Barbalho pelejando sem descanso nas trincheiras do *Arraial*, ora em escaramuças e ataques de surpresa, desbaratando as hostes inimigas, destruindo reductos e incendiando depositos, ora aparando os golpes terriveis dos flamengos, que, por fim, já lhes conheciam a força de pulso e a intrepidez da acção. Familiarisado com o

jogo da guerra, impetuoso e destemido, e não contentando mais em ser apenas capitão de emboscadas, tomou o commando de uma das estancias fortificadas que fecharam a campanha para os batávios. No dia 31 de Outubro persegue Barbalho um destacamento de 170 holandeses, commandado pelo tenente-coronel Byma, desde Muribeca até perto do forte de Afogados, onde é investido ao anoitecer, por outro corpo, sob a direcção do major Pedro Correia da Gama, conseguindo o inimigo fugir, mas perdendo 80 homens. Os holandeses, que tinham sido tão maltratados por Barbalho, resolvem por despique, em 21 de Dezembro de 1633, atacar o reducto do valente capitão e dirigem contra o mesmo forças aguerridas. No começo, defende-se heroicamente com a pequena guarnição que commanda, até que, deante de uma massa compacta de 1.800 soldados, é obrigado a recuar com os seus para, horas depois, no mesmo dia, tendo-se-lhe reunido então a gente dos postos vizinhos e um contingente do *Arraial*, ao todo cerca de 250 soldados, avançar de novo, desbaratar os esquadrões contrarios e retomar a posição, á custa do sacrificio de 250 holandeses, mortos e feridos. Outros feitos se seguiram, taes como o combate de Tigipió, em que victoriosa fulgurou a sua espada.

Em 1633, sendo dos mais moços entre os principaes chefes pernambucanos, é promovido a sargento-mór. Entrega-lhe então o general Mathias de Albuquerque o commando e a guarda do *Arraial do Bom Jesus*, agora exposto a ser flanqueado, com a construcção do forte abaluartado de quatro frentes chamado Principe Guilherme. Ahi, assistido por Mathias de Albuquerque e o conde Bagnuolo, re-chassou duas vezes o inimigo, que guiado agora pelo transfugo Calabar, e ufano pela capitulação do *Forte do Rio Formoso*, (11), investira furiosamente as outras fortificações. O primeiro ataque, preparado e levado a effeito pelo coronel Rembach, á frente de 1.500 homens, no dia 24 de Março, numa quinta-feira santa, em hora em que se faziam a todos na igreja, custou ao batávio grande perda de homens e munições, tendo tido varios officiaes prisioneiros e mortalmente feridos, entre estes o chefe Rembach, que morreu horas depois, e o major Padberg, enquanto os nossos, em numero apenas de 350 soldados, tiveram 25 mortos e 40 feridos, incluindo-se neste numero os bravos capitães Estevam Tavora e Martim Soares Moreno. Atacados quando, ao amanhecer de 8 de Agosto de 1633, subiam o rio Capeberibe no patacho *Exter*, commandado por Jacob Huyghens, e em tres lanchões, conduzindo artilharia e munições para as tropas que assediavam o *Arraial*, soffreram os holandeses completo revez, pois, além dos mortos e feridos, perderam seis canhões de bronze e cinco de ferro, munições, mantimentos, tiveram os navios incendiados, etc. Tal successo das armas brasileiras foi muito estimado, e por elle foi Mathias de Albuquerque louvado e premiado com uma commenda lucrativa, e com tanto maior razão, diz um escriptor, quando esta victoria havia sido alcançada apesar do voto escripto de Bagnuolo, mandado do Cabo de S. Agostinho. Mas Luiz Barbalho não se

consolava de andar guardando posições: o que queria era a offensiva, o ataque, a luta em campo aberto. Destacado afinal, com o seu terço para S. Lourenço, a tomar o passo aos intrusos que pretendia estender a conquista no interior do paiz, em poucos dias guarneceu toda uma extensa linha, distribuindo 200 homens em pequenas partidas por toda ella e tornando impossivel, tanto quanto lhe permittiam os elementos de defesa, o avanço do inimigo. O seu novo circulo de acção era vasto, mas do seu posto, á frente de 170 homens dextros e valentes que lhe restavam, acudia sempre aos pontos onde havia perigo, á Muribeca, onde é atacado no dia 15 de Fevereiro de 1635 por 1.250 holandeses, dirigidos por Schkoppe, conseguindo fugir, á Sapupema, á Serra d'Agua, travando combates a todo o momento, fugindo a emboscadas, e ás vezes só se salvando por milagre de sua temeridade, como occorreu em Sapupema, onde, inesperadamente, cercado de numerosas forças inimigas e intimado a render-se a bom quartel, conseguiu escapar á furia batávia (12). O interessante é que o sargento-mór Barbalho não era homem para guardar affrontas ou represalias, antes procurava realisar-as, e assim é que dias depois, quando o coronel Segismundt van Schkoppe, voltava de S. Lourenço em marcha para S. Agostinho do Cabo, com o proposito de sitiá-lo Nazareth, carregado de ouro, prata e roupas, producto de saque, cae numa cilada que lhe armara Barbalho e nella perde tanta gente, que recua até vir reforço do Recife, pagando-lhe bem caro o susto que lhe fizera passar. Os dois haviam de medir-se novamente.

Quando recrudesciu o furor do inimigo pelo mar, na grande ancia de fazer effectiva a conquista da provincia e suffocar de uma vez o obstinado protesto da terra, foi Luiz Barbalho, com o sargento-mór de estado Pedro Correia da Gama, governar a fortaleza de Nazareth. A guarnição ficou constituída de 600 soldados, capitaneada por Pedro Teixeira Franco, Paulo Nunes Tinoco, João Lopes Barbalho, Antonio Bezerra e outros. No commando daquella posição praticou actos de inexcusable bravura, repulsando com denodo continuos assaltos, e batendo-se como possessor em toda a redondeza da praça, abandonada aos seus escassos recursos e cercada em todas as direcções pelos inimigos, que dispunham para isso de 3.000 homens em terra e de varios navios grossos e embarcações ligeiras no mar. Afinal, com forças muitas vezes superiores, conseguem os flamengos reduzir aquelles heróes ao abrigo da fortaleza, onde lhes faltam mantimentos e escasseavam as munições. Não demorou muito que o coronel Siegesmundt van Schkoppe, commandante e governador das armas oppressoras, a puzesse em cerco apertado (13), e imaginem as angustias que ali curtiam aquelles corações desesperados. Occorre ainda que, naquella mesmo momento de desespero para a alma brasileira, iguaes tormentos se passavam no *Arraial do Bom Jesus*, sitiado pelas forças do polaco Arciszewski. Num e noutro destes nucleos da resistencia brasileira, os pernambucanos traçaram duas paginas da epopéa, cada qual refulgente de gloria e formosa de heroismo, mas que não teve Barros e Couto que as escrevessem. Depois de noventa e tres dias de uma defesa heroica, em que os sitiados já não tinham mais animal algum, cavallo ou cão, gato ou rato para alimento e lhes faltava a polvora, mortos de fome e de sede, os 547 soldados de Mathias de Albuquerque resignaram-se a capitular, o que fizeram em condições honrosas a 8 de Junho de 1635 (14). Viu-se Mathias de Albuquerque obrigado

(12) Esta proeza, que dá bem uma medida da sua intrepidez, é contada por Frei Raphael de Jesus (Obr. cit., 108): "Luiz Barbalho, que acompanhado de alguns indios se viu nas garras do infatigável, seguiu o caminho de Sapupema; e quando se imaginou livre de hum risco, se achou atalhado de outro maior. Deu de rosto com outra partida de holandeses, que acazo marchava por aquella parte. Sem detença o cercarão, dando-lhe vozes, os que o conheciam, que se rendesse a bom quartel; porém o animoso capitão, fiando menos das palavras do inimigo, que de hum fraco cavallo em que andava montado, lhe chegou as esporas a tempo, que se romperão as c'ilhas, e veiu ao chão com a sella. Faltou-lhe neste aperto a sorte, mas não lhe faltou o animo, com que empunhando a espada, fez largo caminho por entre os flamengos, e rompendo o muro veiu sahir ao logar de Gorjau, aonde os moradores lhe derão cavallo para se ir a Nazareth".

(13) Em 3 de Março de 1635.

(14) "Nem o valor nem a constancia dos defensores do Real bastou para que elle não se perdesse: porque afinal faltou tudo o que servia de sustento; consumirão-se cavallos, couros, cães, gatos e ratos, com que se alimentavão. E quando ainda houvesse alguma destas immundas cousas, não existia mais polvora nem outra qualquer munição. Não é por de admirar que se perdesse a praça; o que admira é que em tal estado a sustentassemos pelo espaço de tres mezes e tres dias, havendo na Europa differentes exemplos em pragas de outra natureza, e um exercito á vista em seu soccorro, quando esta de que agora tratamos ficou em tal estado de ruina, que nem a fórma do que era dantes apresen-

(5) Diz Brito Freyre (*Hist. da Guerra Brasileira*, Off'cina de Joam Gabram, 1675, 194) que "era dos primeiros em todas as investidas".

(6) Antonio Ribeiro de Lacerda, "zeloso, opulento e respeitado", na phrase de Brito Freyre (Obr. cit., 183), alliciára 200 homens á sua custa e offerece-se a Mathias de Albuquerque para ir em soccorro do Forte de S. Jorge, sitiado pelos holandeses, mas, quando chegou com a sua gente, já o forte havia capitulado, e então incorpora-se ás forças que combatiam no *Arraial* ao lado do governador.

(7) Porto Seguro: *Historia das lutas com os holandeses no Brazil*, Vienna d'Austria, 1871, 45.

(8) Nas *Memorias Diarias*, do conde de Basalho, esta acção tem a data de 13 de Porto Seguro attribue-lhe a data de 18 de Julho, em que houve outro combate, mas Rio Branco (*Ephemérides*, 310) opina pela de 16.

(9) "Acho este um povo de soldados vivos e impetuosos, aos quaes nada mais falta que boa direcção, e que não são de nenhum modo como cordeiro... e posso eu affirmar porque por vezes o tenho experimentado", dizia Waerdenburgh em officio de 27 de Julho de 1630, citado por Varnhagen.

(10) Fr. Raphael de Jesus: *Valeroso Lucidano*, Impressão Craesbeeck, Lisboa, 1679, 61.

(11) A defesa heroica desse reducto, em 7 de Fevereiro de 1633, constitue um dos episodios mais tragicos da guerra e na nossa historia, como diz Varnhagen, ficou como uma lenda só igual á do passo das Thermopylas. O seu commandante, Pedro de Albuquerque, apenas com 20 homens e 2 pequenas peças de ferro, resistiu a 600 holandeses aguerridos que, guiados por Calabar e capitaneados pelo terrivel von Schkoppe, por quatro vezes investiram furiosamente contra o forte e delle se apoderaram quando ali já não havia mais quem combatesse. Ao entrarem na fortaleza em ruínas, por ter cessado dentro della o fogo, encontram elles o ferido e moribundo, entre os 19 soldados mortos, o seu commandante, tendo o unico sobrevivente, Jeronymo de Albuquerque, com tres ferimentos, se salvado a nado. Cheios de espanto, rendem homenagem á intrepidez do capitão pernambucano, pensaram-lhe os ferimentos, conduziram-n'o para o Recife, onde o trataram carinhosamente, e, quando convallescido, mandaram-n'o para as Antilhas. E' o proprio Netscher (*Les hollandais au Brésil*, Belifante Frères, La Haye, 1853, 64), quem escreve: "Este forte do Rio Formoso não tinha senão duas peças de canhão e por toda guarnição apenas 20 homens, sob o commando de Pedro de Albuquerque. Jamais soldados fizeram melhor o seu dever do que este punhado de portuguezes. Intimado a render-se, o bravo commandante respondeu que elles alli se defenderiam até o ultimo suspiro e, com effeito, resistiram a quatro assaltos consecutivos. Dos 20 soldados, 19 fizeram-se matar; o vigesimo, ainda que ferido (era Jeronymo de Albuquerque, parente do capitão) atravessou o rio a nado, e assim escapou dos vencedores, os quaes, entrando então no forte, alli encontraram o commandante estendido ao lado dos seus 19 bravos: tinha elle recebido um tiro de mosquete no peito. Os nossos, admirados e commovidos ante este heroismo, prodigalisaram-lhe soccorros, e elle foi para Lisboa. Esse bravo official voltou ao Brazil, em 1643, como governador da capitania do Maranhão. Diz com razão Oliveira Lima (*Pernambuco, seu desenvolvimento historico*, Brockhaus, Leipzig, 1895, 72), que Camões, se vivo fôra, juntaria esta epica defesa ás melhores façanhas dos seus Gamas e Castros, e Rio Branco (*Ephemérides*, 68) chamou a Pedro de Albuquerque o "Leonidas da defsa homérica do Rio Formoso".

deste modo a abandonar Pernambuco, retirando-se para Alagoas, mas Luiz Barbalho ainda sustentava por mais tempo a defensiva dentro da fortaleza. A capitulação do Arrajal vem tornar mais desesperada e mais trágica a longa agonia de Nazareth, porque as tropas inimigas, reforçadas com os sitiados da fortaleza rendida, fecham cada vez mais o horrível círculo de ferro e fogo. Se fóra do reduto, em torno do forte, passaram-se os incidentes mais trágicos, dentro daquelles muros tetricos, desenrolam-se agora as scenas de loucura mais horribéis. A proporção que se torna furiosamente tenaz a repulsa dos assediados, que confiados mais nos peitos indomáveis que nas muralhas, repellem varios ataques successivos, cresce o sacrilego rancor do inimigo, irritado com tanta intrepidez. Naquelle pagagem deserta e desolada combate-se ainda por varios dias e varias noites, numa luta de tigres feroces contra leões, mas leões que commettem os feitos com o coração e não com alma de chacaes. Contam-se os minutos na vigilia de afflicções que estão vivendo os bravos defensores de Nazareth, mais duendes do que homens, só destacados no chão das ruínas, ao lampejo dos canhões. Por fim, estão destruidas as muralhas, desmontadas as peças, esgotadas as munições e os mantimentos, reduzida a guarnição e fóra de combate a maior parte da gente. Tomados de cansaço, de fome e de dor, os mais valentes se espantam no meio daquelle inferno. Não era mais possível a resistencia: materialmente impossivel continuar a viver no estreito recinto de chamma, tanto mais que se sabiam completamente isolados no meio de uma provincia toda occupada pelos hollandezes. Ao cabo de quatro longos mezes de furia e de demencia, Nazareth teve de cahir, mas ainda assim tombam como os de Homero aquelles seiscentos heróes, assombrando os proprios inimigos (15). A capitulação celebra-se a 2 de Julho de 1635, com todos os estylos militares, e os vencidos, officiaes, condestables e soldados, "saheo formados em esquadrão, bandeiras desprezadas, a toque de caixa, morrões accesos, balas em bocca", e mais honras militares, embarcando-se a guarnição para as possessões espanholas das Antilhas. Nazareth foi o ultimo baluarte da resistencia destruido e, como vemos, os pernambucanos só cederam a capitania palmo a palmo.

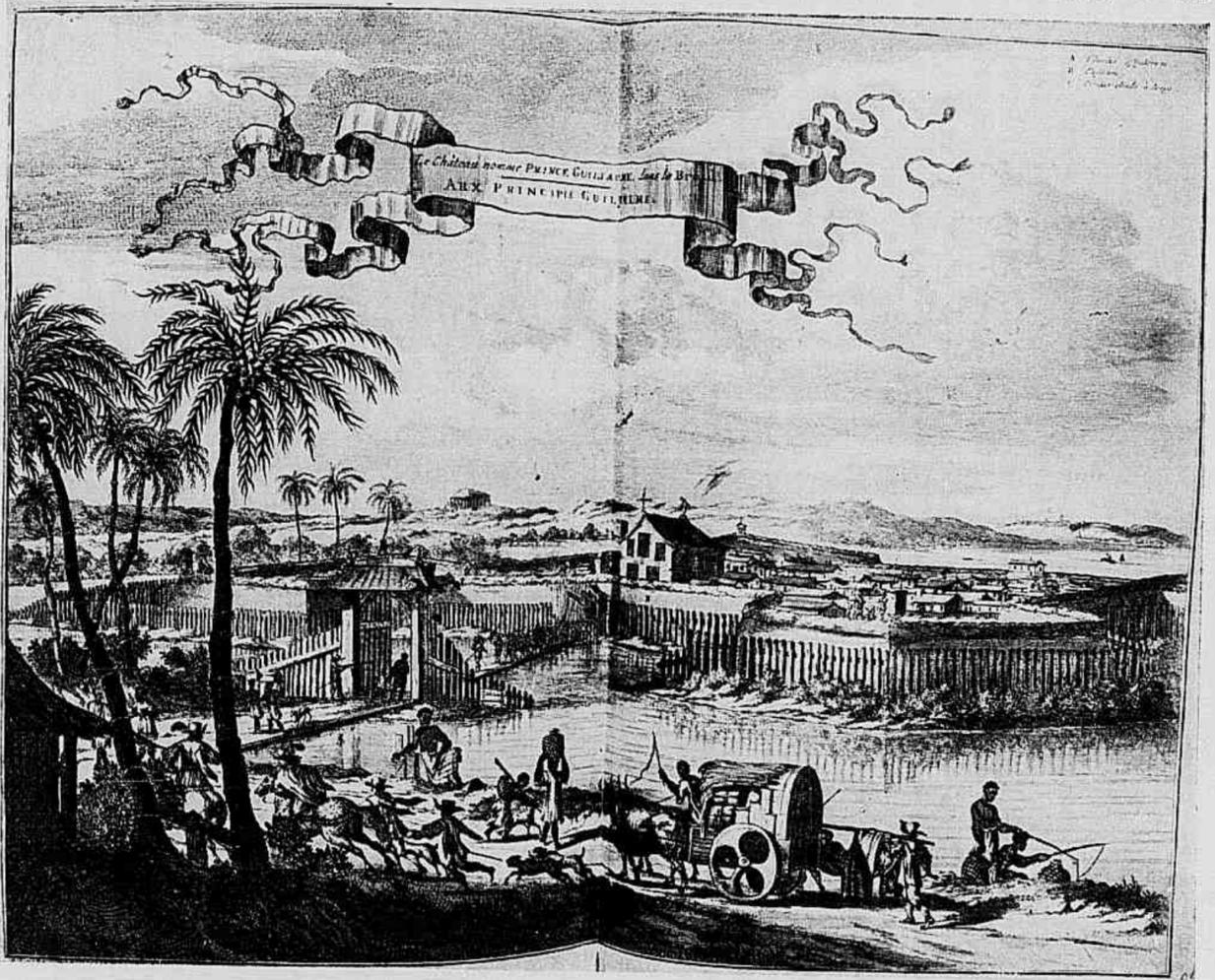
Luiz Barbalho é enviado para Hollanda, onde o recebem mais como um heróe, que merece admiração, do que como inimigo, que deve ser castigado. Por isso mesmo o seu captiveiro durou pouco. Sempre altivo e digno, a propria grandeza moral de Luiz Barbalho se impoz aos Estados Geraes, e em breve reconquista a liberdade. Assim que se viu livre o grande soldado, partiu para Espanha, e logo que soube como se preparavam forças em Lisboa para socorro do Brazil, apressa-se a procurar a capital da velha patria, mais querida agora dos grandes corações pela circumstancia de estar ainda nas tristezas do longo crepusculo em que cahira a monarchia. Em Lisboa é recebido com as maiores honras, sendo de prompto investido do commando do terço que organisára e equipára, composto de 350 soldados (16), e capitaneado pelos pernambucanos Guilherme Barbalho, seu filho, Pedro Cavalcanti de Albuquerque, Antonio Bezerra Monteiro, Gaspar de Souza Carvalho e Tristão da França. Com a sua tropa desembarca na Bahia a 16 de Agosto de 1637, logo depois que a Pernambuco chegára o principe Mauricio de Nassau, á cuja generosidade cavalheiresca deve Barbalho a restituição da mulher e dez filhos, prisioneiros no Recife desde a capitulação de Nazareth (17). Ali, no anno seguinte, encontramos Luiz Barbalho, então já mestre de campo, (18) por ironia irregular, concorrendo para a defesa da Bahia contra o proprio principe que se lhe mostrára tão generoso. Acantonado na Torre de Garcia d'Avila, quatorze leguas distante da cidade ameaçada e indefesa, porque o governador Pedro da Silva, talvez por despeito ou inveja, regára aos pernambucanos se alojassem na Villa Velha, á meia legua da capital, como solicitaram, mal divulgou-se a noticia de que

os hollandezes se dispunham á invasão, trazida por Sebastião do Souto, que a recolhera numa correia em terras de Alagoas, Luiz Barbalho, reunindo as suas ás tropas de Bagnuolo e á gente de Pernambuco, abandona sem autorisação o acampamento e corre a tomar posição para a resistencia. A principio, os habitantes de S. Salvador exigiam a todo o transe um encontro em campo razo com os invasores, não obstante a superioridade numerica dos contrarios. Bagnuolo, porém, escarmentado sem duvida com o revex de Porto Calvo (19), oppuzera-se formalmente a semelhante idéa. Defendia elle com bom

(19) A derrota de Bagnuolo em Porto Calvo foi resultado da superioridade numerica dos hollandezes. Com insignificantes recursos resistiu como ponde aos progressos do inimigo, e, na sua retirada para Sergipe, muito hostilizou os hollandezes. Achar-se aquartelado em Porto Calvo, com um exercito de 2.000 homens, composto de 700 pernambucanos, 500 portugueses, 300 espanhões, 120 napolitanos, 300 indios e 80 pretos, contra elle marchou o principe Mauricio de Nassau com 4.400 homens sob o commando de von Schkoppe e Arciszewski. A batalha feriu-se no dia 18 de Fevereiro de 1637, nas margens do Commandatuba, ribeiro que se lança no rio das Pedras, abaixo de Porto Calvo, entre esse exercito e 1.180 homens, que Bagnuolo destacára sob o commando do tenente de mestre de campo Alonso Ximenez de Almiron, que tinha ás ordens o sargento-mór Martim Ferreira, o capitão-mór Camarão, o governador Henrique Dias e os capitães Francisco Rebello, João Lopes Barbalho, Estevam de Tavora e outros. As nossas perdas foram de 60 mortos, 50 feridos e 54 prisioneiros, enquanto os hollandezes

senso, contra o parecer geral, alvitre de que os 1.500 soldados da guarnição (20), deviam concentrar-se nos reductos e trincheiras improvisadas á pressa e esperarem das suas posições o inimigo. Na defensiva os bisonhos milicianos seriam transformados em bons elementos de combate, ao contacto da gente aguerrida de Pernambuco, que havia oito annos servia dedicadamente a patria, e sem o menor soldo, e cujos capitães se acostumaram a terçar armas com os terriveis e calmos soldados hollandezes. Atalaiados convenientemente, não só resistiriam com mais vantagens aos assaltos contrarios mas ainda poderiam inflingir ás forças hollandezas maiores damnos, empregando o velho systema de emboscadas. A gente da Bahia, com o governador portuguez á frente, votava grande antipathia ao general napolitano, cujas derrotas eram mais attribuidas á covardia que levadas á conta da conducta prudente (21). Bagnuolo, que nunca se deixou aca-

tinguiu-se em Cadiz e na tomada de S. Kitts, e tornou ao Brazil em 1634, desembarcando em Alagoas, com algumas tropas. Desde ahi representou papel importante na nossa guerra contra os hollandezes e teve, a partir de 19 de Janeiro de 1636, o commando em chefe das tropas de Pernambuco. Defendeu Porto Calvo até quando lhe foi possível e em 1638 salva com Luiz Barbalho a Bahia de cahir novamente sob o jugo hollandez. Falleceu mestre de campo general a 26 de Agosto de 1640 na cidade de S. Salvador, descansando os seus restos em sepultura ignorada, no convento do Carmo, da mesma cidade. O seu



A FORTALEZA PRINCEPE GUILLERME, NO RECIFE

contaram apenas 6 mortos e 45 feridos. Neste combate se registam dois factos que muito falam em favor da raça negra e da india: o primeiro é o caso de que Henrique Dias, ferido pela sexta vez, soffre com estoicidade a amputação da metade do braço esquerdo, dizendo que "no outro lhe ficavam muitos para servir ao seu Deus e ao seu rei", e o outro refere-se á india Clara Camarão, mulher do celebre commandante dos indios, que, durante o combate e na retirada, peleeu ao lado de seu esposo, "montada em um cavallo, e tão clara se mostrou nesta gentileza, que deixou escurecida a memoria das Zenobias e Semiramis", como diz Raphael de Jesus (Val. Luc. 143). Não podendo resistir ao grande poder do inimigo, retira-se Bagnuolo, em completa ordem, deixando no forte de Porto Calvo 410 hespanhões e napolitanos com o commandante Milguet Gilberton, para retardar a marcha dos hollandezes, o qual veiu a capitular no dia 6 de março. O roteiro da retirada de Bagnuolo foi o seguinte: no dia 25 de Fevereiro chega a Magdalena, hoje cidade das Alagoas, a 10 de Março continúa a marcha para o S. Francisco, alcançando a 17 Penedo e dali passa-se no dia 27 para o territorio de Sergipe, tendo occupado nove dias a atravessar o rio, e, afinal, quatro dias depois acampa em S. Christovam. Ahi se conservou Bagnuolo até 14 de Novembro, sempre incomodando o inimigo com incursões que mandava fazer, mas, ameaçado por forças consideraveis, segue a Torre de Garcia d'Avila, e assim ponde defender a cidade da Bahia, quando atacada por Nassau mezes depois. (Rio Branco: *Ephemérides*, 108). A figura e acção de Bagnuolo não foram convenientemente estudadas, sendo contradictorias as opiniões a respeito, mas Varnhagen e Rio Branco falam delle com louvor. Veiu ao Brazil em 1625, como sargento-mór de um terço de napolitanos e ao mesmo anno, depois da restauração da Bahia, regressa para a Espanha, promovido ao posto de mestre de campo. Dis-

nome é Gino Vincenzo Sanfelice, foi conde e depois principe. Delle conhecemos um unico retrato, que é o da obra *Il genio belicoso de Napoli*, de Filamondo, publicada em 1691, em Napoles, em 2 volumes in folios. (Rio Branco, *Ephemérides*, 411).

(20) A guarnição da cidade constava de 1.500 soldados, pertencentes aos terços do mestre de campo D. Fernando de Loduena e D. Vasco de Mascarenhas, conde de Obidos, em cuja ausencia commandava o respectivo sargento-mór João de Araujo, os quaes, reunidos ao terço de italianos de Bagnuolo, á gente pernambucana, que era de cerca de 1.000, e ao terço de Barbalho, somavam 3.000 combatentes. Os capitães pernambucanos eram Estevam de Tavora, Francisco Rebello, Pedro Cavalcanti de Albuquerque, Gaspar de Souza Carvalho, João da Silva e Azevedo, João Barbosa, João Lopes Barbalho, Guilherme Barbalho, Henrique Dias, Felipe Camarão, D. João de Souza, Martim Soares Moreno, etc.

(21) Ao que parece, Bagnuolo e Pedro da Silva tinham-se desavindo por motivo da retirada de Sergipe, que, abandonado pelo general napolitano, veiu a cahir em poder das tropas de von Schkoppe. Naturalmente, San Felice, internado em Sergipe com 2.000 homens, reliquia do exercito de Porto Calvo, julgou mais acertado salvar a Bahia em um ataque eventual, arrostando as fadigas de uma marcha penosissima por entre mattas sombrias e os perigos dos assaltos dos indios, que ser dizimado pelas tropas batavias. Não obstante, durante o tempo em que se conservou na capitania de Sergipe, ordenou varias excursões até o S. Francisco, que espalhavam por toda parte o terror e a morte entre os inimigos. Afinal, houvesse ou não rivalidade ou desintelligencia entre os dois chefes, teve o governador geral o bom senso de, compreendendo o perigo, entregar a Bagnuolo a direcção suprema da defesa. Pedro da Silva, como observa Varnhagen, chegou ao extremo de delegar em Bagnuolo todas as prerogativas que

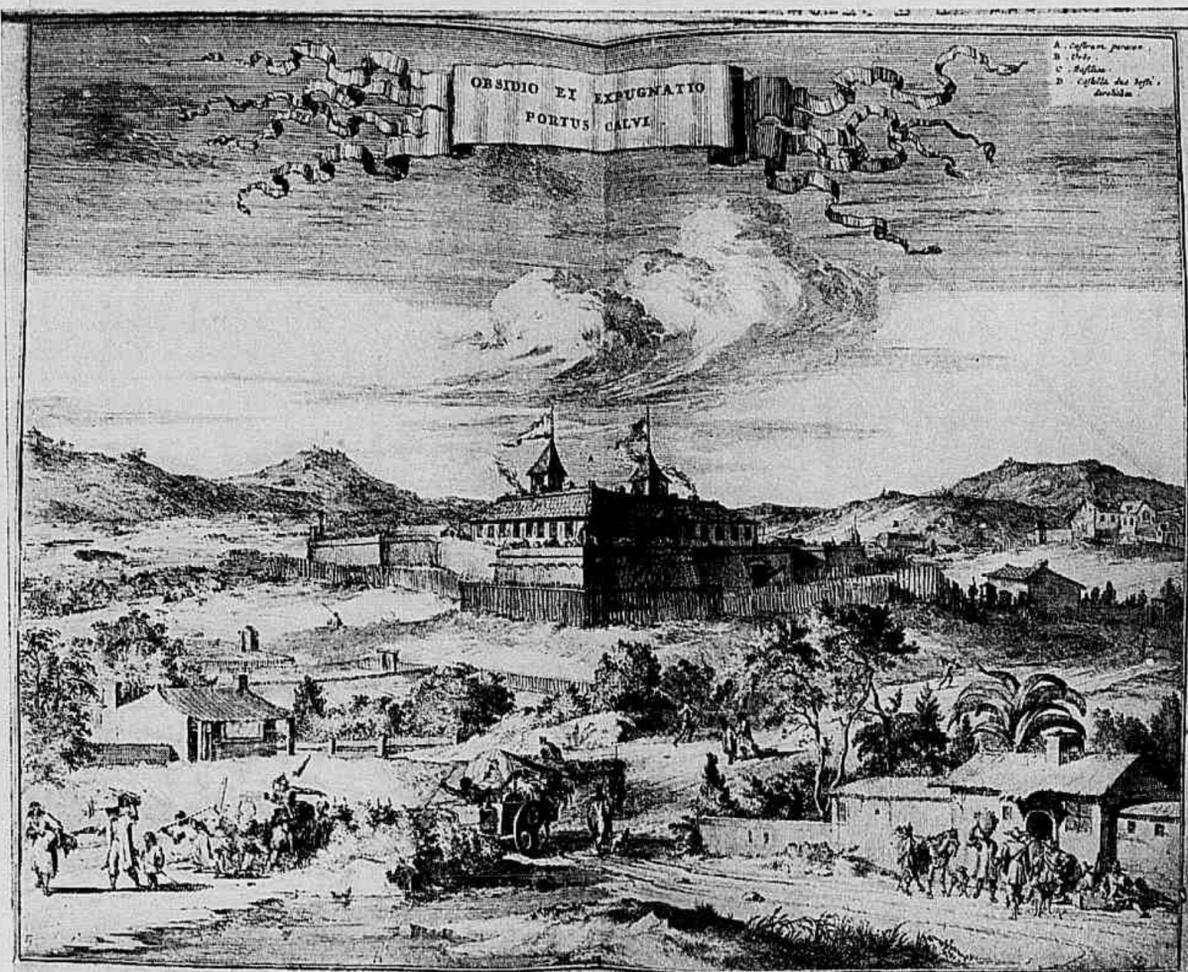
tava. Foi finalmente preciso render-se e com as circumstancias referidas de certo que não foi ingloriosamente (Marquez de Basto: *Memorias Diarias da Guerra do Brazil*, Rio de Janeiro, Typographia Barreto, 1855, III).

(15) Duarte de Albuquerque, nas suas *Memorias Diarias da Guerra do Brazil*, 113, diz: "Os do forte de Nazareth já não tinham mantimentos, nem sequer de algum animal immundo... Ao sahir a nossa gente, cahirão mortos alguns dos soldados por effeito da fome: parece que só estavam com vida enquanto não fizessem qualquer movimento. Tal era o estado a que haviam chegado".

(16) Duarte de Albuquerque, nas *Memorias Diarias*, dá este numero, enquanto Brito Freyre contou trezentos.

(17) Nassau, com a gentileza que sempre o distinguia, attendendo ao pedido do Conde de Bagnuolo, enviou a familia de Barbalho em um navio especialmente destacado para esse fim.

(18) Foi promovido em 31 de Janeiro de 1637.



PORTO CALVO, BALUARTE DA FRONTEIRA SUL, TOMADO DEPOIS PELOS HOLLANDEZES

brunhar, impõe por fim o seu plano de defesa, ao mesmo tempo que, com o apoio de Barbalho e dos pernambucanos, que declararam francamente não cumprir as ordens de Pedro da Silva (22), tomava todas as precauções, melhorando as fortificações, guarnecendo os postos avançados e cuidando dos aprovisionamentos. Dentro de poucas horas, era senhor da situação, e daí em diante dirigiu a luta com discernimento, coragem e sangue frio (23).

No dia 16 de Abril de 1638 surgem os flamengos deante da Bahia de Todos os Santos, numa esquadra de 40 navios sob o commando do vice-almirante Joan van de Mast, conduzindo cerca de 7.800 (24) combatentes, inclusive 1.000 indios, e

lhes haviam sido conferidas pela autoridade do rei, talvez mais para descarregar-se de qualquer responsabilidade em caso de desastre, do que por abnegação ou patriotismo. Todas as dissensões desapareceram, e Bagnuolo mostrou-se digno dessa deferencia, que não podia deixar de inflamar-lhe a coragem, e, animado de um novo espirito, destruiu desde logo, por actos de valor estrategico a impressão desfavoravel que haviam provocado os seus reveses. O certo é que, sem Bagnuolo e sem o auxilio das tropas de Luiz Barbalho, outra teria sido a sorte da Bahia. Veja-se ainda sobre o assumpto Brito Freyre, *Obra citada*, a pagina 432.

(22) Este Pedro da Silva, filancioso e malcreado, foi sempre infenso aos briosos pernambucanos. Quando o conde Bagnuolo, então aquartellado na Torre de Garcia d'Avila, pela primeira vez, offereceu ao governador geral os serviços da gente de Pernambuco, conhecedor que era do intento de Nassau, que pretendia occupar a Bahia, teve em resposta este insulto de vilão: *que lhe era mais necessario conservar-se aonde estava, pois se não podesse conservar-se donde vinha, que trazer á Bahia a fortuna de Pernambuco*. No entanto, sabe-se o que deve a defesa da Bahia aos filhos de Pernambuco, cujos serviços e valor foram aliás sempre reconhecidos pelo povo, embora mal recompensados pelo rei e seus prepostos. Em 1625, quando atacada pela esquadra do almirante Wilken, além do socorro que então levou de Pernambuco, o illustre pernambucano D. Francisco de Moura, reunindo-o ao que de Portugal conduzira, teve a defesa da Bahia o concurso precioso de Felipe de Moura, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Affonso de Albuquerque, Jeronymo de Albuquerque, João Cavalcanti de Albuquerque, estes tres ultimos irmãos, que equiparam 200 homens a sua custa, e outros (Brito Freyre: *Obr. cit.*, 123).

(23) A proposito diz Accioli, *Mem. Hist.*, I, 93: "Bagnuolo em altas vozes declarou que não convinha atacar o inimigo em campo raso, mas sim que todos devião fortificar-se na cidade, a qual, desprovida de guarnição, podia ser invadida de noite; alguns reprovavão este parecer, mas sendo alfin adoptado, toda a força se recolheu á mesma cidade. Esta medida fez irritar o povo, que desordenadamente accusava a Bagnuolo de connivente com o inimigo, e em jornal redicção clamava pela sua substituição: foi logo tanguido o sino da camara, e ia-se augmentando o tumulto a tal excesso, que foi necessaria toda a interferencia do bispo e D. Duarte Albuquerque, para acalmar os espiritos dos sediciosos, e conseguindo-se somente a pacificação depois que se lhes assegurou, que no dia immediato seguir-se-ia o ataque dos holandezes".

(24) Varios historiadores, entre os quaes Accioli (*Mem. Hist.*, I, 92), dão 7.800 soldados, mas o Marquez de Basto conta 5.800 e Netcher dá 14.400, aquelle parecendo exacto, o que é confirmado por Rio Branco (*Ephemerides*, 204).

põem a cidade em cerco, enquanto outra divisão, ao mando do general van Schkoppe, assalta S. Christovam de Sergipe, que depois de barbaro saque é incendiada. A' frente da expedição vem o proprio Mauricio de Nassau, que se resolveu animar pessoalmente a investida, a exemplo do que fizera em Porto Calvo, onde apparecera com uma guarda de honra de 50 arcabuzeiros a cavallo. Protegidas por intenso fogo de artilharia, as forças expedicionarias, desembarcando na manhã seguinte, na praia de Itacaranha, sem encontrarem resistencia, assaltam e apoderam-se dos fortes avançados de Agua de Meninos, Rosario, Montessate e S. Bartholomeu, abandonados pelos sitiados, desde que o inimigo tomára posição dominante. Animados deste modo por tanta facilidade, vendo uma após outras cahir as frentes avançadas, e na esperança de tornar mais efficiente o bloqueio, Nassau lança na noite de 21 de Abril tropas, em numero de 1.500 combatentes, sobre as posições principaes. Faz assaltar o forte de Santo Antonio, cujos elementos de defesa Barbalho melhorára muito e augmentára com a construcção de mais um reducto lateral. terra a dentro, o que mais tarde se tornou a fortaleza muralhada e de cantaria que, por ordem directa do rei, tomou o seu nome (25), e é repellido violentamente com grande perda pelo intrepido pernambucano, que vae ser a alma, o cerebro e o braço da intrepida resistencia. Nesta investida, a que assistiram o general Bagnuolo e o donatario Duarte de Albuquerque Coelho, foram feridos, pela setima vez durante a guerra, o valoroso capitão pernambucano Estevam de Tavora, que succumbiu dias depois, tendo-lhe succedido no commando da companhia André Vidal de Negreiros, e o brave Pedro Marinho Falcão e morreram, entre outros, Antonio Bezerra Monteiro, João Barros Cardoso que por duas vezes defendera na Parahyba o forte de Cabedelo, Christovam Paes de Altero, João da Silva e Azevedo, João Paes de Mello, Antonio de Sá Maia e Simão de Albuquerque, todos pernambucanos. Os nossos, por outro lado, ao mesmo tempo que esperavam os assaltos dos inimigos aquartelados nos seus reductos, emprehendem varias investidas com o fim de hostilizar os holandezes, confiando-se taes proezas á valentia de Souto, Rebello e Henrique Dias. Alguns dias depois, a 18 de Maio, desesperados pelos insuccessos havidos, os holandezes, agora capitaneados pelo proprio Nassau, assaltam novamente, preparados por um longo bombardeio e com vigor desusado, mas sem resultado, as trincheiras avançadas de Santo Antonio, cujos parapetos eram defendidos principalmente pelas tropas pernambucanas, capitaneadas por Francisco Rebello, o *Rebellinho*, Ascenzo da Silva, Sebastião do Souto, André Vidal de Negreiros e outros. Ambos os par-

(25) Os bahianos, agradecidos, no intuito de perpetuarem a memoria de Barbalho, deram o seu nome á fortaleza que, no sitio denominado Soledade, levantára o seu genio militar e com tanto denodo defendera, forte este que depois transformaram num baluarte mais potente.

tidos tinham posto em acção todas as suas forças. Os brasileiros, abrigados nas fortificações, conseguiram deter o inimigo, superior em numero. A luta sangrenta durára toda a noite, e Luiz Barbalho, que conservava a mesma blindagem de ouro e o mesmo impeto sagrado, sahindo do reducto que occupava, á direita da posição assaltada, investe pela retaguarda o inimigo e espalha a confusão nas suas fileiras, provocando a derrota decisiva. No meio dos combatentes, tal como um paladino medieval, pompeava a figura garbosa do grande Nassau, erecto sobre o seu altero cavallo, "ostenhando botas de bufalo, luvas de anta e couraça de fino aço", vestido como para um baile, e empunhando a espada reluzente de gloria, simultaneamente encorajava os seus soidados com a palavra e vibrava golpes terriveis. Mauricio teve 335 homens fóra da luta além dos prisioneiros: 104 mortos e 231 feridos, entre aquelles es coroneis Eichtbrecht, Boward e Hollinger, o engenheiro Berchen e outros cinco officiaes, e entre estes o então major Hindersee e mais oito officiaes. Os nossos perderam 160 homens, sendo 60 mortos, inclusive um official, vindo a fallecer dias depois dos ferimentos recebidos o capitão portuguez Sebastião Souto, que desde 1635 servira com distincção contra os holandezes e havia dirigido duas arriscadas incursões no territorio occupado pelos invasores. Batidos os flamengos, que eram numerosos e tinham navios que cobriam o mar, e desde 20 de Abril assediavam a cidade e combatiam dia e noite, e descoroçados de obter a victoria, Nassau embarca furtivamente no dia 25, protegido pela escuridão da noite e ao amanhecer larga para o Recife, com as suas forças reduzidas pela peleja, pela fadiga e pela fome a 3.300 homens. Nesta retirada, abandonou quatro peças de grosso calibre dos seus arroches, muitas armas e instrumentos de sapa, e toda artilheria dos pequenos fortes que havia occupado. A derrota fóra completa.

Grande foi a alegria dos bahianos, que cumularam de distincções o general que outr'ora tanto desprezaram e se tornára agora o salvador, tendo a cidade mandado distribuir 16.000 cruzados ás suas tropas (26). Felipe IV festejou muito a victoria e recompensou os principaes heróes e figurantes da feliz defesa, concedendo ao governador Pedro da Silva o titulo portuguez de conde de S. Lourenço, em recompensa pelo desprendimento com que consentiu servir sob as ordens de seu inferior, ac general conde de Bagnuolo, com a dignidade de príncipe, o feudo de Monteverde em terra de Otranto, e á cidade da Bahia augmentos dos privilegios de que já gosava, enquanto Luiz Barbalho e Antonio Felipe Camarão receberam commendas tendosas na ordem de Christo. O que foi esta resistencia dizem mais do que as mercês do Rei os resultados obtidos, e ainda uma vez o invicto mestre de campo colhe gloria immorredoura. Foram os musculos e a coragem dos pernambucanos, parcos em falas e potentissimos em feitos, que ganharam todos aquelles trophéos. Naquelle momento de angustia, esquecidas as affrontas de um governador despeitado e mesquinho, a cohorte pernambucana, "curtida e cortada na disciplina", foi a grande arca de salvação a que se recolhera a alma da Bahia, livre de tão grave perigo, graças aos soldados de Barbalho. A irmã mais velha de Pernambuco era deste modo, pela segunda vez, defendida pelos Cavalcantis e pelos Albuquerquees contra os invasores flamengos, que, como ha treze annos (27), eram desbaratados e expulsos, depois de quarenta dias de combates cruentos. Não podesse Nassau, que não comprehendia fossem os pernambucanos capazes de um esforço, não já decisivo, mas vigoroso, nesse colossal torneio em que derribavam gigantes, explicar o revez. Affirmou só emprehendera o ataque em virtude da informação desfavoravel acerca do estado de defesa da Bahia, e por constar-lhe que reinava pouca intelligencia entre Bagnuolo e o governador portuguez, o que verifára justamente o contrario — "pela mesma razão, accrescenta elle em carta datada de 29 de Junho seguinte, que noutro tempo Herodes e Pilatos se tinham mostrado muito amigos" (28). Seja como fó, a derrota, com haver-lhe enfraquecido consideravelmente o seu poder militar, muito abateu o animo do príncipe

(26) A Camara da Bahia festejava annualmente o anniversario desta restauração com procissão e festa aos apostolos S. Felipe e S. Thiago, que a igreja nesse dia celebra, e costumavam salvar algumas fortalezas; mas nada disto hoje se pratica, ficando assim em esquecimento uma das épocas bem memoraveis, na historia da Provincia, que servia de incentivo á pratica de accões famosas. (Accioli: *Memorias Historicas*, I, 86).

(27) Na primeira restauração praticaram proezas memoraveis os pernambucanos Felipe de Moura, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Affonso de Albuquerque, Feliciano Coelho de Carvalho e os irmãos Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque, João Cavalcanti e Felipe Cavalcanti, que, a sua custa, haviam armado 200 homens, embarcados em navios seus e pagos pelos mesmos enquanto durou a luta.

(28) Citado por Porto Seguro, na *Hist. das Lutas*, á pagina 133.

esclarecido e, o que é mais, concorreu sem duvida para que fosse mais tarde privado do posto do governador do Brazil Hollandez. Facil é imaginar-se a profunda impressão que causou a victoria, o primeiro grande successo alcançado pelos brasileiros desde a perda de Pernambuco, e de tanto maior vulto, quando punha a capital do dominio e principal fortaleza do imperio colonial sul-americano a coberto de outra invasão inimiga.

II

Afinal, chegamos á phase mais brilhante desta grande vida, em que surge o incomparavel successo que vae incorporar definitivamente este nome entre os que figuram nas paginas mais adoraveis do antigo heroismo. A Bahia chega em Janeiro de 1639 a esquadra de D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre, que havia sido nomeado "capitão-general de mar e terra do Estado do Brazil e das armadas maritimas que nelle se achavam". Ali, durante cerca de um anno prepara-se a formidavel expedição com que se esperava esmagar completamente o inimigo e expellir-o da terra. Além das grandes forças navaes, representadas pelas esquadras de Castella e de Portugal, compostas de 89 vélas, galés, galeões, galeotas latinas, urcas, caravellas, fustas e patachos, — a frota mais poderosa que até então sulcára os mares da America (29), organisava-se um pequeno exercito de terra, tendo á frente o mestre de campo principe de Bagnuolo e os mais notaveis chefes daquella santa cruzada, entre os quaes estava na primeira plana o já lendario pernambucano. Sae ao mar a 20 de Novembro a esquadra do Conde da Torre, levando a bordo o terço napolitano de Bagnuolo e as companhias de Barbalho, enquanto seguiam por terra, com seis mezes de antecedencia, os pelotões do bravo André Vidal de Negreiros, Paulo da Cunha, João Lopes Barbalho e Antonio Felipe Camarão, com instrucções para acommetterem o inimigo, "não deixando pedra sobre pedra, nem dando quartel a flamengos", logo que a esquadra estivesse á vista da costa pernambucana.

Tal plano não teve exito e, como se sabe, soffre a expedição o maior e o mais funesto desastre de toda a guerra. Foram primeiro as tormentas, depois os combates e afinal a afflicção daquella quasi fuga de toda a esquadra miseravelmente dispersa como um destroço (30). O impavido Luiz Barbalho não quiz volver á Bahia naquelles mesmos navios batidos mais de vergonha do que de infortunio. Que diriam os usurpadores dos indomaveis brios do povo pernambucano? Depois de reflectir sobre o desastre das forças navaes, e, ainda mais, lembrar-se de que foi elle posto á frente daquella gente para trazer a guerra do norte para o sul, deliberou avocar a responsabilidade da expedição atravez das tres capitánias occupadas pelo inimigo, ouriçadas de perigos e emboscadas, com temerosa carranca de fortalezas, abundantemente providas de tudo e bem defendidas por espantosa multidão de soldados. Então desembarca no Porto dos Touros com os seus 2.000 commandados e mais o terço de negros governados por Henrique Dias (31). O lo-

(29) A armada compunha-se de 48 navios de guerra, inclusive 14 galeões e 6 urcas, com 801 canhões, e 41 transportes e navios pequenos desarmados, sendo 13 caravellas, 6 patachos, 9 barcos latinos e 13 barcos sem coberta, sob o commando dos generaes D. Juan de la Vega Bazan, D. Rodrigo Lobo e D. Diogo Lobo e dos almirantes Francisco Dias Pimenta, Cosme do Couto Barbosa e Antonio da Cunha de Andrade, o primeiro espanhol e os demais portuguezes.

(30) O plano consistia num ataque simultaneo por mar e por terra. Logo ao sahir foi a esquadra acossada pelos temporaes, que a dispersaram, varios navios tendo desgarrado e voltado á Bahia, e só em Janeiro de 1640 puderam reunir-se na altura da Parahyba 63 navios, sendo 20 de primeira classe. Ainda assim, foram impedidos de levar a effeito uma junção com o exercito de terra, que já tinha dado inicio ás destruições das propriedades inimigas, em virtude de rapida aproximação da esquadra hollandeza, composta de 41 vélas, com 473 canhões, commandada pelos almirantes Willem Cornelissoon Loos e vice-almirante Jacob-Huyghens, para offerecer ao inimigo batalha em mar alto. Houve quatro encontros consecutivos: o primeiro ao norte de Itamaracá e na altura da Ponta das Pedras, a 12 de Janeiro; o segundo entre o rio Governador e o cabo Branco, a 13 de Janeiro; o terceiro, outra vez perto da Parahyba, e, finalmente, após dois dias, durante os quaes as esquadras foram tocadas pelos ventos mais para o norte, deu-se a batalha decisiva á altura do Rio Grande do Norte, a 17 de Janeiro. Os hollandezes, cujas perdas foram relativamente diminutas, regressaram ufanos a Recife, enquanto os portuguezes, com o resto dos navios, procuravam um abrigo atraz do cabo de S. Roque e dahi se dispersaram para todos os lados, refugiando-se uns no Maranhão, voltando outros á Bahia, tomando alguns até o rumo das Antilhas, regressando o conde da Torre e Bagnuolo tambem para alli num pobre bergantim. Os hollandezes festejaram a victoria e mandaram cunhar uma medalha em cuja inscripção se lia: "Deus abateu o orgulho do inimigo".

(31) Quasi todos os historiadores dão o numero de 1.300, mas o padre Francisco Paes, em carta ao padre Paulo da Costa, acerca deste successo, ar-

gar é quasi deserto e, abandonados naquella paragem, só têm as suggestões da desgraça. No entanto, ninguém se quebranta, porque a alma de todo é aquelle peito que o destino é incapaz de domar. A contingencia era horrivel: ou teria de affrontar heroicamente aquella fatalidade, preferindo a luta até a morte, ou então de expor-se a uma rendição humilhante, e cahir sob as plantas de inimigos tremendos, que suppunham asphixiar o paiz com os seus canhões, encadeal-os nos seus aneis de serpente flammivoma, submettel-o enfim á lei de ferro dos vencidos, arrancando-lhe todos os valores, desde a moeda ao pão, e reduzindo-o á negra fome. Não ha escapar aos extremos irreductiveis do apertado dilemma. Naquelle momento de dura opposição da sina, o lidador congrega a sua gente, menos para ter mostra de força, do que para que ella se certificasse da segurança do seu capitão.

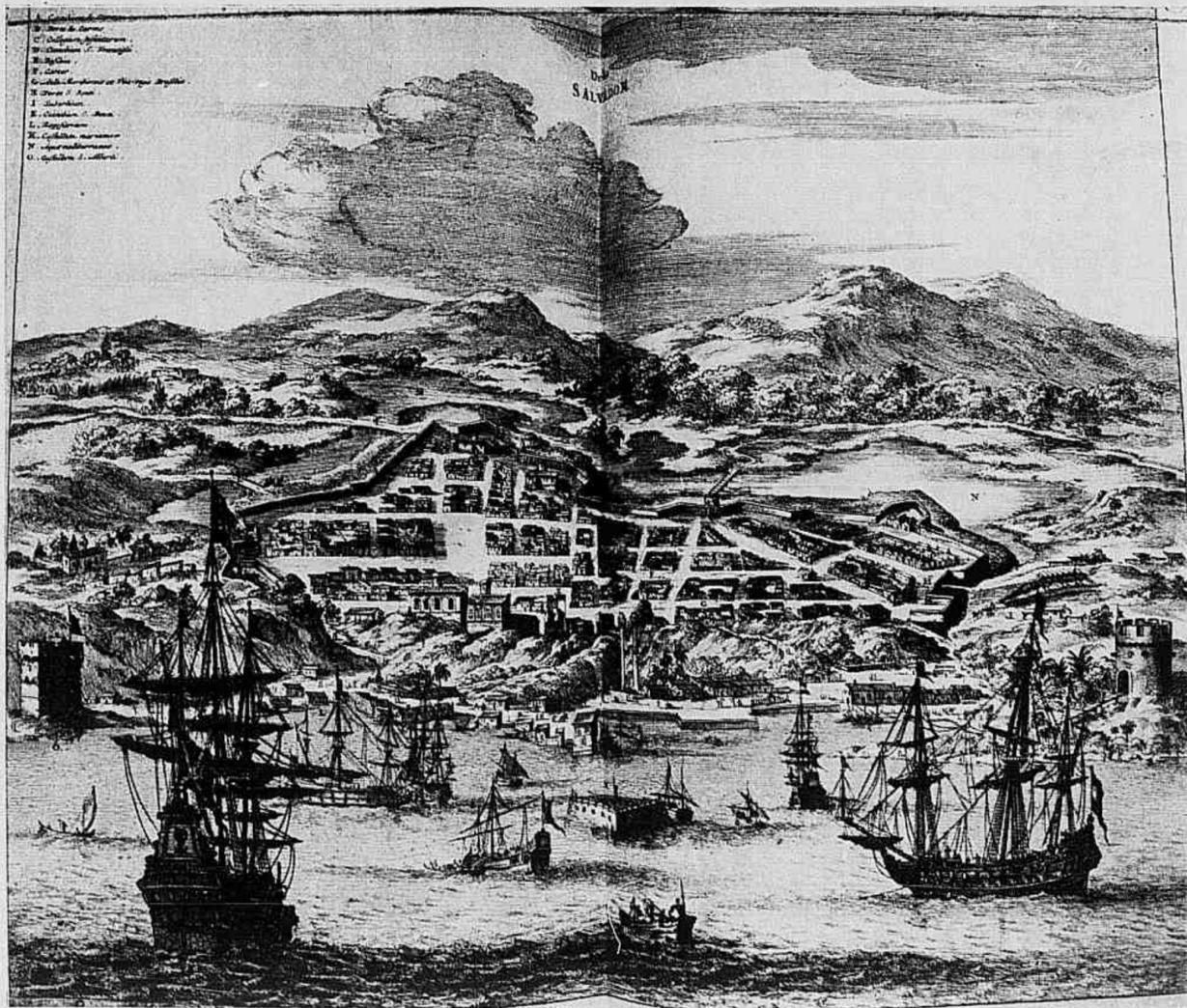
Antes da sua jornada atravez de plains e montes, villas e selvas, contra o inimigo batávio, Luiz Barbalho discursa em estylo potente e marcial aos seus commandados. Seria o mestre de campo, ao mesmo tempo, um mestre de lingua portugueza? Teria o cinzel vernaculo dos commentadores bruido a aspereza granitica das suas locuções? Não o sabemos. De qualquer modo, nunca se casaram melhor do que nesse discurso a eloquencia e o he-

chivada na Bibliotheca da Academia Real de Madrid e transcripta por Varnhagen (*Hist. das Lutas*, 331) affirma serem 2.000 os soldados que commandava Barbalho. As tropas de Barbalho eram em sua maioria compostas de pernambucanos, que ascendiam a cerca de 1.000, capitaneados por Zenobio Accioli de Vasconcellos, Agostinho Barbalho Bezerra, Jacome Bezerra, D. João de Souza, Antonio Pessoa Arcoverde e outros, todos naturaes de Pernambuco, encontrando-se, porém, entre os officiaes portuguezes Francisco Barreto de Menezes, o futuro herde do Guararapes, Além dos negros do governador Henrique Dias, havia alguns bahianos, varios naturaes do Rio de Janeiro e muitos paulistas. O pelotão de paulistas era composto de 22 infantes e 34 indios frecheiros e arcabuzeiros, sob o commando de Antonio Raposo Tavares, o famigerado sertanista, autor do drama sombrio de Guayra e Tapas, a que deve o Brazil a conquista de varios territorios, tendo por capitães Luiz Pedroso de Barros, Diogo da Costa Tavares, Manoel Fernandes de Abreu, e João Paes Floridão, sendo que de Santos até o Rio de Janeiro era seu commandante D. Francisco Rendon de Quevedo. A historia deste socorro de que Taques (*Nob. Paul.* tit. dos Rendons, n. 2) dá vaga noticia, vem narrada na monographia de Washington Luiz sobre Antonio Raposo, publicada no vol. IX da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*. Quando se organisava em 1639, na Bahia, a famosa expedição luso-espanhola para a recuperação de Pernambuco, o Conde da Torre ordenára a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador da capitania do Rio de Janeiro e da Capitania do Sul, por provisão de 3 de Fevereiro de 1639, levantasse em S. Vicente algumas companhias de paulistas, espanhões e indios. Foi encarregado D. Francisco Rendon de Quevedo, fidalgo castelhano que servira na armada de D. Fradique de Toledo e occupava o posto mais eminente no governo e na milicia da capitania, de armar a gente que lhe

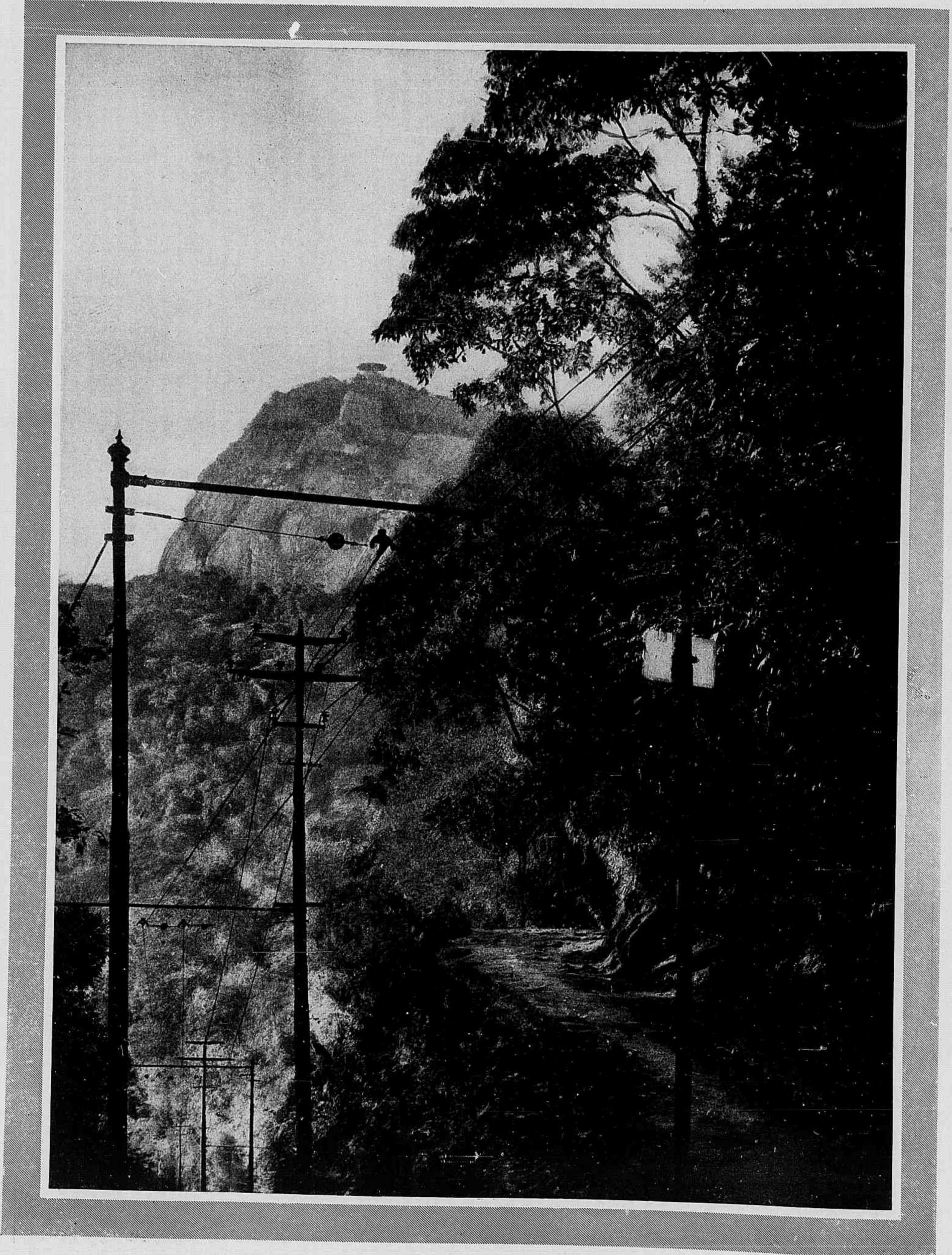
roismo, communicando o vigor de uma seiva inesgotavel, para o combate e para o sacrificio, a medulla de homens fortes e simples, não só predestinados a quebrar a força mais numerosa de outros homens aguerridos, como tambem a vencer os flagellos do ar e da agua, os perigos do solo e os rigores do clima. Heitor e Achilles renasciam. Subitamente, a floresta brasileira emmoldurava no seculo XVII uma rapsodia dos bosques sagrados da *Illiada*. O discurso de Luiz Barbalho tem o mysticismo e a efficacia de um credo. Vae deslocar montanhas, accender batalhas, construir poemas. Historicamente, é o grito de um povo que se levanta para a libertação, abandonado, mas invencivel. Allegoricamente, é a palavra inicial da epopeia, na America Brasileira, desencadeando rajadas, tormentas de ferro e fogo. Humanamente, é o impeto, a scintilha, o verbo da columna em marcha pelos sertões bravios. Dir-se-ia que a lingua de aço das espadas nuas falava aos combatentes. Nessa oração prodigiosa sentimos a confiança do guerreiro hellenico, propiciando a divindade, antes de golpear e abater o inimigo: "...E' certo que não falta Deus com auxilios a quem lhe dedica obsequios.

(Continúa no proximo numero)

fosse possivel alistar e de a conduzir ao Rio de Janeiro de onde, ajuntando-se á que elle Salvador Corrêa ali levantasse, partiria para a Bahia. "No posto da Villa de Santos, escreve Taques (*Nob. Paul.* tit. dos Rendons, n. 2) debaixo do commando do capitão D. Francisco Rendon de Quevedo embarcaram os capitães, seis officiaes e soldados, com grande numero de indios frecheiros e arcabuzeiros, para a Bahia, onde foram recebidos com benigno agasalho pelo conde da Torre, que lhes mandou passar suas patentes, pagando-se a todos os soldos desde o dia em que tinham partido de S. Paulo. Do Rio de Janeiro regressou o capitão D. Francisco de Quevedo para S. Paulo, ficando entregue o corpo militar ao governador Salvador Corrêa de Sá. Estas companhias foram incorporadas na Bahia ao terço do mestre de campo Luiz de Bezerra Barbalho". Não foi este o unico socorro que S. Paulo enviou para as lutas contra os hollandezes: diz Accioli (*Mems. Hists.*, I, 92) que, em 1638, seguiram de Santos para Bahia 100 homens formando uma companhia sob o commando de Antonio Pereira de Azevedo, que os armou á sua custa, e, em 1646 a 1647, partiram da mesma villa outros pelotões de socorro para Pernambuco, um de 200 soldados, que seguiram por terra, e outro de 2.200 soldados e indios, que foram por via maritima. Todos estes factos provam que os paulistas, desde a primeira invasão dos hollandezes, não se desinteressaram de todo do movimento em favor da restauração. Em todo caso, é de estranhar que o auxilio de S. Paulo, já naquella época opulento e poderoso, não tivesse sido mais efficiente. Num momento em que, esquecido e desamparado pela metropole, baldo de recursos para a resistencia numa guerra sem igual, Pernambuco vencido fazia o desesperado esforço para libertar a terra commum do jugo estrangeiro, não se justifica o procedimento dos potentados paulistas, medindo os sacrificios que elle reclamou. Esta questão merece demorado exame e nella talvez resida a origem da rivalidade entre o norte e o sul.



A CIDADE DE SÃO SALVADOR EM VESPERA DE SER ATACADA PELOS FLAMENGOS



O RIO PITTORESCO — O CORCOVADO VISTO DAS PAINEIRAS.

Galanteador do Imperio

por Oswaldo Cruz

“Maciel Monteiro foi um conquistador brilhante, deante do qual todas as mulheres, fascinadas, só podiam ceder, até mesmo aquellas que se couraçavam dentro da mais acrisolada virtude.”

ELYSIO DE CARVALHO — *Esplendor e decadência da sociedade brasileira.*

I

Pelos salões do Imperio. A flor da fidalguia
exprimindo, no aspecto, a exul galantaria,
nobre, esplendida, rica, ajaezada de loiro,
jardim de graça e amor, horto de gloria e de oiro,
passa; e o espelho reflecte o tom formoso; passa
e tudo é a mesma formosura e a mesma graça,
estatuetas sorrindo em marmore; um retrato
de uma dama vestida á medieval; um prato
de porcelana fina, um quadro de nobreza
e uma tela que lembra os canaes de Veneza.
Ao fundo um largo espelho alto e nobre reflecte
um Pierrot que recorda o “Pierrot noir” de Willette,
e as damas que em vae-vem passam lindas e bellas
desafiando em fulgor o brilho das estrellas,
os cavalleiros, as espadas, as formosas
mulheres loiras; os jarrões cheios de rosas
perfumando os salões, enfeitando os recantos,
e lá fóra a alameda esplendente de encantos
onde a luz morre e a luz do Luar só frouxamente,
discretamente espia um par que fica ausente
enamorado a um suave idyllio de romance,
cujo beijo na sombra é um fim de gloria, um lance
para o heróe que sorri galhardo da aventura;
um desmaio na sombra, um pulso que segura
a dama, e, nobremente, offerece-lhe a mão,
conduzindo-a, a sorrir, á entrada do salão.

II

Maciel Monteiro tem na figura altaneira
o olhar conquistador, posto á nobre maneira,
que ás damas vara o olhar e vara o proprio seio,
principe na conquista e heróe no galanteio;
basta apenas o olhar languido e amortecido,
para ter, aos seus pés, um coração rendido.
Nem de espadas precisa essa mão de pellucia;
despreza, sobranceiro, a arma de Scaramuccia,

e um gesto apenas, um sorriso apenas, logo
a flamma do seu labio estende um roseo fogo,
e na febre que chega, e no incendio que lavra,
começa o madrigal, palavra por palavra,
e a que então resistiu, mostrando sentimento
se embriaga ao madrigal momento por momento,
e lá vae, sorridente, amarfanhando a seda
do vestido, passear á sombra da alameda...

III

Mas uma noite, em salão nobre, nobre dama
embaixatriz da graça o seu olhar acclama.
E amoroso elle vae; segue-o a vista curiosa
das outras damas; vae buscar a mais formosa
e ante ella se deslumbra e enternecido a fita,
e ha qualquer cousa então na alma do sybarita.
Dá-lhe o braço, percorre a sala que ao festim
mais bella se apresenta, e penetra o jardim
de magnolias e lyrio, engrinaldado de hera
onde um banco de pedra anciosamente o espera,
e ante um marmore, um velho Fauno immovel, de hirtos
labios, coroado ao Luar, de pampanos e myrthos,
tenta beijal-a em vão, e é em vão que o rubro labio
procura aconchegar para fruir um ressabio.
Qualquer cousa lhe falta aos olhos; suave, a chamma
extinguiu-se, talvez, no amor da ultima dama.
Sente o galanteador, para quem, toda a vida
fôra a loira manhã de uma seara florida,
que é o fim da lyra, o fim, e assim lembra e recorda
a lyra que se vae partindo corda a corda
e, contemplando, sente, e, pensativo queda,
vendo a mão que amassava os vestidos de seda
fria como a do Fauno; e olhando o rosto de hirtos
labios, coroado ao Luar de pampanos e myrthos,
põe-se, em vez de amassar a fina e fragil seda,
esflorando, entre as mãos, os lyrios, na alameda...

Ucaia de Leopoldo Brigido



Em meio do capinzal, ao pé do morro, próximo ao leito do caminho de ferro, quedava um touro—forte, grande e bello, que viera dos sertões longínquos, onde se estendem as campinas claras, para os pastos da fazenda. Era um animal raro, o mais bonito, o mais valente do seu campo nativo. Tinha o pello preto e luzido, com uma larga mancha branca no dorso potente. O seu aspecto era todo de glórias e de força, quando corria pelas varzeas, balançando pesadamente o corpo solido, fazendo tremer o chão com as patas rijas, ou quando escarvava a terra e urrava altaneiramente, levantando o focinho ao sol.

Era indomado. Nunca tinha visto uma habitação humana antes de ter sido preso, ao decidirem vendel-o; lutara então desesperadamente, fatigara dias e dias os vaqueiros mais esforçados, refugiando-se raivoso e indignado pelas varzeas e pelos mattos, apegando-se, com um amor e uma valentia de heroe, á liberdade que lhe queriam roubar.

Depois, fôra outra serie de esforços, quando o trouxeram em meio da boiada numerosa, pelos caminhos agrestes, marchando dezenas de leguas, por longos dias e noites; havia sobre elle uma vigilancia continua e tenaz, pois o animal se mostrava temeroso, ao sentir-se assim levar á força, através daquelles campos vastos, daquellas serras ricas, por onde podia escapar-se, destemido e livre.

Chegado á fazenda nessa manhã, soltaram-n'o logo a pastar. E o touro estacara ali muito tempo, de pé, sentindo-se livre, em meio do largo valle dourado do sol, mirando as aguas claras do rio, que rolava perto, marulhante e vasto, sorvendo o cheiro grato do capinzal vicejante; mas desconfiado e surpreso desse paiz que lhe era desconhecido, — e olhando longamente para os trilhos do caminho de ferro, que contornavam o morro perto, e seguiam para além, em linha recta, symetricos e negros, sobre o terreno vermelho da estrada.

Eram dez horas, o sol fulgurante subia num céu azul clarissimo, e banhava vivamente tudo; o rio parecia estorcer-se de goso sob a luz macia e fina; os galhos altos das arvores da margem e do cafezal que cobria o morro scintilavam como prata, movendo-se á aragem morna e calada que soprava.

O corpo negro do touro tinha um brilho de ebano polido, a mancha branca no dorso espelhava vibrantemente; e por todo elle passava uma leve ondulação voluptuosa, que produziam a caricia do sol e o sopro delicado da brisa.

O touro fitava longamente, melancolicamente, a estrada extensa e vermelha. De repente recuou, poz-se estatico a vinte passos longe, como á espera de um ataque: um ruido pesado e crescente abalava o chão, uma vibração passava pelos trilhos; e logo um silvo altissimo e vibrante pariu pelo ar. O animal violentamente voltou-se, de um salto,

e avistou ao longe um trem que se approximava, rapido e ruidoso; um forte estremecimento sacudia-lhe o corpo todo, e os seus olhos fitaram com espanto e raiva aquillo que caminhava para elle. A pata forte e pesada cavou o chão, — o touro estava prompto para o ataque.

Aquelle estranho animal grande, negro, fumegante que rolava como uma tempestade, que rugia cem vezes mais forte do que elle, tornou-lhe o peito frio de espanto e de admiração; mas o sangue valoroso da raça agitava-se, bramia; o monstro não o devoraria indefeso; o touro queria lutar, lutaria com o ardor grandioso de um ser bravo, livre, destemido, que tem innato o odio de outra especie; queria lutar, queria morrer feliz e orgulhoso, esmagado sob as patas do cyclópe...

A locomotiva audaz vinha cada vez mais perto, negra e altiva, arrastando a cauda gigantesca. Quando a uns dez passos de distancia, outro silvo cortou o espaço; — e o touro, com o dorso elastico, os olhos inflammados, rapido como uma bala, abateu-se furiosamente sobre o trem.

Um grito altisono e soberbo de agonia prolongou o silvo da locomotiva. Quando o comboio passou, ostentava-se sobre os trilhos a carne rasgada, rubra, fumegante de animal, o sangue goltante ensopava o chão vermelho, fazia manchas destacadas pelo caminho fóra, como um rastro victorioso, e salpicava ainda das rodas do ultimo wagon, que fugia rapidamente por detraz do morro.



ESTADO DO RIO — IGREJA MATRIZ DE SÃO FIDELIS



ALTO MUNDO CARIOCA — SRA. ANTERO PINTO DE ALMEIDA.

NO MINISTÉRIO DA VIAÇÃO

A inauguração de um retrato do Sr. Presidente da Republica, no salão nobre do Ministério da Viação, deu ensejo ao Sr. Dr. Pires do Rio de expor, num pequeno e simples discurso, algumas idéas nobremente pensadas. Desse discurso transcrevemos, com verdadeiro prazer de espirito, alguns periodos que nos parecem merecer a maior divulgação:

"A historia revela a marcha continua do progresso moral da sociedade, verificando-se as reacções em cada uma de suas multiplas fórmas, como verdadeiras manifestações do instinto defensivo do organismo social.

Impellida sempre por uma necessidade incoercível de justiça, nas relações economicas e na vida espirital dos homens, a sociedade progride no terreno effectivo da moral, e, ao passo que desaparecem os preconceitos aristocraticos e accentuam-se os sentimentos de liberdade, vai se tornando o exercicio do governo possivel somente aos homens de bem.

Decorre, dessa maneira de se constituir uma democracia, a mais pesada responsabilidade que possa caber ao cidadão investido de qualquer parcela de poder publico, perante a sociedade que o fez depositario da sua confiança, dando-lhe colaboração no seu proprio destino.

Theodoro Roosevelt tradiz a noção desta responsabilidade, explicando que "por mais competente que seja um cidadão, elle será um funcionario pernicioso, se não fór um homem honesto".

Entre nós, no Brazil, a historia reconhe-

ce na altura moral dos homens de governo a causa principal que, a 13 de Maio de 1888, desfez o maior obstaculo á nossa plena evolução politica, attingida em 15 de Novembro do anno seguinte com o regimen republicano, cujo aperfeiçoamento depende agora do valor moral dos seus executores.

Depois de consolidarmos os beneficios das duas idéas fundamentais da consciencia republicana, igualdade dos homens perante a lei e a sua liberdade de pensar, garantimos entre nós o imperio da justiça nas relações economicas dos que trabalham, progresso necessariamente retardado pela complexidade do phenomeno social, mas para cuja

accleração nenhum elemento tem força comparavel á da natureza moral dos homens de governo, julgados á luz da ethica republicana, para a qual todos os crimes se resumem no de sacrificar-se o interesse publico ao particular.

Eis senhores, o rapido esboço do meu pensamento, para concluir que na fé de officio de um homem publico nenhum valor excede, em beneficio á sociedade, o merito moral.

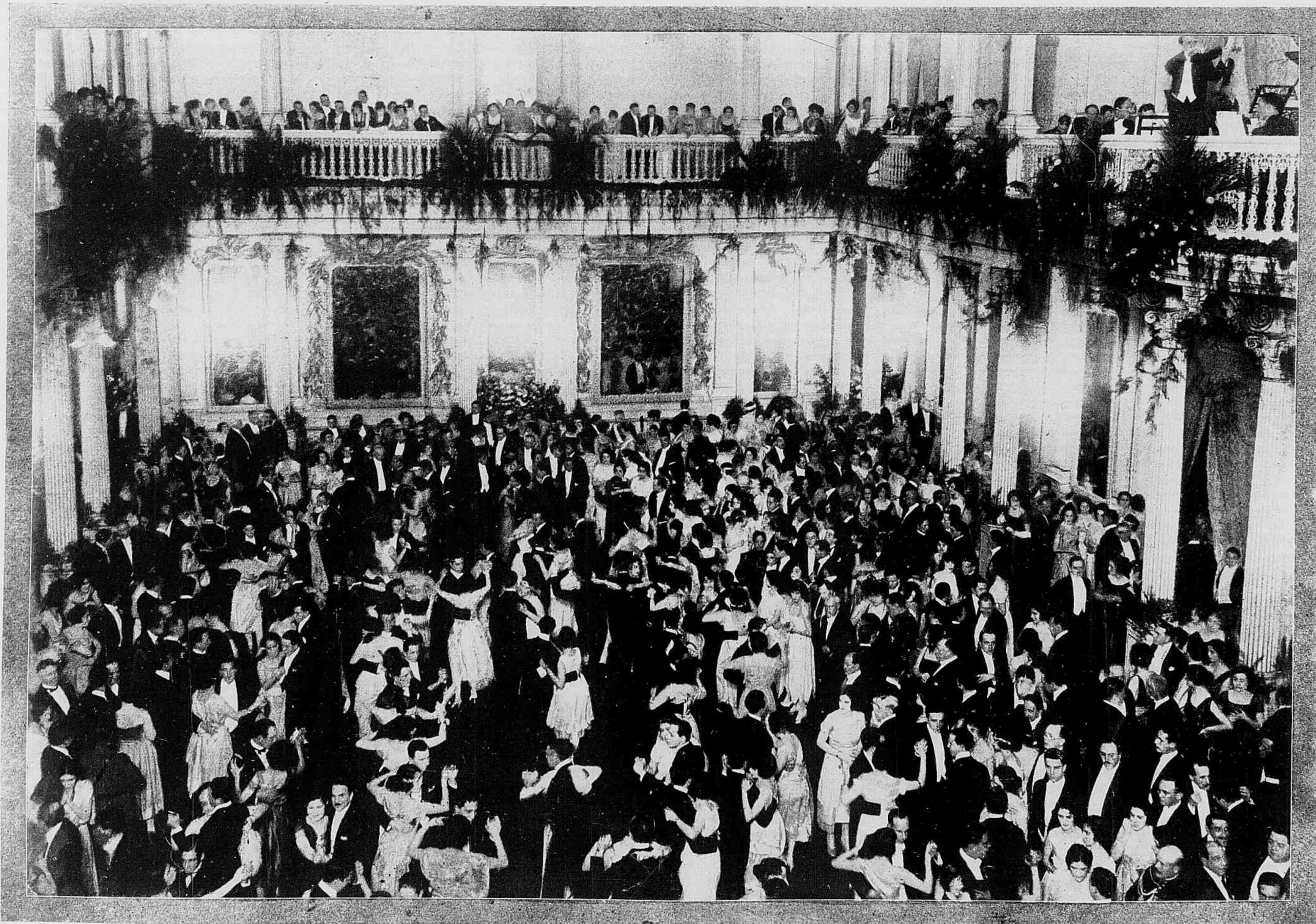
Professando essa convicção é que entendo poder justificar, na presença dos meus directos auxiliares de administração, a pequena homenagem que hoje presto ao Sr. Dr. Epitacio Pessoa, cujo retrato nesta sala vai ser a lembrança de um Chefe de Estado, em cuja integridade moral reconhecemos o seu maior título de direito á estima dos compatriotas, á sua grande benemerencia de civismo."



O SR. DR. PIRES DO RIO NO SEU GABINETE DE TRABALHO. (PHOTOGRAPHIA FEITA ESPECIALMENTE PARA A "ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA").

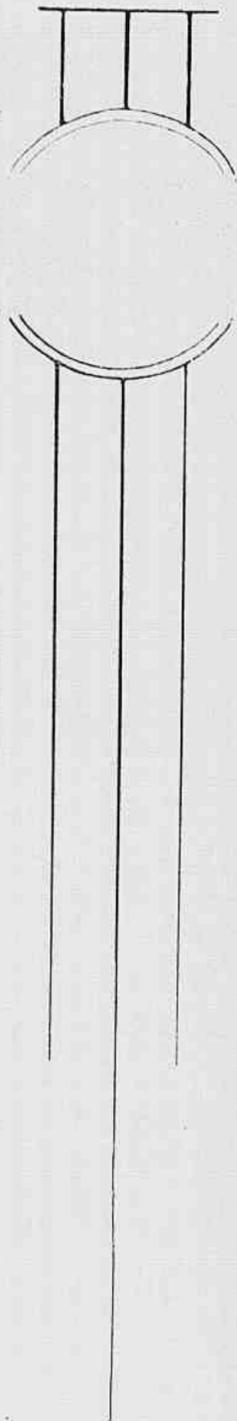


O SR. DR. PIRES DO RIO, MINISTRO DA VIAÇÃO, ACOMPANHADO DE ALTOS FUNCIONÁRIOS SEUS AUXILIARES, POSANDO PARA ESTA REVISTA, NO SALÃO NOBRE DO MINISTÉRIO, DEPOIS DE INAUGURADO AÍ O RETRATO DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA.

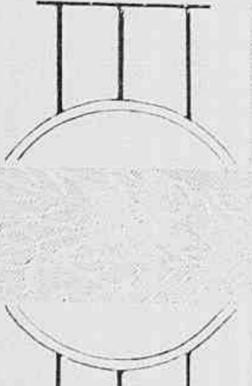


NO CLUB DOS DIARIOS = INSTANTANEO DO BAL E EM COMMEMORACAO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO PERU.

Illustração Brasileira



A COLHEITA DO
CAFFÉ EM REBE-
DOURO S. PAULO.
CATANDO OS
GRAOS.



PROFOTOMIA
DE LA SAZON
DE SANTA
CRISTINA, POR EL
SR. VALENTE
DARRIOS-ERDO



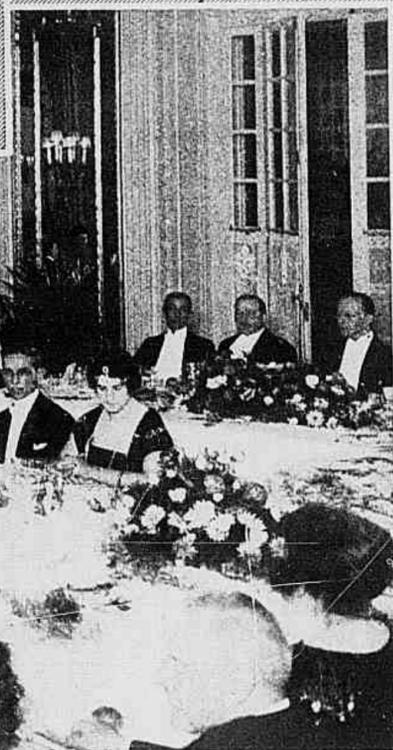
NA EMBAIXADA FRANCEZA

O SR. EMBAIXADOR RECEBEU, NO DIA 11, AS HOMENAGENS DO GOVERNO, DO CORPO DIPLOMATICO E DA SOCIEDADE CARIOCA.



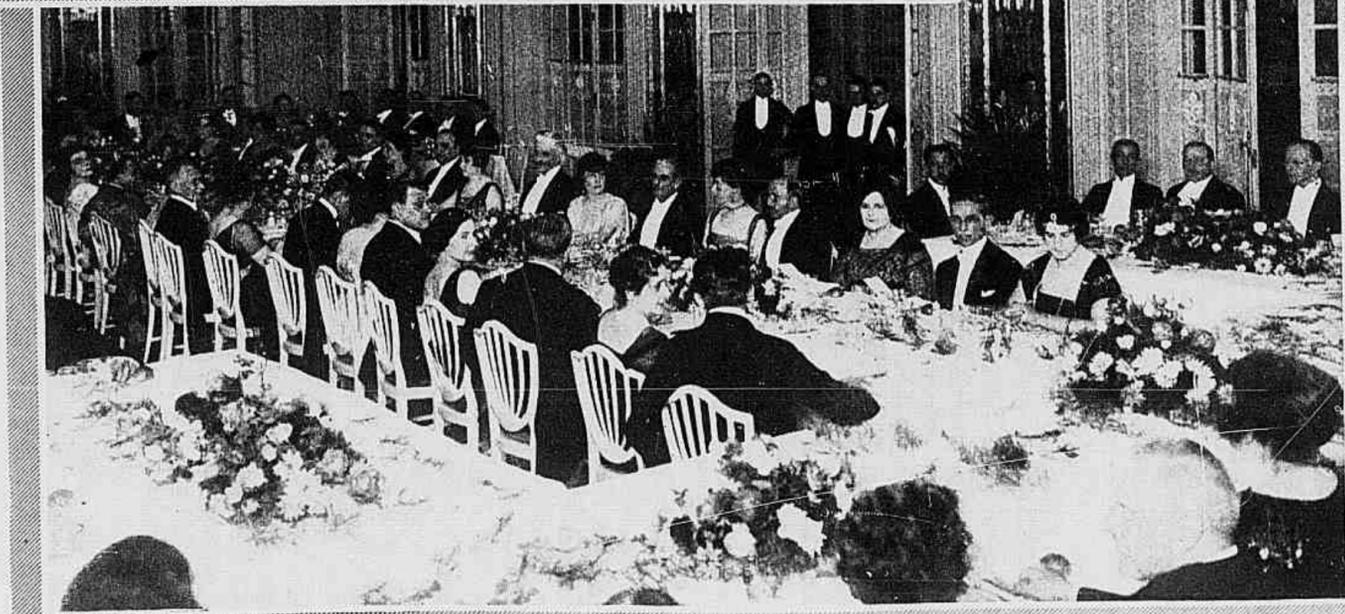
NA LEGAÇÃO ARGENTINA

O SR. ENCARREGADO DE NEGOCIOS OFFERECIU UM JANTAR AO SR. DR. AZEVEDO MARQUES, MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



NO PALACE HOTEL

INSTANTANEOS APANHADOS NA NOITE DO BANQUETE OFFERECIDO PELO SR. MINISTRO DO MEXICO E SENHORA DE TORRE DIAZ AO SR. EMBAIXADOR ESPECIAL DO BRAZIL NO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO MEXICO E A SENHORA FEITOSA.



ALBERTO CECCONI — Na Galeria Jorge um joven ainda expoz, o mez passado, trinta e oito quadros reveladores de uma technica excepcional na sua idade. Alberto Ceconi chama-se o pintor.

Ferdinando Paolieri, estudando-lhe a obra, disse:

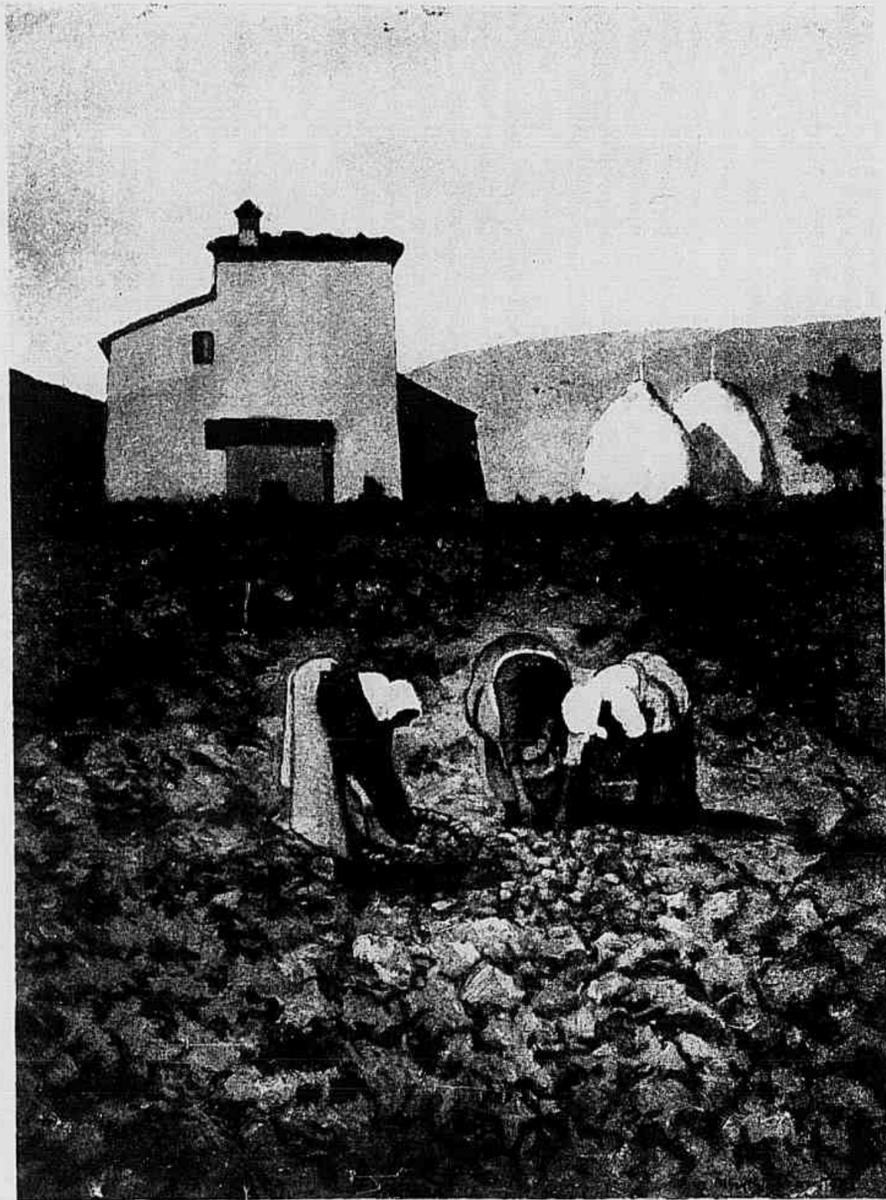
La sua produzione è enorme, tumultuosa, spontanea. Questo giovane poeta canta a gola piena.

Egli mi colpì la prima volta, all'esposizione che venne fatta nei locali attigui al chiostro di Paolo Uccello, con un suo "trittico" che ora ho rivelato nelle studio di via Mannelli, dove ha esposto una quarantina di opere che intende portar seco nel Brasile dove, coraggiosamente, si reca a fare ammirare l'eterna giovinezza dell'arte toscana.

In "giorno di festa" sono tre pezzi di paese, all'alba, al meriggio, al tramonto, nella gran pace dei campi dove il lavoro non risuona, eseguiti con una tal minuzia che da essi apparisce chiarissimo il senso di gioia col quale il pittore s'è indugiato sul filo d'erba, sul tallo di ginestra fiorita, sul gambano d'olivo, sul carro battuto dal sole, sul grano maturo, sulla terra e nel cielo.

MOSTRA DE ARTE

canta, recordando o nosso marinista vibrante Luiz Christophe, tão infeliz nas trevas que o cercam hoje, em virtude de um fatal desastre de caça. O pequeno quadro "Villino Brasileiro" (37) revela o temperamento colorista do pintor. O céu azul, as nuvens emmaranhadas e bem manchadas dão alegria e calor ao trabalho. "Campanha romana" (7), de regulares proporções, muito simples nas suas linhas, é no entanto sumptuoso, largamente pincelado, bem sentido, fazendo recordar "i ritornelli", de amor, os camponeses tocadores de "zampogna" e os mysterios de uma era que passou. A perspectiva do quadro é boa, os planos se succedem com valores justos dentro do corte quadrado; as nuvens em grandes massas rolam, indicando um tempo indeciso...



A. CECCONI: COLHENDO BATATAS

Si ricòrda davanti a questo tentativo di poema, l'amore infinito di Giovanni Segantini per le cose umili, per i cantucci ignorati, per il sasso, per il ruscello, per il fiore, incontro alla maestà del cielo dove il Ceconi, così acerbo d'anni, si studia di trovare i piani e le vibrazioni e me il Fontanesi!

Quiz o joven pintor provar que as palavras aqui transcriptas não representam uma gentileza. Na sua exposição figuram alguns assumptos brasileiros, cheios de vida, como "Un onda" (4), "Verso sera" (5), "L'Avenida Atlantica" (6), "Tramonto a Nictheroy" e "Villino brasileiro" (37). Em qualquer dos quadros executados no Rio de Janeiro ha talento. Ceconi não é como muitos que nos têm visitado...

O quadro "Un onda" é uma impressão decorativa, de corte ousado; predomina no quadro a grande massa m vedica cheia de cambiantes, contrastando com o branco meio na sombra de uma grande onda espumante; os valores são justos e a planimetria resolvida com segurança. Em "Tramonto a Nictheroy" (34) o artista apparece-nos perfeitamente identificado com os nossos crepusculos fugaces, ricos de uma coloração que en-

lho, "Campanha romana" (7), de regulares proporções, muito simples nas suas linhas, é no entanto sumptuoso, largamente pincelado, bem sentido, fazendo recordar "i ritornelli", de amor, os camponeses tocadores de "zampogna" e os mysterios de uma era que passou. A perspectiva do quadro é boa, os planos se succedem com valores justos dentro do corte quadrado; as nuvens em grandes massas rolam, indicando um tempo indeciso...



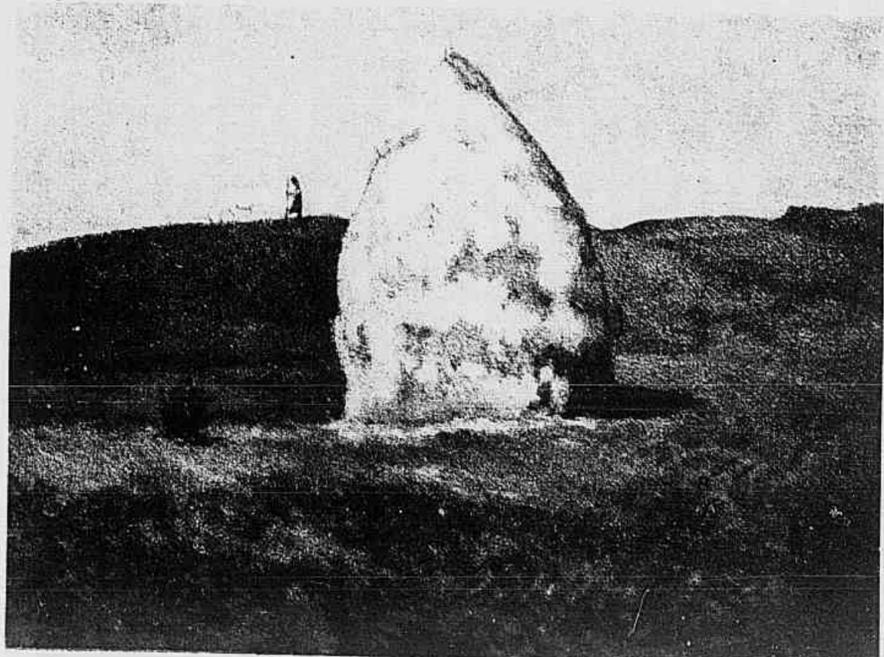
FEIRA DE S. GALLO — FLORENÇA — A. CECCONI

No quadro "Primavera" (24) ha luz, muita luz a leijar o casario pincelado largamente. Os planos são bem postos e a technica facil.

Contemplando o pequeno quadro de Alberto Ceconi, passou-nos pelo pensamento o periodo de lutas pela renovação artistica, travadas nos ultimos annos do seculo passado, na Italia, em 1895 e 1896. Naquelle anno foram iniciadas as biennas de Veneza, o maior empreendimento artistico de então, valentemente ventilado por Selvatico, secundado por Antonio Fradeletto. Amadores, colleccionadores italianos e estrangeiros, num gesto unico, reuniram obras de subido valor. Resultou desse acto ficar patente a sem razão dos orgulhos e a urgente necessidade dos artistas se unirem, bebendo uns d's outros as forças capazes de produzir uma renovação, a necessidade de expansão, para não succumbirem esquecidas as novas forças que surgiam, uma mocidade ignorada, mas capaz de vencer a menor movimento encorajador. O choque foi reflexo e poderoso. Em 1896 fundaram uma especie de associação artistica. Fattori, Signorini, Morelli, Segantini, Aristide Sartorio, Bistolfi, Calandra, Trentacorte, o grande Monteverde e outros deliberaram soerguer da apathia a Arte e "dar maior impulso ao movimento artistico da Italia e manter bem alto o decore das tradições patrias". Os estatutos de tão patriótica aggregração continham clausulas de um draconismo ferreo, como a que transcrevemos: "Quando, por casuaes condições de espirito, qualquer membro da Corporação produzir uma obra inferior ás suas condições e aos seus meritos artisticos, os seus consocios deverão aconselhal-o, pelo seu decore, e para bem da corporação, a não enviar a dita obra á exposiçào a que fór destinada."

Infelizmente, como todas as cousas boas, a corporação não vingou, desapareceu...

Foi seismando nesse passado que continuámos a correr os quadros do



"IL PAGLIATO" — A. CECCONI



O PINTOR ALBERTO CECCONI

moço pintor, a rever trechos familiares, assumptos já sentidos ao vivo, como a "Feira de S. Gall", em Florença, pittoresca e movimentada; como a "Aratura in montagna" (12), onde a vida palpita, o movimento encanta e a luz brilhante atráe. "Bosco de Jioppi" é um quadro simples, mas de grande sabor decorativo, promissor de grandes obras em um futuro que não está longe.

Alberto Cecconi, nos seus vinte e seis annos, é um temperamento fino, emotivo, capaz de comprehender e de produzir obras dignas dos verdadeiros artistas.

◇
CARLOS DE SERVI — A mostra de Arte que o pintor De-Servi vem de apresentar é das que deixam uma impressão forte.

Na Associação dos Empregados no Commercio reuniu o artista uma colleção de 86 telas, sendo grande parte inspiradas nos versos de Casimiro de Abreu, sepultado na Barra de S. João, scenario escolhido pelo pintor. O autor de tão interessantes obras não é um principiante, em novos ambientes de Arte de nossa terra: é um veterano, detentor de altas recompensas nos salões officiaes de Bellas Artes, autor de retratos posados com maestria, caracterizando sentidos momentos psicologicos, e sta d o s complexos, temperamentos desenvolvidos em poucas pinceladas. No conjunto apresentado pelo artista encontramos a mesma psychologia, a par de um verdadeiro hymno de poesia e de vida. Para De Servi tudo é motivo, argumento artistico, inspiração. Na interpretação que De-Servi deu aos seus quadros existe um "eu" definido e caracterizado, um eco profundo e retumbante da impressionabilidade do artista, que com tanta alma interpreta na cor o mesmo poema que o poeta cantou em rimas! Consciente do seu valor e da sua fecunda inspiração,

que contagia o espectador, De Servi obriga-o a sentir com elle a mesma emoção, a comprehender a transformação da realidade em sonhos polychromaticos, o momento decisivo em que a belleza dos motivos é materializada na tela por um corte intelligente. Em "Canto de Amor" o artista plasmou um desses momentos; lá está o os versos do poeta, interpretados com uma comprehensão justa.

A paizagem, de nuanças quentes, completa a scena encantadoramente triste... A planimetria resolvida joga para longe os planos pincelados com vigor. Com a poesia do "Canto de Amor" contrasta o quadro "Ultimos momentos de Rio Branco", de uma realidade impressionante: a figura varonil de Rio Branco, no leito, derrecada pelo soffrimento, extingue-se, deixa-se dominar pela morte... Os intimos lá estão, attentos, semblantes al quebra dos pelas vigílias consecutivas.

De Servi executou o quadro deante da verdade, sem acrescentar uma linha de fantasia, estudando o ambiente em que vivem o chancellor.

Outros quadros de grande valor apresentou o artista, de entre os quaes destacamos "A bella pescadora", de ambiente comprehendido e desenho solido; a pincelada farta mostra bem a

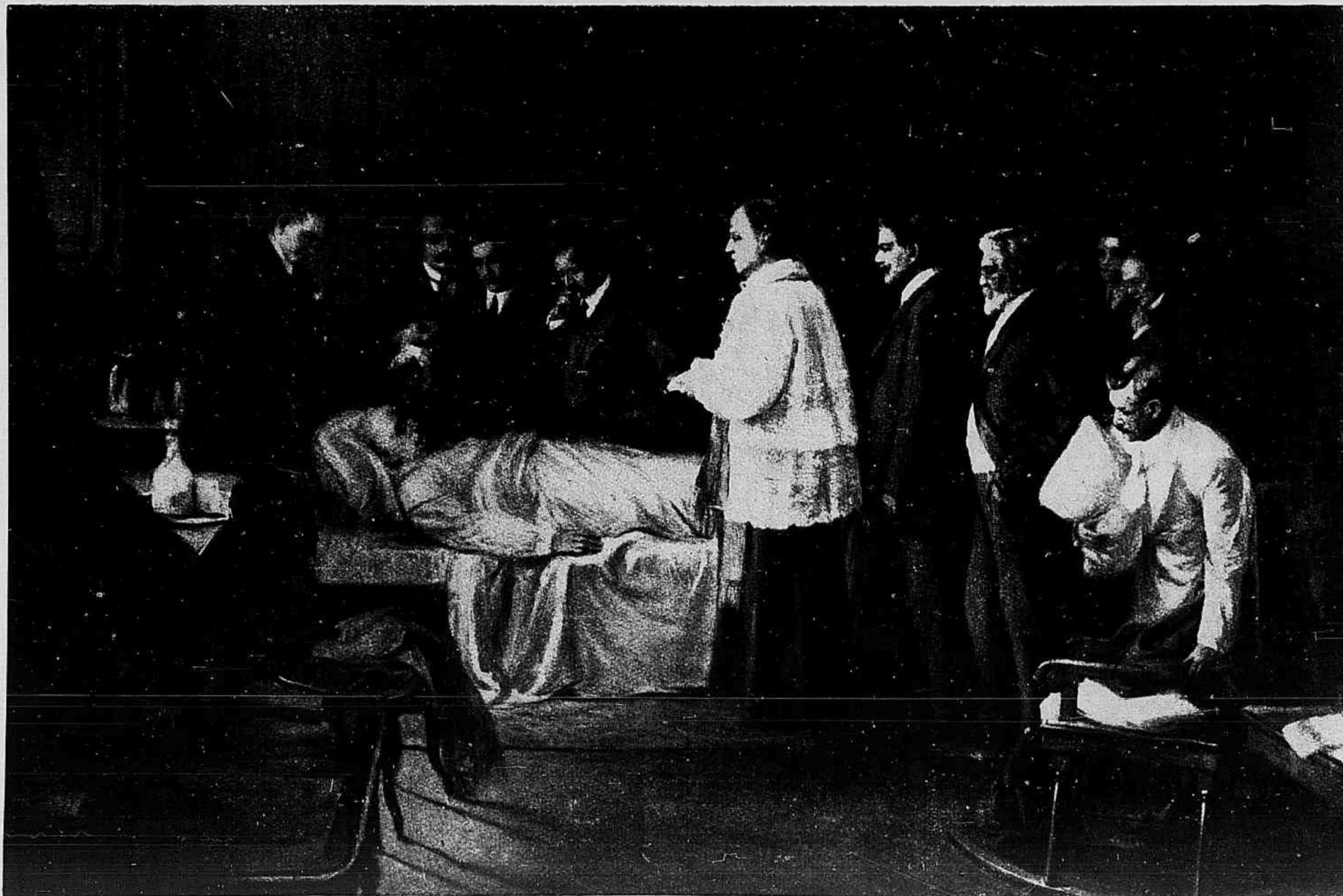
facilidade com que o artista manipula as cores; o corte é revelador de serios conhecimentos de composição e harmonia das massas. A luz beija, aqui e ali, as figuras e a paizagem cheia de perspectiva.

Outra modalidade do pintor encontra-se nas flores e outras naturas-mortas. As cabeças expostas são impressionantes de psychologia, notadamente a de numero 44.

ADALBERTO MATTOS.



A BELLA PESCADORA — DE SERVI



DE SERVI — ULTIMOS MOMENTOS DO PARÃO DO RIO BRANCO

Em torno da Convenção de 1921

por *Lozart Lago*



AJULGAR pelo empenho que a senhorinha Bertha Lutz, presidente da Liga pela Emancipação da Mulher, está pondo em conseguir a aprovação do projecto de lei que confere o direito de voto ao sexo frágil, ou muito me engano, ou então não houve razão nenhuma para a catilinaria do Sr. Borges de Medeiros contra a Convenção Nacional deste anno, nem existiram motivos sérios para o prolongado e vehemente protesto da imprensa brasileira contra a verificação de poderes da presente legislatura republicana.

A mulher, desde tempos immemoriaes, foi sempre tida pelos psychologos de todos os systemas, como precioso instrumento para a descoberta da Verdade e aferição da Certeza nos embarços e duvidas de que vive saturado o cerebro do homem, civilizado ou não, em giro sobre a terra, no ar ou debaixo dagua... E de minha parte, se precisasse depôr num inquerito a respeito, falaria como "testemunha que ouviu dizer" e citaria alguns casos em que o illustre estadista Sr. Nilo Peçanha, por exemplo, só errou por haver contrariado conselhos affectivos. Assim, diante do empenho da Senhorinha Bertha Lutz, quer me parecer que se ha illudidos no assumpto, não sou certamente nenhum delles. Sem duvida, a mulher brasileira só insiste em penetrar na politica tambem neste bello paiz, porque a cousa não é tão feia assim, nem indecente, como a pintam e querem fazer crêr os homens publicos e jornalistas...

De facto, qualquer mulher de mediano bom senso que se dê ao trabalho, por hypothese, de examinar os motivos das reclamações agora levantadas contra a Convenção Nacional que lançou as candidaturas dos Srs. Arthur Bernardes e Urbano Santos ás futuras presidencia e vice-presidencia da Republica, verificará que ao menos por esse lado nenhuma razão seria existe para que o sexo feminino arripie carreira e permaneça fóra do nosso mundo politico. Em verdade, os impugnadores da Convenção de 8 de Junho não foram sinceros, nem defenderam ideias republicanas e democraticas, oppondo-se á sua realisação. Cada um delles fez questão que prevalecesse o ponto de vista pessoal suggerido para a sua organização e para o seu funcionamento. E' o que se depreheende, imparcialmente, do exame das attitudes de Pernambuco, da Bahia, do Estado do Rio e do Rio Grande do Sul, traduzidas nas publicas declarações dos Srs. Andrade Bezerra, *leader* da bancada pernambucana; Moniz Sodré, senador bahiano e coordenador das vontades de seus conterraneos no caso; Nilo Peçanha, chefe do situacionismo fluminense; e Borges de Medeiros, *leader* politico e presidente dos gaúchos.

Pernambuco declarou, em nota official fornecida á imprensa, que não compareceria á Convenção Nacional se o nome do Sr. José Bezerra não fosse *previamente* acceto como companheiro de chapa do Sr. Arthur Bernardes.

A Bahia exigiu mais: ou o Sr. J. J. Seabra seria o vice-presidente na chapa que tivesse de sair victoriosa da Convenção, ou os bahianos não compareceriam á mesma, nem manteriam os compromissos assumidos com a candidatura do actual presidente de Minas Geraes.

Como se vê, nem a Bahia, nem Pernambuco julgaram má, e pouco liberal e democratica, a assembléa de politicos que iam assentar a escolha dos mais altos representantes do povo brasileiro no quadriennio a iniciar-se em 15 de Novembro

de 1922. Houvessem as forças politicas do paiz adoptado cada qual dos seus candidatos á vice-presidencia da Republica, e um ou outro teria comparecido á Convenção. E fossem dois os logares de vice-presidente, e teriam ambos aquelles Estados comparecido ao conclave, então tido para elles, como a candidatura do Sr. Arthur Bernardes, acima de toda a qualificação elogiosa, possivel e imaginavel...

O Estado do Rio, nesse particular, foi menos pratico e menos habil. Não compareceu, por seus elementos dominantes, á Convenção, porque em 1913 o Sr. Nilo Peçanha se insurgiu contra a escolha dos candidatos á suprema magistratura do Brasil, por um processo mais ou menos identico ao actual e que S. Ex. fulminava em carta agora desentranhada dos archivos. Pelo menos aparentemente, portanto, os fluminenses não faziam questão de nomes. Desejavam que a formula da Convenção fosse outra, mais de accôrdo com o sentimento liberal da Nação e mais accessivel á representação popular.

Até ali tudo está certo. O curioso, porém, é que esse mesmo Sr. Nilo Peçanha, chefe do situacionismo fluminense, depois de 1913, a despeito de sua alludida carta, esteve presente a todas as outras convenções que escolheram candidatos á presidencia e a vice-presidencia da Republica. Na ultima, em 1919, foi até, com o Sr. Paulo de Frontin, director do movimento contrario á indicação do Sr. Epitacio Pessoa, á cuja victoria nas urnas S. Ex. não tardou em adherir.

Defendendo-o dessa incoherencia, o Sr. Mauricio de Lacerda, no seio da Convenção, explicou que o chefe da situação dominante no Estado do Rio havia evoluído, e que ninguem, em boa fé, poderia censurar um homem publico por haver melhorado os seus idéas democraticas, tornando-os cada vez mais ao nivel das aspirações e das necessidades do povo, e dos reclamos da opinião nacional.

Não teve razão o illustre e ardoroso tribuno fluminense, quando assim falou. Um erro, não justifica outro, é certo. Mas a Convenção deste anno, em face da de 1919, representa, de facto, uma conquista da opinião publica. Constituida de elementos verdadeiramente representativos de todas as correntes politicas do paiz, a Convenção de 1921 foi a mais liberal, a mais democratica, a mais sincera de quantas assembléas de politicos se reuniram até agora na Republica, para escolher candidatos á suprema direcção de nossa patria. Para constatar-se essa verdade, basta verificar, em face dos criterios diferentes de ambas, como as opposições estaduaes, e as minorias, ficaram representadas em cada uma das alludidas convenções.

Assim, para admittir-se que o Sr. Nilo Peçanha haja evoluído, seria indispensavel, primeiramente, provar que é possivel evoluir para traz...

De resto, foi publico e notorio que a bancada fluminense, como a de Pernambuco, formou ao lado dos reclamantes contra a adopção do criterio de 1919 no momento actual, concordando com o que tive a honra de suggerir ao Sr. Arnolpho de Azevedo, presidente da Camara, e que afinal foi adoptado e seguido á risca.

Ao Sr. Nilo Peçanha, por conseguinte, faltou razão seria e motivo ponderoso para o não com-

parecimento de seu partido á Convenção deste anno. Certamente, foram outras que não as junções doutrinarias, as determinantes da attitude do situacionismo fluminense, cujo chefe, aliás, mais de uma vez, tem imposto, exclusivamente pela sua vontade, candidatos á presidencia do Estado do Rio...

Resta, agora, e ainda como demonstração de que a mulher brasileira não deve receiar a grita do momento actual contra os politicos e a politica, examinar a attitude do Rio Grande do Sul.

O Sr. Borges de Medeiros, sim, foi o mais desinteressado dos impugnadores da Convenção de 1921. O Rio Grande, pela sua voz, manteve-se desde o primeiro instante, em torno da questão, no mesmo desambicioso ponto de vista doutrinario.

Os reparos que se podem fazer ao gesto dos gaúchos, porém, tambem devem induzir os espiritos não apaixonados á convicção de que ao presidente do Rio Grande faltou, pelo menos, coherencia á attitude assumida, e que, portanto, razoavelmente, tambem as suas idéas não podiam prevalecer.

Pinheiro Machado morreu ha tão pouco tempo que não preciso recordar como sob o seu dominio se organizavam as convenções ou se faziam governadores de Estado e presidentes da Republica...

Mas não só: a formula pleiteada pelo Rio Grande para a composição do conclave politico que deveria, a seu vêr, indicar os candidatos á chefia da Nação, era, no momento, impraticavel. Impraticavel e inutil porque precisamos politicamente no Brazil é de aperfeiçoar a nossa educação. E' de nos fazermos eleitores, nós, os homens que sabemos protestar contra os desmandos do poder e criticar os mais serios problemas nacionais, resolvidos pelos nossos dirigentes.

Sem isso, seria em pura perda qualquer melhoria nas convenções que escolhem candidatos, e no fundo, por esta ou por aquella forma, qualquer convenção politica jámais deixará de representar, num paiz sem partidos organizados como o nosso, a vontade exclusiva e dominante dos presidentes e governadores de Estado, quer se trate de assembléas organisadas como a de 8 de Junho corrente, quer se ergam as suas composições sobre as bases da representação municipal como na convenção civilista de 1910, ou ainda sob o criterio da representação por classes.

Eis o que aos olhos da senhorinha Bertha Lutz, sem duvida, não escapou. Os homens são todos eguaes, no amor e na politica. Não ha, entre elles, numa e noutra cousa, melhores ou peores.

A mulher, quando se promette em casamento, compra um bilhete de loteria. Na politica, dar-se-á o mesmo. A sua felicidade dependerá de sorte. E esta, não preside apenas os consorcios afeiçoados pelos papás; não raro desponta nas uniões mais contrariadas e que mais clamores levantam no seio das familias...

Por que, pois, a mulher brasileira deve temer immiscuir-se na politica?

Cartas de Fernanda e Laura

Fernanda

A tua carta espantou-me, entristeceu-me... Mas não me commoveu. Nella, talvez sem o perceberes, talvez, ao contrario, muito de caso pensado, tu tentaste "fazer psychologia"; a tua intelligencia subtil procurou esvurmar-me a alma, no esforço de revelar aos meus proprios olhos a minha propria personalidade. Se me permittes, na minha ignorancia, a audacia de uma citação litteraria, eu dir-te-ei que a tua carta corresponde em essencia á recommendação do philosopho: *Nosce te ipsum*. O que ha, apenas, é que nas dissertações demoradas e varias que fizeste á roda deste thema tu provaste o teu espantoso desconhecimento da minha personalidade, atrevendo-te, com leveza excessiva de julgamento, a affirmar em tom peremptorio e desautorizado, numerosas inverdades em referencia á minha pessoa. Já que me supões uma *criaturinha tenta*, eu creio ser util dizer-te, para teu governo, que além de tenta eu sou tambem, e sobretudo, uma *criaturinha orgulhosa*, muito orgulhosa, immensamente orgulhosa; e que, portanto, não te pôde ser util nem conveniente caso hajas por bem continuar a escrever-me, reincidindo nos erros commettidos e procurar magoar-me com velados insultos.

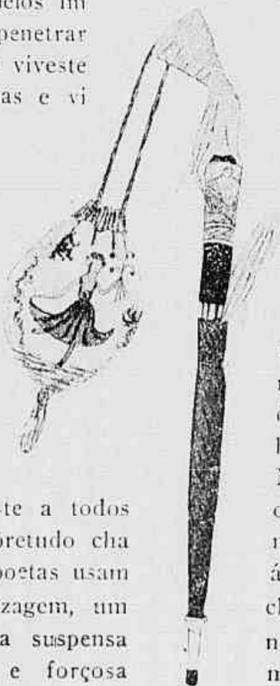
Bem sei que as párases que aqui te digo te parecerão a larmanthes; bem sei tambem que sofrerás com a sua leitura. Mas nem por isso deixo eu de dizer-t'as, com voz serena e animo resolute. Sabes que me offendeste. Eu defendo-me, sem irritação; e m'altivez, como devo, como quero.

E' possivel, minha irmã, que esta carta seja para ti reveladora de verdades nunca supostas nem presentidas. E' possivel. E' provavel. Se assim fór, porém, se a sua leitura corresponder para ti áquelle gesto de que fala (e lá vae mais uma citaçãozinha litteraria!) o grande poeta do nosso sexo, Julia Cortines, no seu soneto que termina assim:

*Quem
Em frente ao teu olhar enamorado
Dilacerou a teia da chimera?*

...se tal acontecer, minha cara irmã, isso te provará de sobejo a falta de perspicacia com que me estudavas as palavras e os gestos em pequenina, em maiorzinha, e em grande. A tua psychologia é falha. A agudeza do teu espirito, capaz de devaneios lúes que não chega a penetrar com quem vives ou viveste manhã á noite ovias e vi to e contacto, conti

Já que a minha carta que a susci eu não quero percer-te um pouco a não deverias igno que não deverias em ti... Tu refelle nem de leve no vo lun ta ri a mente, escreveste, o vulto Mãe, da nossa ella, mas, referindo-te a todos feriste, para ella sobretudo cha nha saudade... Os poetas usam descrevem uma paisagem, um um pouco de bruma suspensa versos, involuntaria e forçosa



resposta, a exemplo da tou, se prolonga tanto, der o ensejo de esclare-respeito de cousas que rar em mim, e de cousas suppor que eu ignorasse riste-te ao Passado; sem tocar nome sagrado, fizeste surgir indas palavras rememorativas que branco e silencioso da minha Mãe. Não quizeste referir-te a os demais, a ella sobretudo te remaste a minha attenção e a mi-ás vezes de recurso identico: clarão de Lua brilhando n'agua, no céu e a gente, ao ler-lhes os mente pensa, evoca uma figura

de mulher. A musa inspiradora anda esparsa em belleza e harmonia pelas estrophes, pelas rimas; baste lel-as com commoção para que o prodigio maravilhoso da evocação se realise. Assim tu; na tua carta, em um longo trecho, tu resuscitas a nossa morta, falas-me della... por omissão.

Pois olha que a tua covardia não te fica bem. Covardia é palavra forte; peço-te perdão por tel-a empregado, e se não a risco desta carta é simplesmente para que não vejas que ella vae com emendas. Não foste covarde: foste excessivamente prudente.

Eu lembro-me da minha Mãe... Que idade teria eu quando ella por vontade propria mergulhou nas trevas eternas o espirito luminoso? Não sei. Tres annos talvez, talvez quatro. Mas lembro-me della, lembro-me bem... Era morena, como eu; tinha, como eu, os cabellos ondedados e negros, e os olhos pestanudos, humidos, cheios de relampagos subitos... Quando ria, levantava a cabeça para traz, e via-se-lhe então o pescoço, redondo, macio, que o riso entumescia... Como eu, ella gostava de vestidos caros, de gosto fino, e de joias de preço; como eu ainda, ella não dispensava o *rouge* e o *noir* para os ciliis, e as faces. Como eu, ainda e finalmente, ella apparecia aos olhos do mundo como frivola e faceira, uma tenta, como dizes tu na tua carta. Mas quem sabe? talvez, tambem como eu, ninguem a conhecesse tal como ella era no seu intimo...

Hoje, passados tão largos annos, eu percebo, na reconstrução frequente que faço da verdade, que tu não a amavas. Revejo, com esforço de memoria, as tuas attitudes em frente a ella, adivinho, por essas attitudes, embora vagamente, embora sem certeza, a tua antipathia, a tua repulsão por ella... E' eu não é verdade? Tu desde pequena foste sempre o idolo de papae; insensivelmente, ao insenso, ao louvor constante daquella admiração envolvente e exclusiva, tu te amoldaste a elle, afizeste pela delle a tua alma, o teu character, a tua propria sensibilidade doentia adquiriste *os seus odios*...

Passado! Para que o resuscitaste, minha irmã? Para que? Para que me falaste da nossa velha casa ha tanto abandonada e pela qual sombras leves caminham? Sombras leves! Pesadas sombras, que me não enchiam de pavor, mas de anciedade e de tristeza, á noite, quando nas insomnias frequentes eu as via da minha caminha estreita de creança, pela porta entreaberta do quarto, surgirem da sala de visitas, vindas do canto onde a harpa de Mamãe, com as cordas partidas, decorativamente repousava ainda... bem sabia eu que só a minha ima Mas imaginar, minha cara Fernando que a faculdade que certos espiritos *realidades*. Existir em sonhos é já uma ma Essas sombras, essas duas sombras existi e existirão. Eram ellas que sendo eu nevam a dar-te o tratamento de *senhora*, a chamar-te *dona*; eram ellas que se interperham, erguidas, entre ti e mim, nos momentos em que o meu amor por ti e o teu amor por mim ros lançava uma para a outra; eram ellas que com dedos frios sellavam de silencio a bocca do nosso pae, do nosso tenebroso pae, eternamente abysmado em si proprio, concentrado, calado, taciturno... E são ainda essas sombras, Fernanda, minha doce, minha querida Fernanda! que hoje nos separam, nos conservam, como antigamente, estranhas uma á outra. Sim, confesso-o afinal; eu preciso do teu auxilio, do teu socorro!

(Conclue no fim deste numero)



Essas sombras, ginação as criava. nanda, não é mais possuem de *criar* neira de existir. am... e existem... nina me força- eram ellas que se interperham, erguidas, entre ti e mim, nos momentos em que o meu amor por ti e o teu amor por mim ros lançava uma para a outra; eram ellas que com dedos frios sellavam de silencio a bocca do nosso pae, do nosso tenebroso pae, eternamente abysmado em si proprio, concentrado, calado, taciturno... E são ainda essas sombras, Fernanda, minha doce, minha querida Fernanda! que hoje nos separam, nos conservam, como antigamente, estranhas uma á outra. Sim, confesso-o afinal; eu preciso do teu auxilio, do teu socorro!

Leisoadas



SENHORINHA DIVA
ROXO

SENHORINHA DÉA
AGRITOGGIO

SENHORINHA ARINOS
PIMENTEL

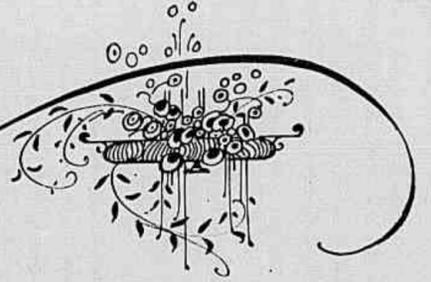


SENHORINHA SORIANO

SENHORINHA GERALDA BRITO

(As photographias nos medalhões e no oval são da Photographia Musso. A ultima, em baixo, á esquerda, é da Photographia Chapelin.)

Annie Besant e a sua vida



COMO promettemos, proseguimos, hoje, nossa narrativa da existencia accidentada e maravilhosamente bella desse grande cerebro feminino que é Annie Besant, a amada presidente da Sociedade Theosophica.

Vimos que, para adquirir meios de subsistencia, ella se revelou uma escriptora de real merecimento, escrevendo artigos de character philosophico e social muito vibrantes.

Ella passou annos bem duros sob o ponto de vista material, quasi de miseria, e nunca se deixou vencer. Cada vez mais confiante nos seus ideaes, trabalhava com uma coragem excepcional. Nesse tempo, sua mãe, agonisante, chamou-a, dizendo-lhe que queria receber a communhão antes de partir para a eternidade, mas que a sua alegria seria immensa se Annie commungasse com ella. Ao contrario, preferia morrer e ter o inferno, do que possuir o céu sem a sua querida filha. E Annie, para que a adorada velhinha repousasse tranquillamente, accedeu em fazer uma acção contraria ás suas idéas.

Depois que a morte levou a que lhe dera a vida, só lhe restava Mabel, a filha, que era como um incentivo naquella tormentosa vida.

Annie Besant teve grandes amigos, e dentre elles salientava-se o livre pensador Bradlaugh, que exerceu forte influencia na sua vida militante de jornalista. Bradlaugh era um vigoroso escriptor, estimado das classes populares, das quaes se fizera defensor incansavel. As suas capacidades de homem politico eram mais apreciadas no estrangeiro que na Inglaterra, onde, pelo arrojado das opiniões, fôra ficando suspeito. Era um extraordinario orador. Entre elle e Annie Besant havia uma grande communhão de pensamentos, uma mesma sêde de sacrificios em prol da Humanidade soffredora.

Annie Besant adoptava com entusiasmo um certo numero das idéas de Bradlaugh, ás quaes juntava sentimentos exclusivamente originaes.

Os seus livros e pamphletos de ordem moral e philosophica já transpareciam singularmente o grande ideal theosophico que, um dia, havia de ser a maior, a mais nobre razão do seu destino. Passaremos rapidamente por esta phase, durante a qual Annie Besant, no infatigavel desejo de encontrar a verdade, foi uma especie de athéa e socialista militante, de collaboração com Bradlaugh, servindo-se da penna e da palavra como meio de propaganda.

Annie Besant visitava os bairros de Londres onde reinava a miseria. Condoída, na sua grande alma generosa, pensou em restringir aquelle tremendo infortunio dos desgraçados que se arrastavam em viellas escuras, em mansardas tetricas e sem luz, esfomeados e maltrapilhos. E, sobretudo, o que mais a impressionava eram as creanças que, como flores fanadas, esqueleticas, tuberculosas, viviam nesses bairros de dôr e desolação.

E, mais tarde, quando comprehendeu a belleza dos ideaes theosophicos e a lei infallivel do Karma, immensamente se penitenciou por haver escripto palavras de magua e desolação. Mas, ainda ahi, fôra a grande alma generosa que tinha vibrado com sensibilissima

ternura pela humanidade obscura. Só os que soffrem e que são tambem uma parcella dessa enorme massa anonyma e desprezada pelos poderosos é que sabem quão doloroso é ter-se necessidade de pão como alimento, de agua como hygiene e do tecto que nos abrigue das intemperies.

Annie Besant, que aprendia todos os dias as suas lições na grande escola do soffrimento, não poderia ser insensivel á dôr dos seus semelhantes. E só um desejo a impulsionava: diminuir o soffrimento e a miseria nas classes abandonadas.

E é então que se pôde admirar o seu humanitario socialismo. Todas as dôres achavam eco em seu coração e ella vibrava de indignação ante todas as injustiças.

Militou tambem na politica e lançou este appello em favor da India opprimida: "*Wake up India*" e escreveu a favor do Transvaal e da Irlanda.

Defendia todos aquelles que considerava opprimidos, collocando-os ao lado da justiça e do direito.

Annie Besant tem sido em sua carreira de lutas e trabalhos uma guiadora, e ella conhece bem o coração humano nas diferentes classes sociaes. Depois da brilhante campanha socialista, já presentindo a rutilante belleza dos ensinos theosophicos, que um dia a tornariam apostola, conheceu William Stead, editor da *Pall Mall Gazette*, que foi mais tarde um adepto do espiritismo e que pereceu no naufragio do *Titanic*. Stead era uma alma de elite. Elle soffria das mesmas ancias humanitarias que Besant. Um mesmo ideal, uma mesma aspiração os reuniu, para juntos collaborarem na fundação de uma folha popular e pratica: *The Link*. Um dia, Stead solicitou de Annie Besant, para a *Pall Mall Gazette*, uma analyse da *Doctrine secrète*, obra fundamental de H. P. Blavatsky, a nobre dama russa fundadora da Sociedade Theosophica no Occidente. Annie Besant, que tinha então uma idéa muito vaga da sub-consciencia e das questões de telepathia, hypnotismo e suggestão, experimentou, com a leitura da *Doctrine secrète*, um prazer indizivel, que fez com que devorasse, capituló por capitulo, essa

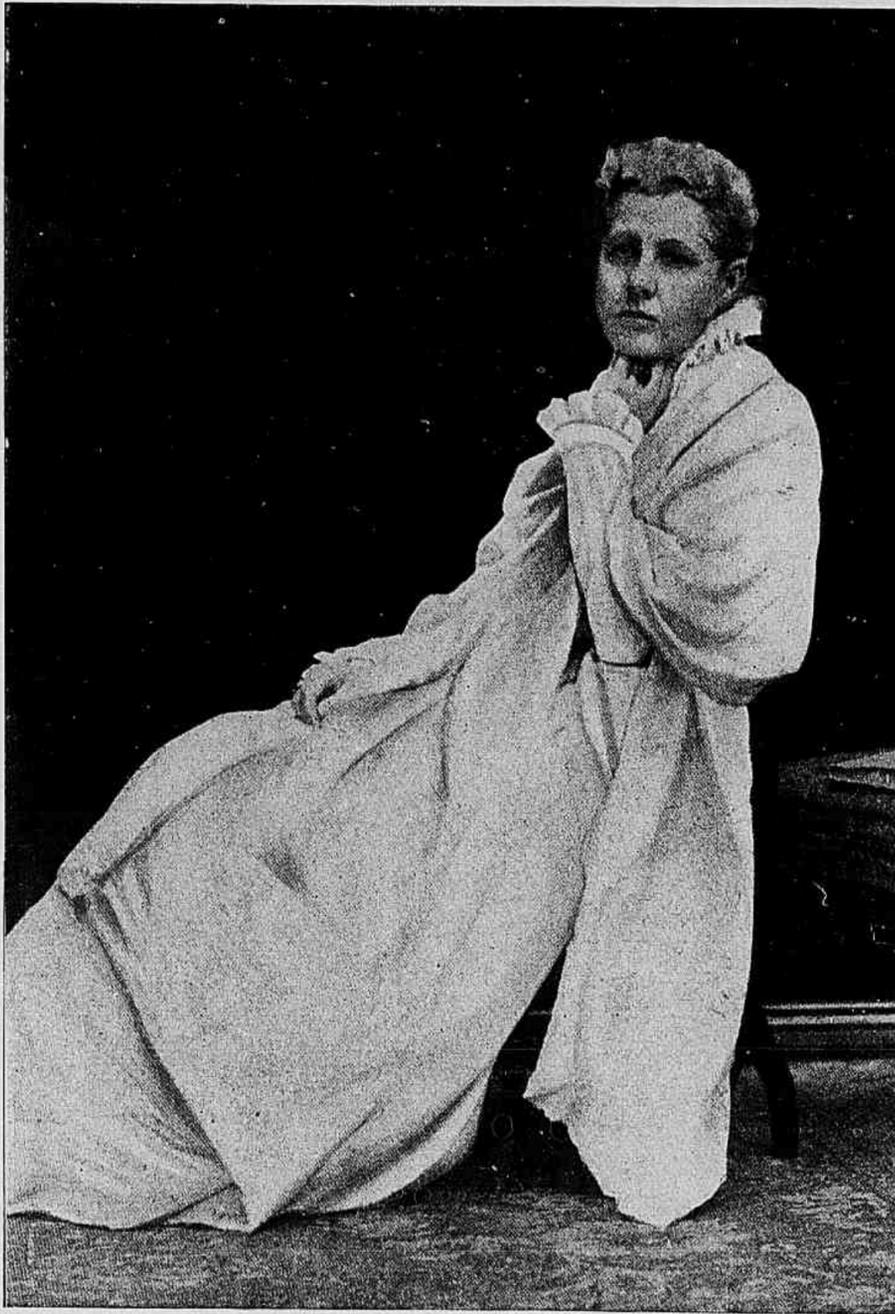
importante obra iniciadora. Ella encontrou nas suas paginas uma synthese completa e maravilhosa que esclarecia o passado, o presente e illuminava os problemas da vida. E após essa leitura, feita com muita penetração, declarou que enfim havia encontrado a Verdade.

E, na manhã de um dia memoravel, Annie confessou a Stead que tinha desejo de conhecer a autora da *Doctrine secrète*. Ella pediu uma entrevista... mas, face a face com Helena Blavatsky, presa de timidez e de um certo orgulho, não disse mais que cousas banaes. Blavatsky reconduziu-a á porta e, fixando o seu olhar estranho e profundo, murmurou:

— Oh, querida Mme Besant, só lhe pedimos que seja das nossas. Annie Besant hesitou; o seu orgulho a fez mais forte e ella respondeu apenas por uma phrase curta e vaga... Partiu para voltar pouco tempo depois.

RACHEL PRADO.

(Continúa no proximo numero.)



ANNIE BESANT AOS QUARENTA E CINCO ANNOS.

Primeira assembleia legislativa da America do Sul

por Annibal Fernandes

PERNAMBUCO que tem na historia brasileira a prioridade de varios movimentos liberaes, sem que vá nisso qualquer prurido de bairrismo vão, possui tambem a gloria de ter sido a sede da primeira assembleia legislativa na America do Sul. E digo da America do Sul porque vinte e um annos antes, em 1619, reunia-se na Virginia, nos Estados Unidos, a *House of Bourgeses*. sendo esta a primeira assembleia que se reuniu no Novo Mundo.

Havendo destrocado completamente as forças de Dom Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, a quem a metropole enviara com grande apparato afim de salvar a Bahia do cerco das forças holandezas, e de expulsal-as de Pernambuco, tratou o conde Mauricio de promover grandes festas em regosijo de tão retumbante feito. Preocupava-se muito nessa época o Principe em dissipar os odios que dividiam os partidos, na colonia, captando ao mesmo tempo a amizade dos pernambucanos e dos portuguezes. Com isso visava Mauricio volver as suas vistas de administrador para o desenvolvimento economico do paiz, congregadas todas as facções em seu derredor e afastados os motivos de desharmonia existentes. Convocou, pois, uma assembleia geral dos habitantes, afim de em commum accordo deliberarem acerca dos negocios publicos, procurando dar aos municipios a maior autonomia e assegurando aos naturaes o direito de representação junto ao Governo do Brazil Holandez.

A abertura dessas côrtes fez-se com toda a solemnidade. Segundo referem as chronicas do tempo, foi precedida de um sumptuoso banquete no Palacio das Torres ou Vryburg, o qual se erguia justamente no local onde existe hoje o Palacio do Governo. Conforme o uso da pragmatica

européa, salvaram as fortalezas e as bellonaves surtas no porto. Os trabalhos legislativos duraram oito dias e nelles tomaram parte 55 portuguezes dos mais proeminentes ou, como diz o autor do *Vale-roso Lucideno*, dentre os mais nobres e graves. A assembleia era constituída do modo seguinte: as camaras da cidade mauricia deram tres escabinos, o districto da Varzea, tres moradores; Ipojuca, quatro; S. Lourenço, tres; Murikeca, quatro; São Jaboatão, dois; Pararibe, tres; Camara da Parahyba, dois escabinos e o districto do mesmo, quatro moradores; Camara de Itamaracá, dois escabinos e o districto, quatro moradores; Porto Calvo, dois escabinos e o respectivo districto, quatro moradores.

A sessão teve começo com um *speech* do Supremo Conselho, mostrando o desejo do governo em bem distribuir a justiça civil e criminal, aventando a criação de tribunaes em que entrasse o elemento portuguez, além de outras medidas de interesse geral.

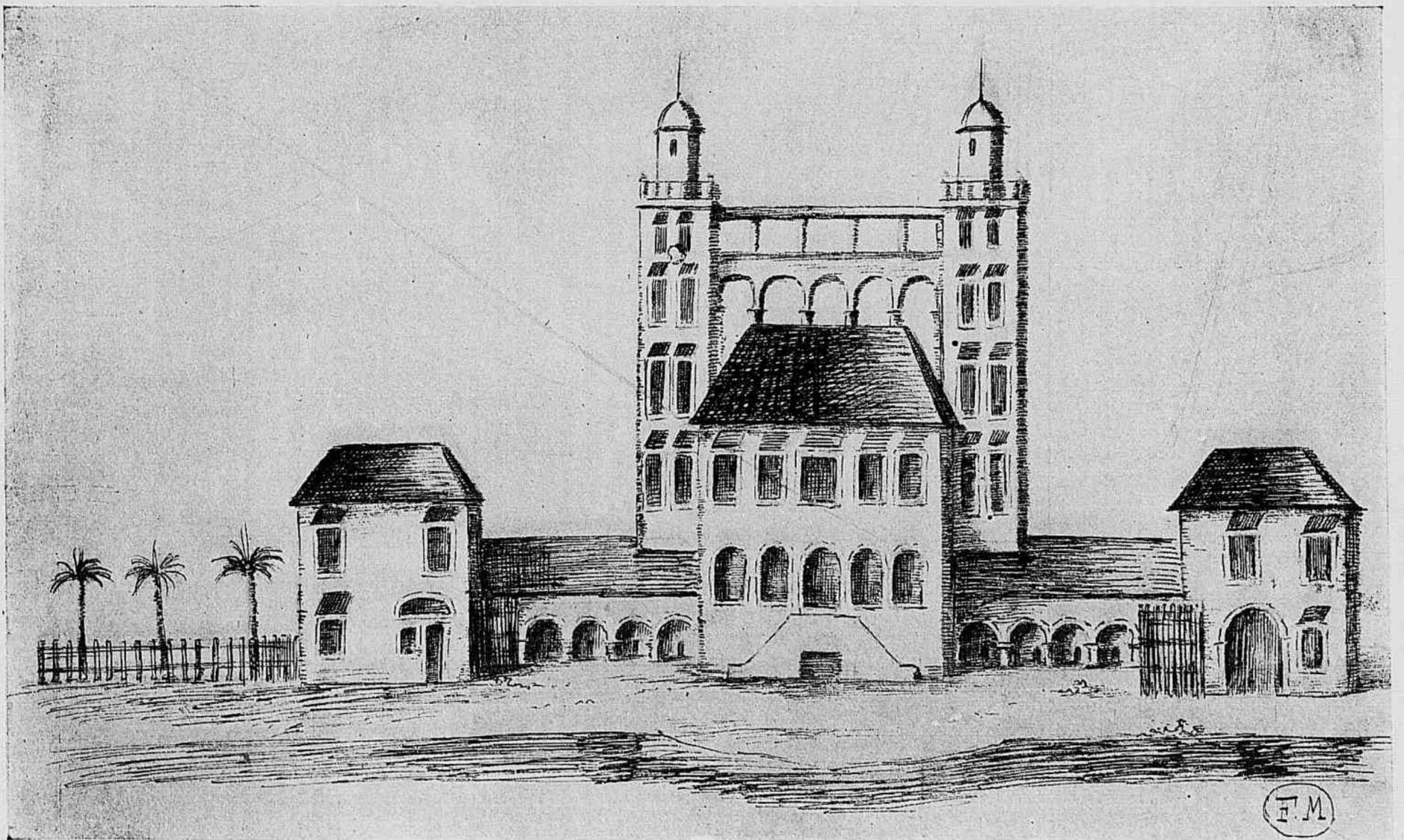
O conde Mauricio assumia a presidencia, revestido de suas insignias, e ao seu lado viam-se os demais membros do Supremo Conselho. As sessões começavam de ordinario ás 8 horas da manhã e entre as obrigações dos deputados figuravam: manter reserva acerca dos trabalhos legislativos enquanto estivessem abertos as côrtes; não sahir da cidade, sem previa licença do governo; não falar sem ser interrogado, cabendo a cada um a sua vez de dizer o que bem lhe parecesse em beneficio geral; abster-se de questões pessoais e justificar sempre os seus votos negativos.

Começou o governo por propôr a necessidade de reprimir os roubos constantes que se vinham produzindo nos campos, permitindo-se aos portu-

guezes o uso das armas, regalia esta que até então lhes tinha sido vedada. As outras propostas de fonte official referiam-se ás desordens provocadas por soldados indisciplinados; á lei dos suspeitos pela qual o governo era armado de poderes capazes de castigar os rebeldes e impedir os excessos dos escultetos.

Uma cousa infirmava talvez a liberalidade da assembleia: é que as propostas dos deputados, assim como as emendas ás do governo deveriam primeiro ser comunicadas ao Supremo Conselho. Só depois de estudal-as é que o Conselho as submettia a votação. Todavia ha provas exuberantes da largueza de vistas do governo de Nassau. Uma destas e não pouco eloquente foi a mensagem que os deputados enviaram ao Supremo Conselho pedindo a permanencia do conde por mais 5 annos no governo da Colonia. Que o Principe era geralmente estimado attesta-o o acto da Camara de Olinda, a qual "como a mais populosa entre as demais Camaras de todo o Estado conquistado, tendo experimentado nas benignas acções do conde a benevola propensão que tinha para com os moradores portuguezes e desejando constituir na pessoa de S. Ex. um refugio perpetuo e firme asylo e patrocinio contra as inconstancias da fortuna, para que as necessidades, apertos, pretensões, negocios e leaes intenções tivessem ali e na Hollanda um protector que o amparasse e favorecesse" offercia-lhe o titulo de Padroeiro do Estado do Brazil.

De resto o conde Mauricio tudo fazia por agradar o povo, organizando festas publicas, esforçando-se por manter a paz, procurando introduzir immigrants, distribuindo leis equitativas. Tão habil foi a sua politica de approximação com os lusos que D. Manoel Calado o chamava de *Santo*



PALACIO DE VRYBURG, CONSTRUIDO NO RECIFE POR MAURICIO DE NASSAU E ONDE SE REALISOU A PRIMEIRA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA NA AMERICA DO SUL.

(Desenho de Fedora Monteiro, segundo uma gravura antiga)

Antonio dos Portuguezes. Recife progrediu intensamente. O seu commercio se dilatava, e no seu sonho de grandeza cogitava Mauricio até de crear uma universidade, inaugurar uma imprensa, edificar palacios, fontes, jardins, etc.

Foi elle quem abriu as primeiras estradas para o interior, desenvolveu a industria da canna, introduziu novos machinismos.

Fechando esse parenthesis aberto nesta narrativa, os primeiros deputados a apresentarem suas propostas foram os de Mauritzdt e versavam sobre a religião, a justiça, a guerra e a policia. Quanto á primeira, o Supremo Conselho entendeu permitir o culto da religião unicamente dentro das igrejas e accrescentava: "melhor é que se contem com isto para não ficarem sujeitos a outros inconvenientes contra os quaes não haveria remedio".

Não se pôde pois dizer que reinasse então a tolerancia religiosa. Ainda assim a resolução do Supremo Conselho vinha satisfazer em parte as aspirações dos catholicos, pois até então, até mesmo dentro das igrejas e em prohibidas as ceremonias. Na parte referente á justiça, não se pôde dizer tambem que a organização existente fosse compativel com um regimen liberal, tal como queria o Principe Mauricio. Havia na Colonia um instituto chamado "Collegio dos Conselheiros Politicos", cujas funções eram pouco mais ou menos semelhantes ás do nosso Tribunal de Justiça. Mas não só os seus membros eram todos hollandezes, como a unica lingua permittida em juizo era a flamenga. E' facil avaliar como isso acarretava para os naturaes os peores vexames. Além disso, parece que os juizes não primavam pela sua integridade. Pediam, pois, os nossos deputados em primeiro logar que toda a vez em que fossem partes

litigantes os portuguezes ou pernambucanos viesse um escabino do districto, afim de servir de interprete perante o "Collegio". Pediam mais que fossem respeitadas os documentos tidos como validos antes da conquista hollandeza e passados conforme as leis hespanholas, e se organisasse um regimento de custas. A todas essas propostas o Supremo Conselho deu plena approvação.

Muitas outras reclamações foram feitas pelas demais Camaras, representadas na assembléa, e referentes a criação do gado, plantio de mandioca, regimen tributario e outros assumptos da economia interna de cada uma dessas regiões.

Não foram attendidas as propostas dos deputados da Parahyba, as quaes se referiam á expulsão dos judeus, ali estabelecidos, á vinda de navios directamente da Hollanda para o porto de Frederika, e á suppressão dos "escultetos".

Terminados os trabalhos legislativos, o Principe Mauricio ergueu-se e dirigiu aos representantes as seguintes palavras:—"Estas terras são productivas de muitos fructos e drogas preciosas que na Europa são tidos em grande estima e valor, ao passo que aqui não se cuida de os cultivar e colher ou pela falta de diligencia dos moradores ou por causa da abundancia do assucar.

Muitos desses vegetaes vêm por si mesmos, sem que se tenha o trabalho de plantal-os, e varias pessoas que por sua miseria não se occupam com a lavoura da canna, e por isso vivem na penuria, podem dedicar-se ao cultivo desses fructos, como o algodão, o gengibre, a pimenta, bem como á exploração do salitre que sabemos se pôde haver nestas regiões do Brazil.

E como o nosso desejo é que este Estado vá

em augmento e cada vez mais se enriqueça, vos recommendamos que cada Camara se esforce em seu respectivo districto por persuadir os moradores a plantar e beneficiar os ditos vegetaes e para que os façam com certeza de lucro, e quando se apresentar algum que queira se dedicar a essa cultura, vós o enviareis ao nosso Supremo Conselho para accordar connosco sobre o preço dessas novidades em beneficio seu; e isto feito, verá o plantador o proveito que tirará, e plantará certo de quem os ha de comprar e pagar a seu contento pelo preço previamente ajustado.

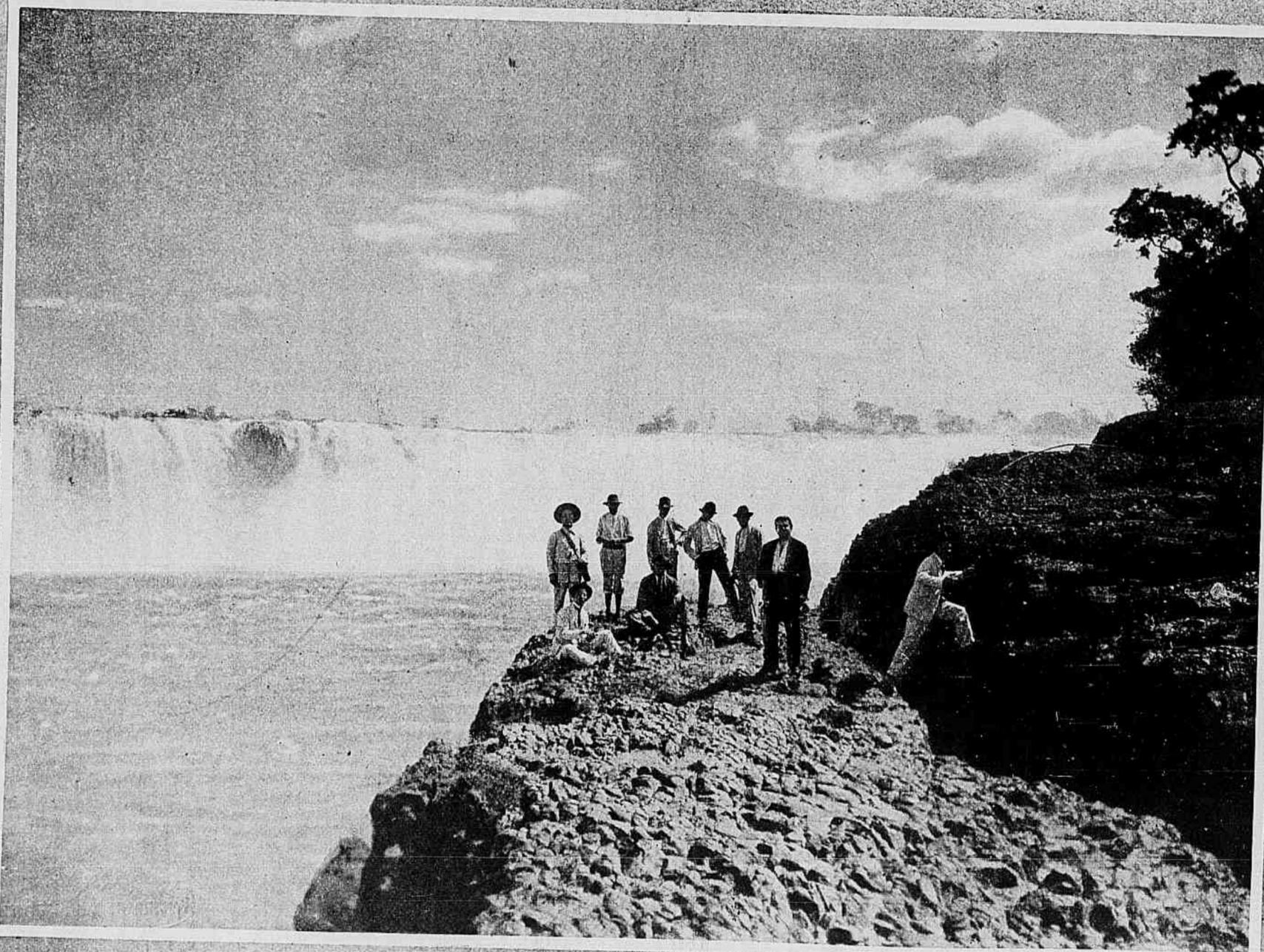
Nós vos pedimos, pois, que a bem do povo deste Estado, façais com que esta nossa recommendação surta o desejado effeito".

Com isso deu-se por encerrada a assembléa dos representantes, a primeira que se reuniu no Novo Continente.

Porventura lucraram os pernambucanos com as medidas tomadas nessa memoravel reunião?

Diz Frei Calado á pag. 62 do seu *Valeroso Lucideno* que nada de pratico se conseguiu, pois enquanto os hollandezes exigiam tudo dos colonos violavam ao mesmo tempo os seus compromissos.

Convém não esquecer, porém, que nem sempre esse autor é justo. Diz o Dr. Pedro Souto Maior nos seus *Fastos Pernambucanos* que o padre era ingrato, desleal e hypocrita, e sobretudo intrigante. E' evidente que essas qualidades não podem recommendar muito os seus juizes. Seja de que modo fór, a verdade é que a convocação dessa assembléa demonstra o descortino e a cultura do Principe de Nassau que sonhava lançar na cidade Mauricia os alcerces de uma grande e opulenta metropole.



ESTADO DE MINAS GERAES

UM ASPECTO DA CACHOEIRA DOURADA, UMA DAS MAIS BELLAS DO BRAZIL.



ESTADO DE MINAS GERAES

A TRADICIONAL DANSA DOS VELHOS, TÃO QUERIDA DOS MINEIROS DE ANTIGAMENTE.

Folk-lore onomatopáico

por João do Norte

QUANDO se approxima a época do Natal, em todo o Nordeste brasileiro os meninos cantam varias lóas e reisados allusivos a essa festa religiosa com que a habilidade da Igreja Catholica soube mascarar a antiquissima celebração ritual do solsticio de inverno, originada nos cultos primitivos do sol. E entre essas canções a mais interessante é, certamente, a do reisado dos bichos, na qual se procura imitar, no canto, e na mimica que o acompanha, os modos e a voz dos animaes a que se allude.

Assim, os meninos repetem esta especie de velha parlenda, guardada ha seculos pela memoria collectiva, arremedando seguidamente os bichos citados :

- O gallo — Christo nasceu !
- O boi — Aonde! Aonde!
- O carneiro — Em Belém! Em Belém!
- O burro — Vamos! Vamos!
- A cabra — Mata! Mata!
- O perú — Degola! Dego'a!
- O capote — Está fraco! Está fraco!

Desta maneira, se viram quaes os bichos bons e quaes os bichos máos. Os primeiros foram o gallo que annunciou o Messias, o boi que perguntou onde nascera, o carneiro que disse o lugar, o burro que convidou todos a lá irem render homenagem e o capote ou a gallinha d'Angola que in-

voca a sua fraqueza, para salvá-lo da morte proposta pelos bichos ruins: a cabra e o perú. Dahi a cabra matar todas as plantas em que põe a bocca maldita e o perú viver para fazer roda e morrer na faca para ser recheiado e comido com farofa.

Esse pequeno reisado se origina duma velha canção identica dos primeiros seculos do christianismo, que devia ser cantada toda ella em latim barbaro e da qual resta sómente um vestigio: uma variante medieval posterior, na qual o latim já se mistura ao francez da época. Eil-a:

“Comme les bestes autrefois
Parloient mieux latin que françois,
Le coq de loin voyant le faiet,
S'ecria: — “Christus natus est!”
Le boeuf d'un air tout ehaubi,
Demande: — “Ubi? ubi? ubi?”
La chèvre se tordant le groin:
Répond que c'est á Bethléem.
Maitre Baudet, “curiosus”
De l'aller voir, dit: — “Eamus!”
Et droit sur ses pattes le veau
Beugle deux fois: — “Volo! volo!”

Essa canção era executada pelos que acompanhavam na Idade Media, a procissão de Natal, os quaes imitavam gestos e vozes dos bichos.

O mais interessante nesse facto não é consta-

tar a origem da nossa velha parlenda do reisado dos bichos do Natal, sim verificar como se formou e porque veiu até hoje o gosto dessas onomatopéas, que nas duas variantes, a nossa e a medieval, está perfeitamente demonstrado.

Essa feição folk-loristica de certos cantos é que é antiga, muito mais velha do que o reisado a que alludimos. Essa forma de manifestações vem de muito longe, vem, como quasi todas as cousas dos folk-lores, do Oriente mysterioso e profundo, inesgotavel na sua riqueza de lendas, de tradições, de mythos e de cantos.

Nós encontramos as canções que traduzem vozes de animaes e de gente, ruidos da natureza e outras impressões onomatopáicas ou mimicas, especialmente entre os chinezes. Granet, no seu formoso e erudito livro “Fêtes et chansons anciennes de la Chine”, nos mostra os cantos velhissimos que traduzem desta ou daquella forma os aspectos das cousas, tornando-se de certa maneira verdadeiros auxiliares descriptivos do que o cantor queira dizer.

Esses velhos cantos chinezes poderiam, segundo o autor citado, ser ás vezes tomados como verdadeiras onomatopéas, pois imitam nas suas rimas o grito dos passaros a que os versos se referem: *pen-pen* para as codornas, *kiang-kiang* para as perdizes, *kuan-kuan* para as gaivotas, etc. Essas ri-

(Termina no fim deste numero)



PETROPOLIS — ESTATUA DE D. PEDRO II, DO ESCULTOR MAGROU.

MUSICA

SUPPLEMENTO DA ILLUSTRACAO BRAZILEIRA

N. 1 — ANNO I

Redactor: JULIO REIS

JULHO — 1921

CHRONICA

ORIGEM DA MUSICA

A MUSICA nasceu no momento em que o homem sentiu abraçar-lhe o coração a primeira chama do amor.

Já abriam os pavões a magestosa cauda em forma de leque, os canários vestiam-se de ouro e gorgejavam, e em attitudes hieraticas desliziavam os cysnes, como churneas gondolas, sobre as aguas tranquillias, e em toda a natureza um fluido divino arrancava do intimo do primeiro homem — *Il cantar che n'anima si sente*, na phrase de Petrarcha!

Creára Deus a mulher, e nella esculpiu a obra-prima da graça, da belleza e do encanto. Viu que, na seducção do seu olhar, nas ondulações do seu corpo — haestes de uma flôr viva —, e nos attractivos que a vestiam de um hallo divino, residia a força dominadora do universo!

Era, pois, um throno que se erguia!

Investiu-a, então, da triplíce corôa de virgem, esposa e mãe! Pa a conquistal-a, o homem procurou atrahil-a pelo carinho! A expressão mais efficiente para isso pareceu-lhe ser — a verbal.

Esta, porém, falava-lhe aos sentidos; não lhe penetrava na alma.

Não achando phrases que traduzissem a sua paixão, reparando um dia que os passaros gorgejavam, que exhalavam perfumes as flores, que toda a natureza se enfeitava para saudar o sol, num extase diante de tal maravilha, sentiu que sua alma também vibrava, e cantou!

Do canto nasceu a aproximação, e desta, o amor! Como linguagem da alma, surgiu a musica! Mais um prodigio, o que prova a origem divina da arte dos sons!

Pelas mãos da mulher e do homem, a musica penetrou nos templos, tornou-se sacerdotisa e entoou os primeiros psalmos em honra da Divindade!

Gerações que se succederam investiram-n'a, como aos deuses, do poder de encantar!

Uma lenda japoneza conta que:

"Tendo Amaterasu, deusa do sol, se escondido em uma caverna, deixando o mundo mergulhado em trevas, e sendo baldadas todas as supplicas, a deusa Uzumé, ao som duma harpa improvisada, lembrou-se de cantar e dansar diante do esconderijo.

"Fascinada pela melodia, Amaterasu sahiu da caverna, restituindo ao mundo a luz e a alegria. Então os deuses, temendo a repetição do capricho de Amaterasu, previdentes, começaram a cultivar a musica e a dansa."

Mais tarde, os cantos guerreiros enchiam de patriotico e santo ardor as hostes nos campos de batalha! Os madrigaes entoados pelos menestres agitavam o coração das Castellãs, e, assim, — cobrindo-se de gloria nos combates; — em respeitadas oblações, nos templos, por entre nuvens de incenso; — traduzindo a ultima expressão de homenagens, nos acompanhamentos funebres; embalando os recém-nascidos; sempre cantando, amando, soffrendo e triumphando com a humanidade, a musica associou-se á nossa vida, tornou-se-nos uma inseparavel companheira!

Depois: das cordas dos violinos e das harpas, dos tubos dos orgãos, das teclas dos pianos, dos ôboes e das flautas, vozes irromperam e nasceram, desse consorcio, a orchestra e os côros, traducção sonora da divina poesia, do divino encanto gerado pela inspiração trazida nas azas da melodia e da harmonia!

J. R.

A MUSICA NO CENTENARIO

EM tempo e cumprindo o nosso dever, para que não se chamem a ignorancia os responsaveis pelo fracasso da mais pomposa festa em que se empenha a nossa honra de povo civilisado, ou não seja allegada a não organização de um programma definitivo das festas do Centenario, publicamos aqui observações que, esperamos, serão tomadas em consideração por quem de direito.

Para os que se interessem pelo progresso do nosso paiz, os dias passam e succedem-se os mezes, deixando-nos a terrivel impressão dos ultimos momentos de um condemnado...

Diante da nação inteira ergue-se, como um patibulo, a commemoração do Centenario da nossa independencia!... E' incrivel!

Mais como um protesto que ficará lavrado na imprensa, do que como uma suggestão que jámais



SCHUBERT

será aceita, traçamos estas linhas, tal a certeza do fiasco a que, em 1922, assistirá o estrangeiro.

Que é que se prepara em musica para dar aos forasteiros uma idéa da nossa cultura na arte que immortalizou José Mauricio?!

Respigando aqui, ali e acolá, uma noticia, um projecto de programma, ou um boato, vemos que nada de positivo está resolvido para que a arte musical se apresente no grande certamen do Centenario, ao menos com decencia.

Serão organizados concursos, a premios, entre as bandas militares, desta capital, do Estado do Rio, de Minas, São Paulo, Paraná, Bahia, etc., por exemplo?

Terão confiado aos nossos compositores assumptos para poemas symphonicos, para serem executados como expoentes da inspiração e da technica da arte brasileira?

Ouviremos um concerto de orgão, que dê uma idéa do pouco que possuímos de musica sacra, mas legitimamente sacra?

Como cousa mais sensível aos olhos e aos ouvidos, e mais emocionante para a alma e para o coração de um povo, assistiremos a uma Missa Campal, cantada por um côro de 500 a 1000 vozes, e acompanhada por uma orchestra de 500 musicos, executando uma partitura expressamente escripta para esse acto, com direito a um premio em dinheiro, o sufficiente ao menos para libertar o seu feliz autor de alguns dias de fome e miseria, em seguida a algumas horas de glorias?

Veremos o Theatro Municipal abrir as suas portas, todo tapizado de flores, para dignamente

receber a Musa brasileira, que fará cantar uma ou mais operas de autores nacionaes?

Ou nos contentaremos com uma exhibição de tangos, fox-trot e rig-times com que uma pseudo-civilização e uma pseudo-cultura artistica mais uma vez nos deprimirão deante de multidões que accorrerão a celebrar a data mais importante da nossa historia?!

O tempo vac caminhando, e apenas faltam um anno e dois mezes para a realização do que, valha-nos Deus, esperamos que não seja um pesadelo, mas sim a realização de um sonho de arte, de gloria e de patriotismo!...

Que nos conste, nada assentado; e se o está, grandes e ridiculas surpresas nos esperam...

Nos templos, nos theatros, nos salões, nas academias, a céu descoberto, em plena floração de uma primavera eterna que veste a nossa natureza com as galas de um noivado festivo, todas as manifestações do nosso talento e do nosso engenho devem concorrer para o brilhantismo da celebração do Centenario da Independencia de uma nação, — gigante corôado pela constellação do Cruzeiro!

Em boa hora, como gratidão pelos beneficios recebidos, e como padrão da fé que ennobrecce um povo, o Christo Redemptor, o Mensageiro da paz, do alto de uma das montanhas que circumdam esta cidade, abençoará um povo a quem tudo procuram tirar, mas a quem não arrancarão a sua crença.

Como expressão exacta da mais sublime solidariedade, o Christo sobraçará a sua Cruz, animando-nos assim a carregar também a nossa.

Quando, desolados, oprimidos pela inveja e pelo egoismo, espinhados pela politica interesseira e ultrajados, no meio de uma população de um milhão de almas, nos acharmos inteiramente sós, e o Christo quizer abandonar a cidade do luxo, descendo da montanha sagrada, — ao menos teremos a consolação de lhe offerecer, como abrigo, um altar em nossos corações.



SCHUBERT

REFERINDO-SE a este celebre compositor, diz Schumann "se a fecundidade é um característico dos genios, Schubert deve ser contado entre os maiores", porque elle produziu mais de 700 obras.

O seu valor como compositor está na influencia extraordinaria e benefica que trouxe para a Arte, com o desenvolvimento do lied. Tendo-se tornado o mais popular dos compositores, Schubert fez-se o mais fervoroso precursor do romantismo, e escreveu musica pura, toda expressão, toda sinceridade, toda alma e sentimento!

Na literatura pianistica, os seus *Moments musicaes* (Op. 94) e seus *Impromptus* (Op. 142) são modelos, como os *Romanças sans paroles* e *Novelettes*.

Quando nos lembramos, diz Jean Marnold, que Wagner escreveu o *Tristão* com a idade de quarenta e cinco annos, é que podemos avaliar a enorme perda que soffreu a arte com a morte de Franz Schubert.

Nasceu em 1797 e morreu em 1828!

Em trinta e um annos de existencia o grande artista concentrou em derredor da sua pessoa a attenção e a admiração de todo o mundo musical!

O seu formidavel talento, uma inspiração delicada e repassada de emoção, e a sua grande capacidade de trabalho, destacaram-n'o entre os compositores de sua época.



CHOPIN

SEMPRE que nos salões ou nos palcos ouvimos composições de Chopin, algo da série maravilhosa de fantasias creadas pelo seu sonho de arte, sómente apreciamos os prodigios operados pelo virtuose, escapando á nossa visão intellectual a origem de uma concepção hieratica que, talvez para muitos de seus admiradores, revelará a predestinação desse mago do piano.

Em carta dirigida, pelos fins do anno de 1832,

a seu amigo Dziewanowski, Chopin diz: "Privo com a mais alta sociedade, tenho honroso lugar entre os embaixadores, príncipes, ministros, sem mesmo saber como isso consegui. E no entanto essa é uma condição indispensável de minha vida: *car c'est d'en haut que nous vient le bon gout.*"

Mais adiante, revelando-se perfeito conhecedor do meio em que vivia, exclama: "Revela-se mais



CHOPIN

talento quando se é recebido e applaudido na Embaixada Inglesa ou na Embaixada da Austria. Mais delicadezas percebem na nossa execução, porque a duquesa de Baudemont, a ultima dos Montmorency, dignou-se proteger-nos..."

No apogeu da sua carreira, Chopin via quanto contribue a aristocracia mundana para a realização da aristocracia da Arte.

Este phenomeno, porém, em poucos artistas é dado observar. Os que, pelos seus meritos pessoas conjuntamente com os de *virtuose* conseguem se elevar, quas são raros.

Chopin era o tipo perfeito do homem de sociedade, culto, de uma impecável correção, tanto no modo de apresentar-se em publico como em particular, chegando a tornar-se notado pela elegancia de um porte que mais e mais avultava com a paixão que tinha pelas joias, pelas bellas e vistosas gravatas, pelos bem talhados trajas.

Completavam-se no homem e no artista as qualidades do fascinador. O seu talento e a sua fidalguia inda mais brilhante relevo emprestavam ao prodigioso *virtuose* que encantava os salões.



A LINGUAGEM MUSICAL

Termos em que deve ser tomada esta expressão. — O elemento passional e o imitativo. — Symbolos principaes da linguagem musical.

Accentuemos, desde já, as restricções com que nos devemos servir desta expressão: *linguagem musical*. Longe de nós a idéa de conceder á musica a facultade de constituir um recurso de exacta e nitida transmissão de idéas, como muitos querem, collocando-a a par da literatura, poesia e artes plasticas, ou de negar-lhe, também, como pretendem outros, a qualidade de — fazendo vibrar as sédes emotivas, e acordando imagens sonoras em deposito nos centros auditivos — sugerir ao nosso espirito certas idéas moraes, ou, por artificios de sonoridade e rythmo, dar-nos a impressão de algumas noções ou factos do mundo material

A chamada *linguagem musical* é, pois, constituida de dois elementos: um passional e outro, imitativo.

Soccorrendo-nos, entre varios autores, mais especialmente de Combarieu, Dupré e Nathan, vamos fazer aqui um esboço dos symbolos musicas mais importantes, daquelles que não representam apenas a convenção mais ou menos subjectiva de

qualquer compositor, mas que estão, pelo contrario, no caracter geral da nossa raça, visto toda a esthetica ter, como se sabe, uma intima relação com a ethnologia.

A *alegria* traduz-se pelo movimento rapido, por consideraveis intervallos musicas, subidas bruscas e rythmos leves, empregando-se quasi sempre o *modo maior*.

A *dor* exprime-se por qualidades inversas: o movimento é lento, os intervallos são mais curtos e descendentes, e o *modo* adoptado é geralmente o *menor*. A phrase musical interrompe-se por instantes, como uma voz entrecortada de soluços, sendo marcada por uma descida cuja derradeira quéda exprime o cumulo do abatimento moral.

Excusado será notar-se a approximação existente entre estas duas formas de expressão musical e as outras manifestações instinctivas dos mesmos estados psychologicos (gestos, intonação da voz, etc.)

No homem, como bem commentam Dupré e Nathan, preside uma lei commum á expressão da alegria e da dôr em todas as linguagens. E indicam assim, no seu livro "A linguagem musical", as formulas mais communs de outras varias emoções. A expressão do *amor* segue ainda as mesmas leis; e é interessante verificar quanto, na sua forma instinctiva e popular, as melodias amorosas recordam essas intonações e esses cantos que os naturalistas têm descripto relativamente aos animaes na época da approximação dos sexos.

No seu typo mais simples, estas melodias consistem em intervallos consonantes de *terças* e *quintas maiores*, subindo em *legato* e em *crescendo* e descendo e diminuindo em seguida, quer sobre uma gamma, quer por intervallos identicos aos da ascensão.

Estas phrases assim construidas exprimem, sobretudo, o amor sexual nas suas tendencias mais organicas; e representam as sollicitações amorosas da maior parte das especies.

Num grão superior da escala zoologica, sabemos quanta arte mettem certos animaes na sua côrte, particularmente os passaros: o macho procura seduzir a femea pela doçura da voz, e pela riqueza das modulações.

Ora este caracter encontra-se precisamente na melodia popular, e as canções amorosas exprimem-se bastantes vezes por vocalizações que lembram o gorgear de certos passaros.

De facto, aparte os cambiantes de expressão que tendem a suggerir as diferentes nuanças do amor — que pôde ser vehemente, como o de Massenet ou de Puccini; terno, como o de Schumann; contemplativo como em Grieg, ou divino como em Cesar Frank — preside uma lei commum ás manifestações musicas de toda a paixão sensual: a ligação quasi constante dos sons no decorrer da phrase.

Esta especie ardorosa do amor manifesta-se por movimentos vivos e impetuosos, em *forte* e em *piano*, accentuados, succedendo-se sem nenhuma transição.

O *terror* exprime-se, na canção popular, por elementos achados nas manifestações de medo de certos animaes. A musica recorre aqui á imitação, quer do ruido do objecto que é causa do terror, quer da fuga que o medo determina, recorrendo ao rythmo privativo da abalada (*Vacillação?* — N. R.). Forma-se a phrase com grupos sonoros separados por pausas rapidas, indicativas da parada que o individuo effectua para assegurar-se de ser ou não seguido pelo agente do terror.

A *repulsão* exteriorisa-se geralmente pelas exclamações de horror. Em musica traduz-se por notas isoladas ou grupos de duas ou mais notas separadas por pausas, sendo a primeira fortemente accentuada.

O *odio* lembra, em geral, o desejo da vingança, a ancia do combate. Dahi, certos trechos populares procurarem suggerir-o por um effeito musical analogo ás marchas de guerra.

Pôde este sentimento tomar uma forma simplesmente ironica, de antipathia, exprimindo-se pela copla satyrica: uma phrase ou um fragmento de phrase cujo caracter elevado ou amoroso é exaggerado pela malicia popular; rapido, brota o riso sob a forma de quiálteras, de oitavas ascendentes, de notas destacadas e picadas, succedendo-se sobre um mesmo som.

Outros momentos psychicos, como a *fé*, o *ciu-me*, o *estado vago da alma*, têm também os seus symbolos especiaes, fundados em condições de sonoridade e movimento, inda que para o ultimo caso sejam variadissimas as formulas empregadas.

O effeito da hesitação, da inquietação obtém-se por series de accordes de passagem, que deixam o ouvinte á espera de uma resolução. Este arranjo, combinado com variações constantes do movimento, que ora se accelera, ora se retarda, dá ao nosso espirito a impressão desse estado tão impreciso e complexo.

ALBÉNIZ (Isaac)

PERDURARÁ por muito tempo na memoria dos que ouviram e apreciaram o brilhantismo de que se revestiu a execução pianistica de Arthur Rubinstein a deliciosa impressão deixada pela *Triana*, de Albéniz.

Numa evocação maravilhosa, o sol ardente de Hespanha illuminava o "Municipal", revivia a graça que enflora a patria da *Carmen*, immortalizada por Bizet!

Triumphava a arte de Albéniz; junto ao nosso palpitava o coração do heroico povo que brindou as letras e as artes com um Murillo, um Velasquez, um Campoamor e um Castellar!

O autor da *Triana* e da *Navarra* estreou, como concertista de piano, aos quatro annos de idade, no Theatro Romea, em Barcellona; "aos sete, (diz o seu historiador, Rogelio Villas, na sua obra — *Musicos españoles*), escreve um pasodoble, que é executado por todas as bandas militares de Ciudad Condal."

Tendo obtido uma pensão do rei Affonso XII, estudou no Conservatorio de Bruxellas com Evaet e Brassin, obtendo o primeiro premio de piano e aperfeçoou seus estudos technicos com Liszt, Ladassohn e Reinekke.

Foi um dos mais admiraveis interpretes de Bach, Scarlatti, Schubert e Chopin, seus autores predilectos.

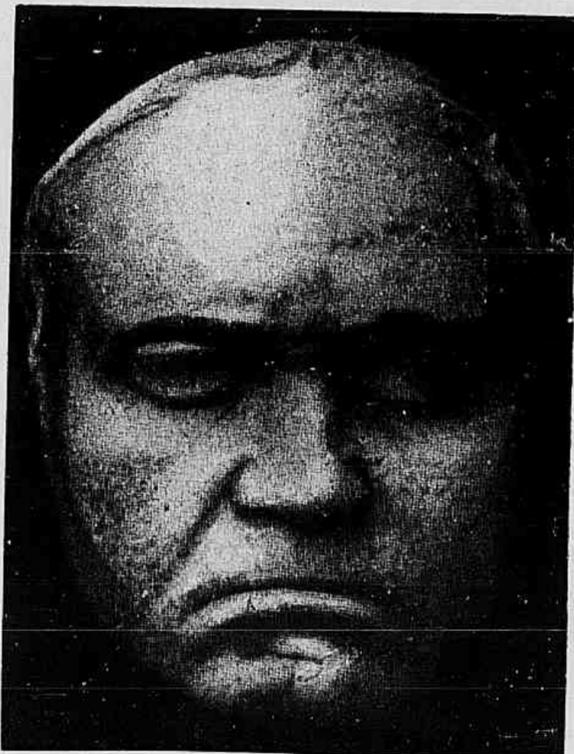
A composição de Albéniz que maior renome lhe alcançou em toda a Europa foi a sua *Suite "Iberia"*, para piano, trabalho de tal valia que obrigou a critica de Berlim a dizer que "depois de Brahms não produziu a literatura pianistica obra mais importante."

A "Iberia" compõe-se de doze poeticas scenas populares originaes, (diz Rogelio Villar), "paisagens e impressões de varias regiões de Hespanha, melhor evocações, inspiradas no caracter da nossa musica popular, naquellas em que o rythmo de nossos cantos e dansas desempenha um papel importantissimo. Riqueza, exuberancia, paixão; cõr, graça, fantasia; placidez, abandono, sensualidade; a expressão da musica popular hespanhola, sua intima essencia, é traduzida por Albéniz de um modo perfeito." Essas scenas são as seguintes: *Evocation, El Puerto, Fête-Dieu á Seville, Rondeña, Almeira, Triana, El Albaicin, El Polo, Lavapiés, Malaga, Jerez e Eritaña.*

Albéniz, continúa o seu historiador, ligava pouca importancia ás suas primeiras composições, a ponto de vender a propriedade da sua celebre *Pavana* ao editor Zozaya, por 15 pesetas, quantia de que precisou para ir ás touradas, pois foi em sua mocidade affeioadissimo á chamada festa nacional. Em compensação, em Londres, as casas editoras não olhavam preço para tudo que brotava da sua fecunda penna.

Eis uma ligeira silhueta do que foi o grande compositor que, ha pouco, todo o Rio intellectual calorosamente applaudiu, graças á execução pianistica de Arthur Rubinstein, e que passou no céu da arte da musica como uma estrella cadente!

Nasceu em Camprodon (Erona), em 29 de Maio de 1860 e morreu em Cambo les Bains (Pyreneus Occidentaes), em 19 de Maio de 1909.



A MASCARA DE BEETHOVEN

Do fanal onde a divina luz de um talento genial se derramou por todo o mundo, descortinando para a Arte novos horizontes, unicamente resta grosseiro decalque, uma dura fôrma em gesso!



Oracle amoureux

Melodie pour piano

PAR

Aile de Cygne

Ambante: *8* *appassionato:*

animato poco:

rit: *sforzato:*

Dal 8 al 6

Illustration Bayreuth

Não fosse a visão espiritual de que são dotados os artistas e jamais os que adoram a musica de Beethoven poderiam perscrutar aquella fonte, — ampla tela em que o Eterno fixou todas as paixões, horto abençoado onde implantou a flora epulenta que, perfumosa, desabrochou nas *Nozze Symphonius!*

Nós nos sentimos deslumbrados ante essa preciosa colmeia, agora thesouro de alvéolos despravidos do eustoso mel que a intelligencia, a memoria e a inspiração, como doiradas abellas, fabricavam, e que o genio de Beethoven transformava em admiráveis *Sonatas!*

Cerradas para o mundo material os olhos do immortal compositor, elles abrem-se para a Gloria, imponderavel como a inspiração, intangivel e sublime, como a Divindade!



TEMPORADA LYRICA

THEATRO MUNICIPAL

SE a nossa palavra fosse dotada do maravilhoso poder evocativo, poder de que se reveste a linguagem de alguns dos nossos prosadores, certo os nossos leitores assistiriam, lendo estas impressões, a uma nova representação das operas que até hoje, umas com mais exito do que outras, a companhia Walter-Moceli tem levado à scena, nesta temporada, no Theatro Municipal.

Tal não acontece, e, no cumprimento de um dever, somente com o auxilio da memoria, podemos desenhar algumas silhuetas representativas do que vimos, podemos registrar impressões, algumas excellentes, que nos proporcionaram instantes de inteiro gozo artistico.

Assim, desfilam diante de nós, por uma evocação momentanea, no mais original dos cortejos, *Parsifal*, o grande iniciado que, vencedor de mil paixões, celebra, por fim, o milagre do Santo Calix; — *Rigoletto*, o truão que, entre risos e esperanças, inconscientemente, concorre para a desventura da filha querida; — *Manon Lescaut*, a fascinação pela graça e pela belleza, a mulher cuja volubildade a torna martyr do seu proprio amor; — *Marouf*, o plebeu enamorado, cujo sonho de felicidade faz-lhe esquecer as affrontas a que o expõe a sua baixa condição; — *Tristão e Isolda*, os personagens, autores e actores no romance do eterno peccado; — *Carmen*, a sedução que se humanisa, que canta e dança, que ri, zomba, escarnece e tortura para, finalmente, morrer como morrem as mariposas, devorada pelas chammas que a atraíam e em torno das quaes bailavam os seus sonhos!...

Depois, *Fortunio*, a quem o destino escolhe para elevar da modestia do seu cargo a fortuna de ser amado pela mulher que o enleava nuna rede de seduccões, por mero capricho, vindo por fim a por elle mesmo se apaixonar...

De todas estas seis operas que a companhia Walter-Moceli poz em scena deixaram uma impressão mais duradoura as de Wagner, e nellas merecem especial menção: — a Sra. Sarah Cesar, soprano, admiravel no papel de Kundry, no *Parsifal*, e no de Isolda, no *Tristão*. O tenor Maestri, como protagonista daquella opera, o baixo Cirino, no papel de Qurnemanz, Persichetti, no de Klinggor e Rossi-Morelli no de Amfortas, effizazmente concorreram para que fosse notavel o inicio da temporada.

No *Tristão e Isolda*, Sarah Cesar teve magníficos auxiliares em Maestri, Tristão; Mario Pinheiro, Rei Mack e Rossi-Morelli, Gurnewald.

Segura-Tallien, o applaudido barytono, teve, no *Rigoletto*, que ceder a palma ao actor. O cantor já se mostra fatigado, não ostenta o brilho que nas suas interpretações o recommendava aos incondicionaes applausos do publico que acompanha com interesse o repertorio, tanto antigo como moderno.

Ao seu lado, uma bella esperanza, a senhorita Totti Dalmonte encarnou uma Gilda mimosa, vivaz, dotada de voz acariciadora.

Na *Carmen*, o alentado physico da Sra. Fanny Anitua entrou em luta com a leveza e desenvoltura exigidas pela personagem, resultando d'esse duello a victoria da cantora, o que já não é pouca coisa!...

O papel de Escamillo, fê-lo o baixo Cirino, e a contento. Thea Vitulli, joven cantora, dotada de voz apreciavel, conquistou applausos que compensaram os apuros em que se viu ao lado de um D. José (Sr. Cortis), dono de bella voz, mas acanhado no papel.

Nas operas *Marouf* e *Fortunio* trabalhou o quartetto francez, composto dos Srs. Francell, tenor; Bourdon (barytono), em *Fortunio*, e Frederico Nascimento (tambem barytono, e brasileiro (1)) no *Marouf*.

A estréa deste artista fê-l a revelação de que pôde encarregar-se sem receio de partes primá-

rias, pois dispõe de voz excellente, bem educada, dicção impecavel e qualidades de intelligencia que lhe facilitam as mais perfeitas interpretações.

Seus collegas, Madeleine Bugg, soprano e Paul Payan, baixo, do quartetto francez, souberam honrar a nomeada que os acompanha.

Num rapido retrospecto de seis recitas, ainda ha a notar a inclusão do festejado baixo brasileiro Mario Pinheiro, no *Rigoletto*, em que fez um apreciavel Sparafucile.

Dis, a *Vol d'oiseau*, o que ouvimos. O que vimos e apreciamos foi, na maioria das operas executadas, côros regulares, orchestra obediente à regencia de Marinuzzi, bailados a rigor e deslumbrantes scenarios!



PIANISTAS E VIOLINISTAS

QUATRO antes do inicio da temporada lyrica no "Municipal", muito antes de apreciarmos, num deslumbramento de luzes, côros e sons, a

magia das inspirações de compositores allemães, francezes e italianos, varios recitas foram realizados nesta capital, por artistas consagrados no velho mundo.

Ouvimos pianistas como Ignaz Friedmann, possuidor de excellente escola e de uma technica assombrosa; Maria Carreras, uma encantadora estylista; Luba d'Alexandrowna, colorista admiravel!

Os amadores da boa musica tiveram a suprema felicidade de apreciar por estes tres vultos do piano as mais interessantes evocações dos classicos, dos romanticos e dos modernos poetas do som, que, no teclado, percorrem toda a escala das emoções, affirmando a origem e a essencia divinas da musica!

A seguir a estes tres vultos artisticos, um patricio, — Edgardo Guerra —, enalteceu o nosso patriotismo, conquistando da illustrada e numerosa assistencia que compareceu ao seu recital as honras de legitimo continuador das glorias de Veseey, Micha-Elman, Kreissler e tantos outros *virtuosos* do violino.



MARIA LUIZA DE AZEVEDO

JOVEM VIOLINISTA PAULISTA

Iniciamos, em a publicação do retrato desta distincta violinista, a série dos de artistas brasileiros que honram a arte dos sons com o seu talento e com os seus estudos.

Maria Luiza de Azevedo, laureada discipula do professor Bastiani e diplomada pelo Conserva-

tório de S. Paulo, pelo que ouvimos no seu *Recital*, realizado no Salão Nobre do *Jornal do Commercio*, será, muito breve, uma brilhante continuadora das glorias de Paulina d'Ambrósio e de Nicolino Milano, duas dos muitos brasileiros que tem sabido com a sua arte honrar a sua Patria.



Argunha

14 DE JULHO DE 1789

(Desenho de Argemiro Cunha)

A Renúncia

Peça em tres actos, de Claudio de Souza,
levada a scena pela Companhia Alexandre de Azevedo.

(Vejam os numeros anteriores)

JULIANO — Vês? Não é tão facil mentir... Porque pretendeste illudir-me?

LUCIA — Sim, é verdade, não te quero mentir. Christiano esteve aqui!

JULIANO — Ah, excellente! Bella sinceridade! Sinceridade da mulher que é apanhada em flagrante, e á qual se vedam todas as portas do embuste. Muito obrigado por ella! Por que m'o occultaste?

LUCIA — Porque me tinhas ordenado que o afastasse de nossa casa. Não me pesa culpa nenhuma, como vaes ver. Acabavamos de copiar uma scena, quando fui tirar um livro da estante. Saltou-me uma barata ao collo, e, nervosa como ando, gritei, desesperadamente. Christiano passava de volta do jornal, e acudiu-me...

JULIANO — Como as mulheres engendram rapidamente historias!

LUCIA — Juro-t'o. Podes perguntar a Carmela.

JULIANO — Excelente testemunha: as vizinhas, as comadres. E' a comparsaria obrigada.

LUCIA — Mas, emfim, que queres insinuar com tudo isso?

JULIANO — Até que horas esteve Christiano aqui? Responde-me, responde-me com verdade!

LUCIA — Não sei. Até pouco antes de chegar.

JULIANO — E quantas outras noites tem estado aqui, para retirar-se pouco antes de eu chegar?

LUCIA — Que tens? Que olhar é esse?

JULIANO — Quantas? Quantas noites mais?

LUCIA — Juliano, Juliano, tens coragem de suspeitar-me?

JULIANO — Quantas, quantas? (*Agarrando-a pelos pulsos*) Desde quando esse miseravel é teu amante, e ambos zombam de mim, de minha cegueira, de minha inconsciencia?

LUCIA (*Tentando libertar-se*) — Juliano! E' uma infamia!

JULIANO — E riam-se com certeza de minha ingenuidade, que se não tinha apercebido que todos os contos que eu assignava, que as comedias pelas quaes me applaudiam, eram escriptas não por minha mulher, mas por seu amante, para que maior fosse meu ludibrio, para que na historia dos maridos idiotas meu caso pudesse honrar seus creadores, pelo muito de inedito que lhe emprestaram! Ah, mas agora dou accordo! (*Com um riso máo de quem na propria desgraça encontra maldade para semear*) De modo que toda sua apregoada intelligencia, todo seu talento, sua inspiração, sua litterice eram obra d'elle, apenas d'elle! (*Rindo sempre*) E eu que cheguei a ter pela senhora respeito idiota, que cheguei a suppor-me ridiculo deante de sua superioridade, que cheguei a acatar sem discussão muitas vezes sua opinião... Eu, que andava rastejando pela casa como um animal domestico deante (*com emphase ironica*) da superioridade intellectual de minha esposa! (*Com a satisfação de quem desce um peso que o torturava*) A tua superioridade! Ah... ah... ah... (*Seu riso é duro, seus labios abrem-se num golpe de navalha, dos olhos escorre-lhe a peçonha*) Ah!... ah!... ah!... Era elle... o canalha... eras tu a rufian... tu que im-

pingias aquillo como teu... e não eu. Eras tu a ridicula... Ah!... ah!... ah!... Chega a ser allivio para mim despir esta roupa de palhaço, de pantomimeiro, e offerecel-a a quem a merece!... (*Muda de tom*) Mas dispo-me desse ridiculo para vestir-me com outro ainda peor... Sim, porque afinal de contas o publico não quer saber disso, e não posso ir gritar-lhe que tudo quanto assignava era escripto não por minha mulher, mas pelo amante de minha mulher!... Ah! fizeram-n'a boa, não ha duvida, fizeram-n'a de artistas... Vamos, fala, fala!

LUCIA (*Em tom sereno, de replica altiva*) — Esperei que se calasse... Queria ver até onde ia seu prazer satanico de aniquilar todas as fontes de nobreza de minha pobre alma. Agora, digo-lhe: Basta! Tenho supportado resignadamente toda a triste vida que o destino me talhou... Tudo... tudo... Mas agora, que o vejo voltar-se para o que de mais puro, de mais alto, de mais delicado, de mais sensivel tem surgido de minha pobre alma, intimo-o a que se cale (*Profundamente ferida em seu orgulho litterario, que é de todas as hypertrophias da personalidade a mais exagerada*). O que escrevi, o que lhe dei a assignar era meu, apenas meu... Vale alguma cousa?... é meu! (*Com orgulho*) Vale muito? é meu... vale muitissimo?... é meu... apenas meu... Nada vale?... (*Mais alto ainda*) é meu... Vale menos que nada?... é meu... ainda menos que menos?... nada?... nada?... nada?... pois ainda é meu, orgulhosamente meu, ciumentamente meu, maternalmente meu... sim... maternalmente... defendo como as mulheres sabem de-



Coffure Modes

Uma senhora bem penteada será sempre uma mulher elegante e de bella apparencia.

Meias de seda qualquer senhora pôde comprar, mas muito poucas saberão pentear-se artisticamente.

A CASA DORET offerece o mais lindo sortimento de penteados, o conhecimento de todos os segredos da sua arte, uma casa confortavelmente installada, pessoal competente, todas as novidades em travessas para penteados, bem como toda essa serie infinita de pequenos nadaes, que tornam a mulher attractiva e encantadora.

A. DORET
— RUA RODRIGO SILVA, N. 5 —
Tel. Central 2431



CASA JARDIM
Importação e Exportação
Trabalhos em Flores Naturaes
Ornamentações Artisticas
Guimarães, Waldemar & C.
Coroas, Cestas, Palmas e Bouquets de noivas
SEMENTES DE FLORES E HORTALIÇAS
38, Rua Gonçalves Dias, 38
TELEPHONE CENTRAL 2852
RIO DE JANEIRO



**BOLSAS
LEQUES
LUVAS**

TEMOS SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES — A ANTIGUIDADE E A SERIEDADE DE NOSSA CASA FAZEM QUE SEJA A PREFERIDA DAS ELEGANTES DAMAS BRASILEIRAS. TEMOS TAMBEM UM GRANDE SORTIMENTO EM GRAVATAS, MEIAS, ETC.

CASA

R. FORMOSINHO & Cia
— RUA GONÇALVES DIAS, 64 —
— — — RIO — — —



EM TODA CASA DE FAMILIA
DEVIA EXISTIR UMA

CORONA

(A machina de escrever portatil)

O dono da casa poderá utilisal-a para acabar com socego o trabalho que não pôde completar no escriptorio.

A dona da casa pôde escrever a sua correspondencia social com menos cansaço e sem prejudicar o efeito, pois a CORONA na America e na Europa é adoptada pela élite social.

As crianças poderão praticar durante o dia, aprendendo cedo uma cousa hoje em dia indispensavel em qualquer ramo de actividade.

A CORONA é simples e qualquer pessôa sem pratica pó de manejal-a sem dificuldade.

CASA PRATT

R. OUVIDOR 125

Tel. Norte 2020

QUE PRECIOSIDADE CONTÉM
ESTA CAIXA?

Precioso? Só conheço o segredo
do toucador das damas elegantes:
O PÓ de arroz GRASEOSO
de

MENDEL

O mais adherente e perfume do
Vende-se em todas as boas perfumarias
e casas deste ramo de commercio.

PÓ GRASEOSO de MENDEL

PÓ GRASEOSO de MENDEL

fender o que lhes vem do ventre, quanto mais o que lhes brota da alma contra a sanha dos máus... Sim... porque nossa desgraça foi essa, apenas essa... Por onde meus olhos se abriam fechavam-se os seus... para o que o meu ouvido distinguia, mouco era o seu... e meus olhos viam perder-se o que os seus mal adivinhavam... e meus ouvidos ouviam o que os seus nem suspeitavam... E assim, aos poucos, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, minha vida ruiu... ruiu... ruiu... ruiu... (Termina em soluços).

JULIANO (Com ironia malvada) — Faze-te vítima! E' o supremo recurso das mulheres! Uma scena! Uma scena tragica que corôe tão longa comedia! Arranquei-te a confissão, e basta-me.

LUCIA — Não confessei cousa alguma. Cousa alguma tenho que confessar.

JULIANO — Eis porque se fingia resignada ao saber de meus outros amores, e simulava passar as noites em claro para trabalhar pela casa, com o que me commovia e melhor escondia sua perfidia! Não é assim? Vamos, responde-me!

LUCIA — Nem uma palavra mais direi.

JULIANO (Agarrando-a novamente) — Ha quanto tempo, dize-me, esse homem é teu amante? Vamos, responde-me! Não te lembraste, desgraçada, que por ti sacrifiquei meu futuro, para assim enlameares o nome honesto que te confiei, para te deitares como mulher perdida no primeiro leito que te propuseram?

LUCIA — Oh, não! Basta! Basta! Ouve, então, já que assim o queres! Tu é que não te lembraste que aproveitaste de um momento de lethargia em que me mergulhára a maior dôr de minha vida para saqueares meu corpo do mais precioso thesouro que possuia: minha virgindade! Que, em seguida, satisfeitos teus caprichos, me quiseste atirar a um canto, como trapo servido, bagaço, lixo. Si quero a Christiano como a um irmão, é porque foi elle que se apiedou de mim naquelle momento, e te obrigou a que cumprisses o dever.

JULIANO — Cada vez mais te enredas, como todo o culpado! Como podias saber daquillo senão em intimidade de alcova, quando Christiano me jurára que nunca se separaria daquelle segredo? Abrem-se a meus olhos duas pustulas, tú e elle!

LUCIA — Não foi Christiano quem m'ô disse. Fui eu que ouvi de um quarto vizinho aquella horrivel conferencia da amizade e da traição! E ape-

zar de a ter ouvido, com lagrimas no coração e sangue nos olhos, a alma cheia de revolta, tive que fingir até hoje que a ignorava, por decoro, por pudor, por vergonha de mim mesma, e porque não devia recusar a mão que era a unica que me podia salvar da deshonra! E levei mais longe meu sacrificio: procurei vencer a repugnancia que seu acto me causára, e tentei perdoar-lhe e amal-o. E para isso dediquei-me áquella só idéa, nella me concentrei. Com que resultado? O de me ver sempre humilhada! E ainda assim defendeu-me o sentimento de honestidade, do dever. Pois é esse sentimento que o senhor, na ancia de tudo espesinhar, calca aos pés!... Não permittirei, porém, que me insulte nas lagrimas de meu mais cruel sacrificio...

JULIANO — Bravos! Não lhe conhecia tal talento de representar! E' tudo inutil, porém. O acaso incumbiu-se de desmanchar todo seu artificio, e o miseravel que abusou de minha casa e de minha confiança pagar-me-á caro... com a vida! Matá-lo-ei como a um cão.

LUCIA — Não, não lhe tocará num só fio de cabelo!

JULIANO — Ah, sim? Ameaça-me com o escandalo? Irá gritar a toda a gente que minha reputação literaria fel-a seu amante, de collaboração com minha fiel esposa? Não supponha que isso detenha, e que me vá limitar á separação, para atiral-a aos braços de seu amante! Vou procural-o em sua propria casa, e, antes que se possa defender, mato-o como a um cão. (Vae tomar o revólver).

LUCIA (Saltando sobre o revólver) — Não... não o fará... asseguro-lhe, porque me terei eu matado!

JULIANO — Mais uma scena! Não é sem razão que suas peças têm tido exito. Confessa, então, que é seu amante, que chega a querer sacrificar-se por elle?

LUCIA (Encostada á mesa, a mão sobre o revólver, a cabeça alta) — Nada tenho que confessar, já lhe disse.

JULIANO — Confesse, ao menos, que o ama, porque é preciso que se ame para se chegar a esses excessos tragicos.

LUCIA — Ainda que o amasse, meu sentimento de honra impediria de o dizer a mim mesma, menos ainda a alguém. Mas por que me tortura as-

sim? Não sente a sinceridade com que lhe falo? Quer que lh'o jure? Juro-lh'o por tudo quanto me é mais sagrado... Pela memoria de minha pobre mãe! (Deixando a arma sobre a mesa) Oh, meu Deus, que martyrio!

JULIANO — Conheço, infelizmente, de data recente, taes transportes! A outra, a quem ha pouco se referiu, fazia-m'os, tambem, e com igual calor!

LUCIA (Revoltada) — Oh! Não me confunda com uma mulher que se vendia, que o encheu de dividas, e para cujos vicios, eu, no meu Calvario, devia obter o dinheiro! Respeite, ao menos, meu silencio, e seu nome que se uniu ao meu!

JULIANO — Uma mulher que retém o amante em casa até altas horas da noite, e que pretende ainda cantar uma palinodia de honra a seu marido, que mais é que uma...

LUCIA — Miseravel! Monstro! Cale-se! (Já agora sua attitude é de superioridade, de energia, de commando.)

JULIANO (Avançando para ella) — Insulte-me! Vamos!

LUCIA — Ha homens que merecem mais que a traição, si nós, mulheres, não tivéssemos dentro de nós mesmas força para os soffrer.

JULIANO — Então, confessa, não é verdade? Eu merecia, merecia ser trahido, e por isso me trahiu com o primeiro que me entrou á porta! Ah, perdida, perdida!

LUCIA — Bata-me, bata-me! Que espera, covarde?

JULIANO — Cale-se, infame! (Agarra-a pelos cabelos e bate-lhe.)

LUCIA — Oh, monstro!... Monstro!... monstro!...

SCENA X

Os mesmos e Christiano

CHRISTIANO (Que apparece á porta, precipitase em scena, atirando á mesa um livro que traz na mão) — Pára, miseravel!

JULIANO (Deixando Lucia) — Chegaste a tempo, salteador! (Toma o revolver e aponta-o a Christiano.)

CHRISTIANO (Atirando-se a Juliano) — Defende-te, assassino!

LUCIA (Desviada) — Christiano! Juliano!

TYPHO, DYSENTERIA, etc.

evitam-se com os

Filtros, Talhas, Moringas

e Copos

SALUS

Representante
G. BUEHLER
Rua S. Pedro, 72—1º andar
Rio de Janeiro

Santelmo

O Rei dos Sabonetes
Guitry-Rio.

O DEPIILATORIO
"ERITIS"
DESTROE
OS CABELLOS
SUPERFLUOS

CAIXA 5,000
PELO CORPEIO 6,000

CASA ERITIS - CABELLEIRO para ENHORAS
RUA URUGUAYANA 78 - TELEF. 1313 C.
CATALOGO A PEDIDO

Pó Azul

EIS
A PAZ
DAS FAMILIAS COM A
DESTRUICAO
DAS BARATAS

EM TODAS AS DROGARIAS

Fabricação: HORTHETHERAPIA IRLDO BRASILEIRA DE MATTA & C.
Rua do Príncipe, 9-11 - São Paulo - Laboratório: Rua do Carmo, 12

(Rápida luta. Christiano subjuga Juliano, e toma-lhe a arma. Lucia agarra-se com Christiano, e procura impedir que elle atire contra Juliano.)

LUCIA — Oh! Não, por piedade! Por piedade!

JULIANO (Endireitando-se) — Has de pagar-me... infame...

CHRISTIANO (Abejando Juliano) — Nem um movimento mais!

LUCIA — Christiano! Por piedade!

(Christiano tranquilliza-a com um gesto).

LUCIA — Juliano suspeitou-nos.

CHRISTIANO — Não se defenda. Basta de humilhação. Fui, até agora, o cão de guarda que, apenas, defendia de longe sua felicidade. Sou, agora, o que ataca. Abandone esse homem que a maltrata. É deante d'elle, com a coragem que lhe falta, que a convido para deixar a vida infeliz que arrasta. Não lhe proponho senão que vá viver com os meus, longe daqui. Saberei respeitá-la como uma irmã mais moça, e mais infeliz! Que espera?

LUCIA — Obrigada, Christiano. Continuarei aqui. E' onde me retem o dever.

CHRISTIANO — Vejo, então, que o ama, apesar de tudo! Sim, só o amor, mesmo o amor de quem ama inconscientemente, pôde operar desses milagres... Dever!... Dever!... Não!... E' um pretexto de amor que se sente humilhado e que não quer morrer... Adeus, Lucia! Adeus, e para sempre!

LUCIA — Christiano... Não é possível...

CHRISTIANO — Adeus! (Sae precipitadamente.)

JULIANO (Logo que se vê livre do espantelho) — Mais uma scena de comedia! Não creiam que me deixo illudir assim!

(Interrompe-o um estampido.)

LUCIA — Meu Deus! Meu Deus! Christiano! (A Juliano) Ouça: é a sua resposta! Meu Deus! Meu Deus! (Chega á porta e dá com o cadaver de Christiano) Christiano! Christiano! (Sae.)

JULIANO (Que acode) — Que tolice de homem! Matou-se!... Podia ter-se explicado!

LUCIA (Que assoma á porta e abraça-se á cabeça de Christiano) — Christiano! Christiano! Morto... morto... (A Juliano) Eis a sua obra! (A chorar) Meu grande amigo...

JULIANO — Podia ter-se explicado...

LUCIA (Limpando a cabeça de Christiano) — Homens como este não se explicam. Sabem morrer com o heroismo com que viveram.

JULIANO — E' preciso chamar alguém... (Sae.)

LUCIA (A olhar, amorosamente, a cabeça de Christiano) — Christiano! Christiano! Meu grande amigo. Já agora te posso dizer, quando não mais me podes ouvir: Sou uma desgraçada... uma pobre infeliz... que te amava em silencio... Meu pobre Christiano!... (Beija a cabeça de Christiano) Amo-te... Amo-te!...

PANNO

(FIM DO 3º E ULTIMO ACTO)

Folk-lore onomatopaico

POR JOÃO DO NORTE

(FIM)

mas não representam sozinhas esses bichos, mas a mimica que as acompanha e as inflexões gutturales do cantor completam a illusão necessaria. Nessas cantigas se procura representar vocalmente e mimicamente todas as impressões sensiveis. Agumas, deixando de parte o arremedo dos animaes, ascendem a imitações mais difficéis e mais bellas: o desabrochar das flores, a chuva que cae sobre as folhagens, o vento que agita os ramos, etc. E na multiplicidade espantosa dessas canções chinezas, que se encontram mais degeneradas e mais pobres em todo o Oriente antigo, se verifica que "a mimica figurava aos olhos o que o canto desenhava oralmente."

E' justamente este phenomeno o que ha de mais curioso a constatar no nosso pequeno reizado dos bichos, pois quem imita a voz do gallo, claugorando — Christo nasceu! imita tambem, ao mesmo tempo, com os braços, o bater de azas do bicho que lembrou a S. Pedro os seus deveres. E nas vozes dos outros a mimica acompanha da mesma forma a emissão dos sons que imitam o balir do carneiro, o berrar da cabra ou o zurrar do burro.

Cutisol Reis

unico usado para a barba, pannos, cravos, sardas, espinhas. etc.

Depositaríes: ARAUJO FREITAS & C. — Rua dos Ourives n. 88



OS MAIS RECENTES MODELOS PARISIENSES,
APRESENTADOS PELAS ARTISTAS EXIANE,
RÉGINA CAMIER, NAPIERKOWSKA E
LUCIENNE GUETT



CASA ISIDORO

30% Economisa V. Exa
adquirindo modas,
sedas e tecidos finos,
nesta casa actual-
mente.

Rua 7 de Setembro, 99
RIO



CASA LEONARDOS

OBJECTOS PARA USO DE CASA, EM PORCELLANAS, FAIANÇAS, VIDROS, CRYSTAES, CHRISTOFLES E METAES DAS MELHORES FABRICAS DO MUNDO. —

RECEBIDOS DIRECTAMENTE

Grande variedade de objectos para presente em faience e porcellanas artisticas, ricos crystaes lapidados e muitas outras novidades no genero. Somos representantes exclusivos da

FAIENCERIE

DE DELFT

Fabrica Real de Delft



VASO DE DELFT

Temos os mais variados desenhos

João Bernardo & Cia.

Rua do Ouvidor, 88 - Rio

CAIXA POSTAL 1061

TEL. NORTE 3495

Tamaki-Miura no Rio

Tamaky-Miura, a interessante cantora japoneza, a gentil e soffredora *Mme. Butterfly*, que ora se apresenta aos applausos do Municipal, já conhece alguma cousa do Rio, onde vem pela primeira vez. Em palestra com um jornalista, Tamaki-Miura, depois de referir-se ás justas homenagens que lhe têm sido prestadas, em palavras encantadoras, disse ter aqui encontrado um pouco de sua curiosa patria.

Foi num dos seus ligeiros passeios. Attrahiu-lhe a attenção a palavra *Nippon*, á porta da casa 55 da rua Gonçalves Dias e entrou, suppondo encontrar algum compatriota. Não encontrou. No emtanto, disse

ella sorrindo, tive a impressão de que um pedaço de meu paiz estava ali. Todos os objectos (e são tantos e tão interessantes) que a adeantada industria japoneza produz, a *Casa Nippon*, a unica que tem a exclusividade, expunha á venda.

E quem quizer ver, terminou Tamaki-Miura, o que o Japão tem de delicado, de curioso, de lindo, ali encontrará.

CARTAS DE FERNANDA E LAURA (FIM)

Não penses que delles precise pelos motivos futilissimos allegados no fim da tua carta... mas por outros, mais altos! Eu preciso que me digas o que sabes, e que me sirvas de confidente. Eu pre-

ciso desabafar, expandir-me, chorar; eu preciso deixar de pensar, deixar de suppor, deixar de soffrer; eu preciso emancipar-me de mim mesma...

Tu alludiste á monstruosa mudança de personalidade que se opera em mim, e falaste de uma alma de emprestimo... Não, Fernanda; eu não escondo a minha alma verdadeira, antes pelo contrario: todo o meu esforço doloroso é feito no sentido de a revelar aos meus e aos olhos alheios... Mas não o consigo na solidão em que me encontro, sem uma amiga, um parente, uma irmã... Não o consigo sem alguém que se debruce para mim com curiosidade interessada, me tome as mãos com meiguice, e me diga com carinho as palavras singelas de amor e de bondade de que preciso tanto, tanto, tanto! Perdoa-me.

LAURA.

BAZAR AMERICA



Finissimos objectos para presentes
Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Urugayana, 38 - 40

Casa Schmitt

FUNDADA EM 1876

TELEPH. Central 2749

Perfumarias e Cutelarias finas
Cabelleireiro especial para
Senhoras e crianças,
Applicação de Henné,
Ondulação Marcel.

— RUA GONÇALVES DIAS, 51 —

Telephone C. 2749

Antenor, Peçanha & C.



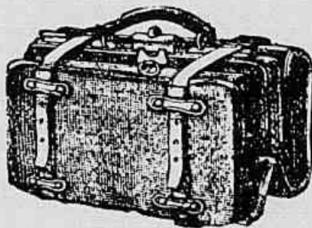
Livros, revistas e jornaes

ULTIMAS NOVIDADES—Livros francezes: *Les Aveux, en 12 Confidences*, 4\$200; *Elise*, por René Boylesve, 6\$600; *Le Tennis*, por Mlle. Lenglen, 7\$200; *Le Lac Salé*, por Pierre Benoit, 6\$800; *Nicole Maman*, de Mathilde Alanic, 6\$800; *Au Pays des Moulins*, por Paul Fort, 6\$600; *Napoléon et Les Femmes*, por Frederic Masson, 18\$000; *Une Folie Jeunesse*, por Charles Foley, 6\$200. Revistas francezas: *Science et la Vie*, 3\$000; *Je sais tout*, 3\$500; *Lecture pour tous*, 3\$500; *L'illustration*, 2\$200 e 3\$000; *La Revue de France*, 4\$000; *Revue de Paris*, 4\$000; *Vie Parisienne*, 1\$500; *Fantasia*, 1\$200; *Vie au Grand'air*, 4\$000; Diarios ultimos chegados. Livros inglezes: *Denys the Dreamer*, por Katharine Tyuan, 4\$500. *The Graftons*, por Archibald Marshall, 4\$500; *The Adventurous Lady*, por J. C. Smith, 4\$500; *The Tatt Villa*, por Lucas Mallet, 4\$500; *New Wine*, por A. C. Clastle, 4\$500. Livros Italianos: *Il Libro della Poesia Greca*, por E. Romagnoli, 19\$000; *Poesie*, por Shelley, 8\$000; *Né Bella, né Bruta*, por Moreti, 6\$500; *Forse Che Si, Forse Che No*, de D'Annunzio, 5\$500. Revistas Italianas: *Il Secolo XX*, 1\$000 e 1\$500; *Illustrazione Italiana*, de 2\$000 a 3\$000; *Sport Illustrate*, \$800. Livros portuguezes: *A Perola Vermelha e o Pescador de Perolas*, 2 volumes, de Emilio Salgari, 6\$000; *Prazers Secretos*, 2\$500; *Entrevistas Amorosas*, 1\$000; *O Medo de Casar*, 1\$000; *Os Mystérios do Polo Norte*, 3\$000; *Amar, Gozar, Morrer*, 1\$500. Revistas brasileiras: *Eu Sei Tudo*, 2\$000; *Scena Muda*, 1\$000; *Leitura para todos*, 1\$500; *O Economista*, 1\$500; *Revista da Lingua Portuguesa*, 5\$000. Revistas hespanholas: *Hojas Selectas*, 3\$000; *Mundo Científico*. Livros hespanhoes de diversos autores, entre os quaes os de Pio Paroja, Caballero Audaz, Anton del Olmet, Blasco Ibanez, Amado Nervo, Vargas Villa, Alberto Insua, Lopez de Haro, Gomez Carrillo, Zamacois e José Mas. Melhores poesias lyricas; pregos variados. Figurinos: *Paris Elegant*, 4\$000 e 5\$000; *Grande Mode de Paris*, 4\$000 e 5\$000; *Cachet de Paris*, 3\$500; *Miroir des Modes*, 2\$000; *Chic Parisien*, 9\$000; *Grande Mode Parisienne*, 7\$000; *La Mode Parisienne*, 4\$000; *Le Gout à Paris*, 3\$000; *Revue des Modes*, 2\$500; *Revue Parisienne*, 6\$000; *Le Livre de la Mode à Paris*, 3\$500; *Chic et Simplicité*, 1\$500; *Toilettes Parisiennes*, 3\$000; *La Femme Chic à Paris*, 4\$000 e 5\$000; *Chiffons*, 2\$200; *L'art et la Mode*, 2\$200; *Novelle Mode*, \$800; *Les Modes de la Femme de France*, 1\$200; *Royal*, 4\$500; *Elite Styles*, 4\$500; *Weldone*, 2\$500; *Vogue*, 6\$000. Jornaes para bordados: *Broderie Illustrée*, \$800; *Broderie Blanche*, \$800; *Broderie Pratique*, 1\$500; *Broderie Lyonnaise*, 1\$500; *Broderie Pour Tous*, 1\$500; *Modes et Travaux Feminins*, 1\$800; *Bordados Selectos*, \$800; *Ouvrages des Dames*, 6\$000. Albus de musica: *Mozart*, *Beethoven*, *Claude Debussy*, *Offenbach*, 7\$000 cada um. Edições da casa: *Nossa Terra*, peça em tres actos, de Abadie Faria Rosa, 2\$000; *Louge dos Olhos*, peça em tres actos, de Abadie Faria Rosa, 3\$000; *Nossa Gente*, de Viriato Correia, 3\$000; *Mal Metaphysico*, romance de Manuel Galvez, tradução, 4\$000; *Endymião*, de Celso Vieira, 4\$500; *Segunda Patria*, 2\$000; *A' margem da Musica*, de Julio Reis, 1\$500. No prelo: *Preldio do Meu Estro*, por Drummond; *Musica de Paucadaria*, de Julio Reis; *Prosas Rebeldes*, Saul Navarro. Todos os pedidos devem vir acompanhados de \$800 para o Correio, nos livros; e de \$600 nas revistas. Vendas por atacado e a varejo. Pedidos á Casa Braz Lauria, Rua Gonçalves Dias n. 78, Telephone Norte 1968, Rio de Janeiro.

CASA MARINHO

Grande Fabrica de Malas e outros Artigos para Viagem

Premiada na Exposição Nacional de 1889, na Exposição Universal de Paris em 1889, na Academia Universal das Bellas Artes de Bruxellas, com o Diploma de membro fundador e me-



dalha de 1ª classe, na Exposição de S. Luiz, America do Norte em 1904, (com o grande premio), na Exposição Nacional de 1908, com o grande premio, o qual recusou.

E' a unica casa que fabrica as malas de madeira de Cedro, onde não dá bicho

Malas de sola, chapa, carneira e lona. Encarrega-se de qualquer encomenda e concerto;

PREÇOS BARATISSIMOS

Cadeiras, saccos, estojos e pastas para advogados, bolças para senhoras e muitos outros artigos

PARA USO DOMESTICO

FABRICA E DEPOSITO

66, RUA SETE DE SETEMBRO, 66 — antigo 34 e 36

MANOEL JOAQUIM MARINHO

RIO DE JANEIRO

VIA
COLON



VIA
ALL AMERICAS

ALL AMERICA CABLES INCORPORATED.

Direct submarine cable communication with all parts of the world.

MARK YOUR CABLEGRAMS VIA COLON OND FILE THEM AT THE OFFICES OF THE COMPANY AT

RIO DE JANEIRO: Corner Rodrigo Silva and Sete Setembro

SANTOS: Rua 15 de Novembro 175

BUENOS AIRES: Calle San Martin 295

MONTEVIDEO: Calles Zabal y 25 de Mayo.

OR AT ANY OFFICE OF THE NATIONAL IN OTHER CITIES OF BRASIL.

ROUTING DIRECTIONS TRANSMITTED FREE



OCULOS E PINCE-NEZ

Devem ser feitos com toda a exactidão e cuidado; devem estar em perfeita relação com a phisionomia e os olhos de quem os usa, de contrario, prejudicam a visão.

Um oculo ou pince-nez deve ser o complemento necessario a recéita que o medico oculista prescreve.

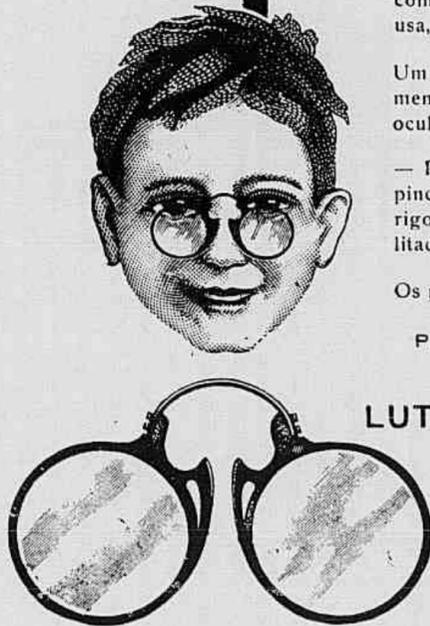
— Podemos garantir que todo o oculo ou pince-nez que entregamos é confeccionado rigorosa e scientificamente por pessoal habilitado e por isso absolutamente perfeito,

Os nossos preços estão ao alcance de todos.

Primeiro Instituto Sul Americano de Optica e Instrumental Cientifico

LUTZ, FERRANDO & Co. L.TDA

RUA GONÇALVES DIAS, 40
RIO DE JANEIRO



Thesy - Thesy - Thesy
Maison Thesy
Chapeaux modèles
Dernières créations

Rua 7 de Setembro, 135

CASA LINO

CALÇADOS DE LUXO

Ultimos modelos em
todas as côres

Rua 7 de Setembro, 135

Telephone C. 5438
RIO

C. LAUBISCH, HIRTH & C.

FABRICA DE MOVEIS

Decoração geral de interiores artísticos por architectos da casa

Importante stock
de sedas
Tapeçaria fina
Moveis de couro e
cortinas na mais
alta perfeição

RUA RIACHUELO 83/87

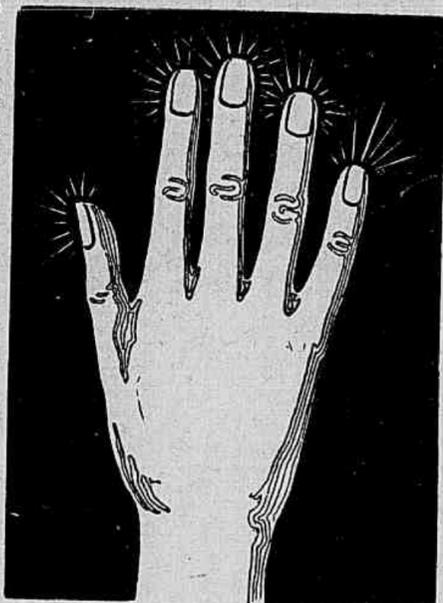
Tel. C. 4754
RIO



O RIO, DOS ARES — ILHAS DE SAPUCAIA E BOM JESUS. AO FUNDO, MANGUINHOS.

UNHOLINO

Com o uso constante do UNHOLINO as unhas adquirem um extraordinario brilho e linda cor rosada, que não desaparecem, mesmo depois de muitas lavagens das mãos.



Tijolo 1\$000
 Pó 1\$500
 Verniz 2\$000
 Pasta 2\$500

Pelo correio mais 500 rs.

Cuidado com as muitas imitações, todas prejudiciaes ás unhas e á pelle.

A' VENDA NO DEPOSITO GERAL:

Perfumaria A' GARRAFA GRANDE

RUA DA URUGUAYANA, 66

Exijam UNHOLINO

SSS

Alta novidade



O melhor e mais fino dos Talcos: no acondicionamento o mais elegante.

O Frasco de vidro fosco é um verdadeiro adorno para a mesa de toilette. A quantidade de Talco

é quasi o dobro das latas communs.

Preço..... 5\$000
 A VENDA EM TODA A PARTE.

A maior fabrica do mundo de artigos dentarios.
 O mesmo Talco em latas, vende-se a.... 2\$500

S. S. White Dental Mfg. Co. of Brazil

BIOTONICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE
 TORNA OS HOMENS VIRIS,
 AS MULHERES FORMOSAS
 E AS CRIANÇAS ROBUSTAS

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

Depositario: PLINIO CAVALCANTI
 RUA SENADOR DANTAS, 45 — Rio de Janeiro

DRUGAS
 a
PREÇO FIXO

RUA 1º DE MARÇO 14.16.19
 RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 31
 RUA CONDE DE BOMFIM, 302.304

Granado & C.

Deseja fortalecer seu filhinho

quando magro, SALVAL-O quando doente, ALIMENTAL-O BEM ou auxiliar a amamentação na falta do leite materno?

Um dos Cremes Infantil em Pó dextrinizado (12 variedades), com digestão quasi feita, acompanhado de CONSELHOS muito uteis e á venda em todo o Brazil, preenche a primeira condição. LEITE ALBUMINOSO, para os casos benignos, rebeldes ou gravissimos (app. dig. orig. alim.), é eficaz e surpreendente para a segunda (Exportavel). LEITE INFANTIL, homogeneizado, esterilizado, 80 % mais digestivel que o leite commum, hoje usado por mais de MIL creanças, é o ideal para o ultimo caso e a prova é que como o ALBUMINOSO nada custa se não fôr bom o resultado. Não faça mais experiencias, alimente bem o seu filho, a robustez vem do berço e é um começo de fortuna. Quando doente, não espere a doença progredir. — Dr. Raul Leite & Cia.

RUA GONÇALVES DIAS, 73



A Moda para todos

Nos nossos sortimentos,
sempre variados, sempre mo-
dernos, sempre renovados,
congraçam-se a Elegancia Fe-
minina e Masculina, procla-
mando as vantagens de

VESTIR

NO

Parc'Royal

A Maior e a Melhor Casa do Brasil

1915
Parc'Royal